

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC SP

Gisele Falanga Capela Fabreti

A VIVÊNCIA DA SOMBRA NA RELAÇÃO FRATERNA FEMININA:

Um caminho para a individuação

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO

2010

Gisele Falanga Capela Fabreti

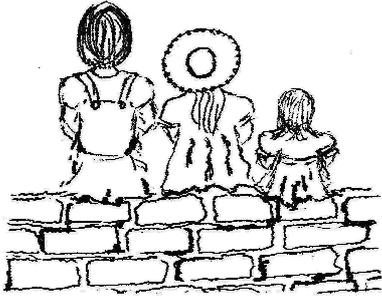
A VIVÊNCIA DA SOMBRA NA RELAÇÃO FRATERNA FEMININA:

Um caminho para a individuação

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob a orientação do Prof. Dr. Durval Luiz de Faria.

SÃO PAULO

2010



A Vivência da Sombra na Relação Fraternal Feminina: Um caminho para Individuação

Gisele Falanga Capela Fabreti

Errata:

1. Página 11: último parágrafo. "Sandmaier (1994) concorda...". Leia-se: "Sandmaier (1994) anteriormente já tinha destacado...".
2. Página 13: último parágrafo. Inserir os termos "ou legal" após a palavra sangue. Leia-se: "Considera-se irmão todo aquele que é ligado por laço de sangue ou legal...".
3. Página 16: primeiro parágrafo. Substituir o termo "irmãos" na primeira linha, por "pais". Leia-se: "Por volta dos vinte anos a fratria ainda carrega os reflexos de sua relação com os pais...".
4. Página 34: última linha. Há ausência de pontuação (dois pontos). Leia-se: "Stark diz: "".
5. Página 73: décima quarta linha. Há ausência de ponto final. Leia-se: "Para Kat ele é o homem experiente, que como Zeus seduz as jovens belas e inexperientes e que as abandona frente à fúria ou presença da esposa Hera."
6. Página 73: penúltima linha. A vírgula está deslocada. Leia-se: "Ao final do filme, no casamento de Jojo, -a irmã de alma, emprestada pelas duas em diferentes momentos- sempre mergulhada..."
7. Página 83: última linha. Há ausência de vírgula. Leia-se: "As irmãs que ferem estão em descompasso e se pode ver o reflexo desta falha na horizontalidade, nas relações amorosas das irmãs."
8. Página 87: segunda linha. Após as iniciais "T.J.", o verbo atua está grafado em maiúscula. Leia-se: "T. J. atua como irmã de alma..."
9. Não consta das referências bibliográficas a obra de Kast:
KAST, Verena. **Pais e Filhas, Mães e Filhos:** caminhos para a auto-identidade a partir dos complexos materno e paterno. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
10. Página 101: quarto parágrafo, sexta linha. "A queda da persona...". Leia-se: "A queda daquela persona...".

BANCA EXAMINADORA

Orientador: _____

Prof. Dr. Durval Luiz de Faria

Examinadora: _____

Profa. Dra. Laura Villares de Freitas

Examinadora: _____

Profa. Dra. Rosane Mantilla de Souza

Para minha família.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao meu orientador Durval Luiz de Faria por ter sido meu guia ao longo deste processo, apontando caminhos quando estes pareciam tão obscuros.

Aos meus professores e colegas do Núcleo de Estudos Junguianos por partilharem seus ricos conhecimentos.

A Rosane Mantilla de Souza e Laura Villares de Freitas pela disponibilidade e pelas inestimáveis contribuições feitas no exame de qualificação.

Às minhas amigas Sonia Vidigal e Alessandra Wainstein, sempre presentes nos momentos de dúvida e nos caminhos que levam às soluções.

A Elisabeth e Eurico Capela por tornarem este caminho possível desde o início.

A Luciana Capela pelas pesquisas, leituras, ajudas e discussões.

Ao Daniel Fabreti por toda a paciência e incentivo amoroso, hoje e sempre.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender a vivência sombria no vínculo fraterno feminino, observando ainda a importância da irmã no processo de individuação da mulher.

Para isso utilizou-se do referencial teórico junguiano e da abordagem sistêmica, buscando aproximações através da análise de vivências ficcionais trazidas pelo cinema em três filmes: “Muito Bem Acompanhada”, “Em seu Lugar” e “Três Mulheres, Três Amores”. A escolha da metodologia deu-se pela constatação teórica de que a relação entre irmãs suscita muitos afetos e que os membros da fratria tendem a resguardar-se ou atacar-se em relatos, mas nas obras culturais, os autores tendem a atribuir a seus personagens grande autenticidade de afetos, mais que em biografias.

Verificou-se na análise que o vínculo diferenciado dá sustentação para a atuação da sombra, mas que é a estrutura de ego que permite ou não maior ou menor integração da sombra, promovendo mudanças de papéis familiares e na fratria, ou levando à perpetuação dos padrões arraigados.

Palavras-chave: irmãs, fratria, sombra, arquétipo fraterno, individuação.

ABSTRACT

The aim of this work is to understand the dark experience among female siblings bond, checking also the sister's relevance in woman's individuation process.

Therefore, the jungian concepts and systemic approach have been used as base to analyze fictitious experiences shown by the movies in three stories: "The Wedding Date", "In her Shoes" and "Mystic Pizza". The methodological choice has been made based on theoretical verification that relationship among female siblings brings up several feelings and members of sisterhood tend to guard themselves or attack each other on their speeches, but the authors tend to be more authentic regarding their feelings in their work compared to biographies.

In this analysis, it has been verified that this unique bond provides better conditions for the shadow to act out, but it depends on the ego's structure which allows a better or worse shadow integration, fostering family and sibling's pattern changes, or keeping up with rooted patterns.

Keywords: sisters, siblings, shadow, fraternal archetype, individuation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. IRMÃOS	18
1.1. A FRATRIA	18
1.2. VÍNCULO FRATERNAL E RELAÇÃO FRATERNA	19
1.3. A FRATRIA AO LONGO DO CICLO VITAL	23
1.3.1. Infância	23
1.3.2. Adolescência	26
1.3.3. Vida Adulta	27
1.4. A POSIÇÃO NA FRATRIA	30
1.4.1. O Irmão Mais Velho: O Primogênito	30
1.4.2. O Irmão do Meio	32
1.4.3. O Irmão Mais Novo	33
1.5. PAPÉIS ATRIBUÍDOS	33
1.6. OS OPOSTOS E A RELAÇÃO FRATERNA	34
2. IRMÃS	36
2.1. JUNG E AS IRMÃS	37
2.2. A IRMÃ COMO ARQUÉTIPO	38
2.3. A IRMÃ COMO SOMBRA	39
2.4. PAPÉIS FAMILIARES	42
2.5. A IRMÃ QUE FERIU	44
2.6. SUPERAR A DOR: CURAR AS FERIDAS	46
2.7. AMBIVALÊNCIA	47
2.8. AGRESSÃO NA SOMBRA	48
3. SOMBRA	50
3.1. SOMBRA NA FAMÍLIA	51
3.2. SOMBRA NA FRATRIA	54

3.3. ATUAR A SOMBRA	55
3.4. ANIMUS	56
3.5. INTEGRAR A SOMBRA	57
4. OBJETIVOS	59
5. MÉTODO	60
6. ILUSTRAÇÕES	65
6.1. TRÊS MULHERES, TRÊS AMORES	65
6.1.1 SINOPSE	65
6.1.2. ANÁLISE	68
6.2. MUITO BEM ACOMPANHADA	75
6.2.1. SINOPSE	75
6.2.2. ANÁLISE	79
6.3. EM SEU LUGAR	87
6.3.1. SINOPSE	87
6.3.2. ANÁLISE	95
7. DISCUSSÃO	103
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS	115

1. INTRODUÇÃO

As irmãs de Psiquê na Mitologia Grega, Rose e Maggie no filme “Em seu lugar” (2005), Daisy e Kat no filme “Três Mulheres, Três Amores” (1988), Cinderela e suas irmãs no conto de fadas dos irmãos Grimm são apenas alguns exemplos nos quais pares de irmãs e seus relacionamentos recíprocos influenciam diretamente quem são e como se relacionam com o mundo.

Fora da ficção, no cotidiano, deparamo-nos com diferentes tipos de relacionamentos entre irmãs. Há aqueles cuja natureza permite que as irmãs se sustentem mutuamente nos momentos de crise e os que se rompem diante da menor dificuldade. Há ainda as relações que, diante de eventos diversos, imediatamente revivem antigos conflitos que não foram resolvidos. Ao final, o que se percebe é a mutabilidade destes vínculos ao longo do ciclo vital e o quão importantes se mostram na construção de cada membro da fratria.

É curioso, no entanto, que mesmo diante de seu grande impacto na vida das pessoas, a ligação entre as irmãs seja um tema pouco estudado. São muitas as produções culturais que trazem as vivências fraternas, mas raras são aquelas em que o foco está efetivamente no relacionamento. Via de regra, ele aparece como pano de fundo para o drama, como apenas uma contingência.

Pensando justamente na importância deste vínculo na construção da psique feminina em geral e da personalidade de diferentes mulheres no mundo e na escassez de estudos sobre o tema, construiu-se este trabalho.

Percebe-se que realmente estudar esta relação não é tarefa fácil. Rowe (2007) em seu livro “My Dearest Enemy, My Dangerous Friend”, ainda sem tradução no Brasil, faz uma importante colocação sobre a dificuldade de se estudar a relação fraterna. São tantas as variáveis envolvidas, que o que se pode dizer com certeza sobre esta relação é que se observam tendências e padrões, mas “[...] não há uma coisa sequer que possa ser dita sobre todos os irmãos” (p.IX).

Sandmaier (1994) concorda com esta colocação e afirma:

Para cada par de irmãos, o exato peso de cada fator será diferente, como serão também seus pontos de intersecção, com cada elemento atravessando e envolvendo uns aos outros de forma que haja padrões únicos para cada relacionamento (p.24).

Hock (1999) coloca que os estudos sobre os irmãos começaram há pouco mais de um século, com o laboratório de Charles Darwin e Dr. Galton, mas ainda hoje, dentro da psicologia pode-se encontrar muito pouco material sobre o tema, seja na literatura nacional ou estrangeira, talvez com exceção dos estudos da infância e com foco na relação dos filhos com a parentalidade (HAWTHORNE, 2003). Ainda assim, os estudos encontrados com foco na relação fraterna são ainda recentes, como os de Oliveira (2005), Stark (2007), Newton (2007), Downing (2007), Bank e Kahn (1982) e Cicirelli (1995). Como possível causa para isso, Barcellos (2003) lembra que a psicanálise e o trio Freud, Adler e Jung abriu o século psicológico passado com este foco: as relações parentais. Apenas recentemente a ciência começa a mover seus olhos para novas formas de relação.

Cabe ainda colocar que dentro da Psicologia Analítica a disponibilidade de material sobre o assunto é ainda menor, em todas as fases da vida. Talvez pelo fato do próprio Jung não ter se debruçado especialmente sobre este tema, deixando apenas poucas citações sobre o assunto, mas sempre com foco na contrassexualidade (JUNG, 1989; 1997; 2003; 2007; 2008).

A relação fraterna, entretanto, existe desde que o primeiro filho do primeiro casal deixou sua posição de filho único e recebeu um irmão. O vínculo fraterno pode se constituir em um dos vínculos mais longos vividos, pois começa na infância e pode nos acompanhar até o final da vida, partilhando e construindo nossa história e identidade (OLIVEIRA, 2006; BANK e KAHN, 1982).

Esta relação é tão singular que sua natureza só se aproxima do vínculo parental. Como o vínculo entre pais e filhos, o vínculo fraterno não se rompe. Não existem ex-irmãos, ou ex-pais. A relação pode ser interrompida, mas o vínculo permanece.

As emoções que acompanham este vínculo são muito variadas e geralmente oscilam durante a vida. Interessante notar que em pesquisas realizadas como a de Gold (1989), citada em Cicirelli (1995), obteve-se dados como o que apenas 11% da amostra pesquisada categoriza o relacionamento com o irmão ou irmã como negativo e outros 11% como indiferente. Scott (1990), também citado por Cicirelli (1995), refuta estes dados com índices ainda mais positivos: 95% dos irmãos entrevistados vêem seus relacionamentos como positivos, 5% como indiferentes e 0% considera seu relacionamento hostil. Sandmaier (1994) colabora com estes

dados e aponta que menos de 6% dos irmãos chegam a romper suas relações um dia.

Assim, pode-se constatar que não são apenas o ciúme e a rivalidade os sentimentos ligados aos irmãos, como se atribui comumente, mas uma imensa gama de emoções positivas e negativas que ajudam o sujeito a se constituir, se reconhecer, se diferenciar e a construir ferramentas para o convívio social mais amplo (OLIVEIRA, 2005; AKHTAR e KRAMER, 1999, SANDMAIER, 1994).

Dentro da Psicologia Analítica, considera-se que a vivência de irmandade é arquetípica, ou seja, universal. Peay (2002) em seu livro “Soul Sisters” fala da importância desta vivência fraterna, e que, naqueles casos em que um irmão não está disponível, como nos casos dos filhos únicos, a vivência pode dar-se com um irmão de “alma”, ou seja, alguém escolhido com quem se realizará esta potencialidade. A colocação é reforçada e ampliada por Barcellos (2003):

[...] qual o verdadeiro impacto da função fraternal, constelada pela aparição simbólica do irmão, na individuação – esteja este irmão determinado literalmente por uma laço de sangue ou não?

[...]

Quero pensar que o irmão, como o Outro significativo, define, em níveis mais avançados do que aqueles do influxo de pai e mãe, meu estar no mundo, meu amor pelo mundo (p.161).

Hawthorne (2003) frisa que considera o vínculo entre irmãos diferente da amizade, pois embora a amizade esteja presente ou não no relacionamento fraterno, o vínculo existe de qualquer forma, já a amizade é voluntária. Esta visão não é excludente à de Peay (2002), já que a necessidade de realização do arquétipo pode transformar um vínculo de amizade em um vínculo de irmão.

Sandmaier (1994), apesar de valorizar enormemente as relações de amizade, frisa que “[...] um vínculo sólido com um irmão – alguém que “conhecia você quando” e que será para sempre o elo – pode promover uma confortável medida de lá no fundo pertencer, o que não se oferece em nenhum outro lugar” (p.17).

Já Burak (apud Ripps, 1994) ainda traz uma observação preciosa: “Por causa da genética única e os laços ambientais, a amizade entre irmãs pode vir a ser a mais poderosa e encantadora relação que jamais teremos (p.15).”

Considera-se irmão todo aquele que é ligado por laço de sangue a, pelo menos, um dos pais. Com as novas configurações familiares pode-se hoje falar de irmãos, meio-irmãos, co-irmãos e irmãos sociais, sendo estes dois últimos, irmãos

ligados pelo casamento dos pais e irmãos “adotados” por afinidade (OLIVEIRA, 2005; ROWE, 2007; BANK e KAHN, 1982). Para este trabalho serão considerados irmãos todas as configurações citadas.

Excluiremos, no entanto, os gêmeos, por estes apresentarem configurações, vínculos e constituições emocionais construídas de forma absolutamente singular em relação a outras fratrias por suas vivências únicas, como percebido por Bank e Kahn (1982), Stark (2007) e Ripps (1994).

A relação entre irmãs, especificamente, constitui-se de forma diversa às mistas, em que há irmãos e irmãs, e às exclusivamente masculinas. As exigências quanto a postura das mulheres e a cultura exerceram influência significativa nesta relação, onde as verdadeiras emoções não aparecem de forma tão clara e aberta como entre os homens: sentimentos hostis, agressivos, e intolerância são mais atribuídos aos homens na relação fraterna desde a infância (SILVEIRA, 2002; APTER, 2007; STARK, 2007). Interessante pensarmos no resultado destas omissões de sentimentos na constituição de cada uma das irmãs e o impacto desses padrões em suas vidas como um todo.

Por suas particularidades, optou-se neste trabalho por estudar a fratria feminina, mais especificamente díades, ou seja, pares de irmãs, pois como apontam os estudos (OLIVEIRA, 2005; BANK e KAHN, 1982), esta configuração é a mais comum dentro da fratria, não importando o número de irmãos e/ou irmãs que a constituem: “Numa fratria, os irmãos comumente tendem a se organizar em pares emocionalmente significativos, os quais podem formar relacionamentos tanto positivos quanto negativos” (OLIVEIRA, 2005, p.120).

Aparentemente os sentimentos ditos negativos encontram espaço para se fazerem presentes, mas de forma diversa: Cinderela servia as irmãs, que com o aval da mãe, atuavam sua inveja sobre a irmã. Maggie, no filme “Em seu Lugar” usa a sexualidade para encobrir sua dislexia e abusa da boa vontade da esforçada irmã Rose, que está cansada de fazer papel de mãe.

Em comum, todos estes dramas têm lugar na vida adulta. As irmãs já saídas da fase adolescente, a mais ou menos tempo, estão em sua busca por si mesmas no mundo, por estabelecerem papéis além da família e da fratria e é neste caminho que a relação fraterna serve de empurrão para a transformação dos papéis também dentro da fratria.

Sandmaier (1994) e Hawthorne (2003) afirmam que é na vida adulta que se pode, com maior eficiência, compreender a relação fraterna e transformá-la, pois antes disso, muitas vezes, a fratria está, por conta do próprio ciclo vital, envolvida com seu próprio desenvolvimento pessoal e sob forte influência da parentalidade.

Por esta razão, optou-se neste trabalho por estudar a relação da fratria feminina na vida adulta, já que se pretende observar as mudanças dos papéis neste subsistema.

A compreensão do momento do ciclo vital de cada um e da família em muito colabora para se compreender os focos de interesse e investimento emocional dos membros da família e da fratria em si. Cicirelli (1995), Carter e McGoldrick (1995) compreendem a família como um sistema emocional que abrange pelo menos quatro gerações, com suas expectativas, dramas, e cargas emocionais. Assim ao se observar uma díade fraterna, por exemplo, não se pode deixar de considerar o sistema maior em que está mergulhada, já que está sujeita a variações e emoções. Dentro da família a fratria pode estar na fase adulta jovem, os pais começando a viver o ninho vazio, ou o cuidado com os pais idosos, e os avôs sofrendo com a perda ou a doença do companheiro. São muitas emoções que perpassam o sistema familiar e que atingem em maior ou menor escala a todos.

Bank e Kahn (1982), Cicirelli (1995), Oliveira (2005), Hawthorne (2003), Sandmaier (1994), Hudson (1999), Merrell (1995) e Silveira (2002) partilham do mesmo ponto de vista no que concerne às diferenças da qualidade do vínculo na vida adulta. Segundo os autores, até a adolescência o vínculo fraterno se altera muitas vezes em função de fatores como a construção e afirmação da personalidade e intervenções dos pais na relação entre os irmãos, mas, na vida adulta este laço parece ganhar importância e persistência maior.

Importante esclarecer que a idade estipulada como vida adulta para este trabalho é a utilizada por Leder (1991), ou seja, período de vida adulta jovem (“young adulthood”) que compreende os vinte, trinta e início dos quarenta anos, o que tende a corresponder à fase da vida familiar de saída dos filhos de casa para uma vida independente, seja por conta de estudos, formação de nova família ou necessidade de independência (CARTER e MCGOLDRICK, 1995).

Leder (1991) ainda difere os vinte dos trinta anos e início dos quarenta, colocando-os em dois períodos distintos.

Por volta dos vinte anos a fratria ainda carrega os reflexos de sua relação com os irmãos, mas o foco está em ser diferente da referência parental. Os irmãos não costumam ser o foco do investimento emocional, inclusive de diferenciação, pois este já teve parte de seu processo vivido durante o final da infância e adolescência, como apontado por Oliveira (2000), ao contrário do que acontece por volta dos trinta anos, quando o jovem adulto é impelido a mudar mais uma vez, motivado pelo desejo de algo mais do que apenas vencer ou ser diferente de seus pais (LEDER, 1991; CARTER e MCGOLDRICK, 1995). A conquista de um espaço profissional, e principalmente a busca por um parceiro amoroso, passam a ser os principais objetivos da vida do jovem adulto. É nesta fase que os “irmãos reavaliam seus laços uns com os outros e também dão um longo e intenso olhar para os outros relacionamentos importantes (ou a falta deles) nas suas vidas” (LEDER, 1991, p. 76).

Verifica-se então, que o jovem adulto não tem mais como foco a diferenciação, mas a conquista de ser no mundo e de formar uma nova família. Processar emocionalmente os papéis familiares vividos pode influenciar fortemente esta nova família que intenciona construir-se.

Cicirelli (1995) reporta que os contatos entre os pares de irmãs, em especial, se tornam ainda mais frequentes na fase adulta e tardia da vida, mais do que entre pares mistos ou do sexo masculino, ainda que todos os pares passem a manter contatos mais frequentes e relatem sentimentos de maior proximidade com seus irmãos, mesmo quando o fator distância se torna um entrave para estes contatos.

Compreender a particularidade do vínculo fraterno feminino através das ilustrações oferecidas pela cultura é o principal objetivo deste trabalho, apoiado na teoria junguiana, em especial nos conceitos de arquétipo fraterno e de sombra, que podem ajudar a explicar a construção, a manutenção e a resistência deste laço que chega a ser humanizado com irmãos eleitos, e que resiste a muitas provações.

A escolha de diferentes histórias para se observar esta dinâmica mostra-se uma opção eficiente. Rowe (2007) em sua pesquisa percebeu que mesmo nas biografias há certo descaso ou cuidado excessivo em preservar os irmãos, o que empobrece a análise destas relações, e nos parece um fato bem curioso, já que aos pais e aos cônjuges não se dedica o mesmo zelo. Entretanto, nas ficções, os autores parecem não se importar em colocar sua concepção e até mesmo suas próprias vivências fraternas nos personagens que criam, sendo o material abundante,

detalhado e rico de todos os tipos possíveis de relacionamento humano. Para este trabalho foram selecionadas algumas histórias ficcionais como as citadas anteriormente, atuadas no cinema.

Assim, primeiramente estudaram-se as definições e particularidades sobre o ser irmão, para melhor compreender seu papel e suas características.

No capítulo seguinte, as diferenças entre o ser irmão e irmã são apontadas por diversos autores, especificando-se o que difere o vínculo fraterno feminino dos mistos ou masculinos.

O terceiro capítulo pretende, de forma sucinta, trazer os conceitos junguianos de sombra e suas atuações dentro da fratria.

O quarto e o quinto capítulos trazem o objetivo e o método respectivamente.

O sexto capítulo intenciona analisar as histórias selecionadas segundo os mesmos conceitos, ilustrando a dinâmica fraterna e suas transformações na vida adulta através da atuação da sombra pelos membros da díade.

O sétimo capítulo compreende a discussão, fazendo a conexão com a teoria anteriormente apontada.

O oitavo capítulo traz as considerações finais.

1. IRMÃOS

Irmãos podem ser definidos como aqueles nascidos dos mesmos pais e que, portanto, partilhariam ao menos 50% de seus genes (OLIVEIRA, 2006). Hoje em dia, no entanto, inúmeras configurações familiares têm ampliado este conceito, o que poderíamos chamar de diferentes tipos de irmãos.

Há os meio-irmãos, aqueles indivíduos que possuem apenas um dos pais biológicos em comum; os “stepsiblings” ou co-irmãos, irmãos que não têm laço de sangue, mas que são ligados pela união de um de seus pais com um dos pais do outro; os irmãos adotivos, que adquirem o *status* de irmão pela adoção legal do indivíduo pela família e os irmãos por afinidade, que não são membros da família, mas que são aceitos por ela como tais (OLIVEIRA, 2006, CICIRELLI, 1995).

A experiência de ser e ter um irmão é o que podemos chamar de uma necessidade arquetípica, pois será vivida ao longo do ciclo vital de alguma forma, seja através de laços de sangue ou afetivos. A realização deste arquétipo, dito fraterno, é uma necessidade psíquica, pois nele se encerra o princípio da horizontalidade, da semelhança na diferença, da mutualidade (BARCELLOS, 2003; 2009).

1.1. A Fratria

O grupo de irmãos ou fratria é inaugurado quando, dentro de uma família, seja qual for sua configuração, nasce o segundo filho, assim, o filho único sai de seu espaço e entra em uma nova posição, de primogênito dentro de um subsistema que se cria, o fraterno (SILVEIRA, 2002; OLIVEIRA, 2006).

A chegada do irmão muda a ordem estabelecida e faz necessária a adaptação e a mudança do status quo. As mudanças afetam principalmente o filho mais velho, que agora faz parte de um sistema em que passa a ter um par, um igual. Com o irmão é introduzida a noção de paridade. (GOLDSMID e FÉRES-CARNEIRO, 2007). A consciência de paridade difere bastante em relação à idade e à ordem de

nascimento, mas traz a noção clara de que não se é mais único na família e transforma as perspectivas e os papéis familiares inevitavelmente (APTER, 2007).

1.2. Vínculo Fraterno e Relação Fraterna

Uma característica importante da relação fraterna é que os laços fraternos podem ser os mais duradouros e longos na vida de uma pessoa, pois é pressuposto que os pais faleçam antes dos irmãos. Assim, esta é uma experiência que nos acompanha desde o próprio nascimento, no caso do segundo filho em diante ou, no caso dos primogênitos, do nascimento do primeiro irmão, o que inaugura a fratria, até o final da vida. Este vínculo não pode ser desfeito: não existem ex-irmãos. A relação pode ser interrompida, mas o vínculo fraterno permanece até o fim da vida. (BANK e KAHN, 1982; CICIRELLI, 1995; OLIVEIRA, 2006, SILVEIRA, 2002; GOLDSMID e FÉRES-CARNEIRO, 2007; LEDER, 1991).

Podemos entender o vínculo fraterno segundo a definição apresentada por Goldsmid e Féres-Carneiro (2007): “O vínculo fraterno seria uma construção psíquica comum aos membros de uma fratria, que lhes permite distinguir-se como subgrupo dentro do grupo familiar” (p.294).

De modo semelhante, Oliveira (2005) compreende o vínculo fraterno como resultado de um processo inter-relacional que se constitui e define através das trocas realizadas pelos irmãos. Este vínculo tem caráter dinâmico e duradouro e pode ser transformado e ressignificado ao longo da vida. Desta forma, o acesso entre os irmãos ao longo do ciclo vital pode trazer mais ou menos possibilidades de transformação deste vínculo.

Bank e Kahn (1982) propõem que o vínculo fraterno é “a conexão entre duas pessoas, ao mesmo tempo em nível público e íntimo, é um encaixe entre a identidade de duas pessoas, os irmãos” (BANK e KAHN, 1982, p.15). Importante frisar que os autores escrevem que a natureza deste vínculo pode ser tanto negativa quanto positiva e que pode se reconfigurar ao longo da vida, mas ainda assim, impossível de ser rompido ou desfeito.

Benghozi e Féres-Carneiro (2001) diferenciam ainda laço fraterno de relação fraterna, definindo o primeiro pelo partilhar do mesmo laço de filiação, ou seja,

irmãos nascidos numa mesma família. A relação fraterna, no entanto, não depende do laço, pode ser fria ou calorosa, próxima ou distante e conter todas as possibilidades de sentimentos que a vivência entre pares pode trazer.

Pode-se sugerir que, embora se utilizem de nomenclaturas diferentes os autores tratem de um mesmo elemento, o vínculo fraterno, compreendido pela ligação afetiva, podendo este ser diverso da relação fraterna.

Segundo Cicirelli (1995), algumas características da relação fraterna são únicas e as diferenciam das demais relações sociais:

- é geralmente um dos relacionamentos mais longos da vida;
- ser irmão é um papel atribuído, e não há dissolução do *status* de irmão;
- durante a infância e a adolescência os irmãos mantêm, geralmente, contato íntimo diário, enquanto na fase adulta a intimidade é mantida à distância. Desta forma, durante a fase adulta o relacionamento fraterno está mais sujeito a mudanças e rompimentos por fatores externos;
- é um relacionamento relativamente igualitário, embora possa haver diferenças quanto ao poder e posição dos irmãos dentro da fratria e da família. Na maior parte das vezes, no entanto, há equivalência de sentimentos entre os irmãos, o que lhes permite se relacionar como iguais;
- o relacionamento fraterno está inserido em um contexto mais amplo que pode auxiliar na construção da similaridade e ao mesmo tempo da diferença entre os irmãos, através de experiências compartilhadas, que contribuiriam para a similaridade e experiências não-compartilhadas, que possibilitariam as singularidades.

Embora não existam ex-irmãos, ou seja, o laço e o vínculo fraternos não podem ser quebrados, a relação é passível de rompimentos. Goldsmid e Féres-Carneiro (2007) citam em seu artigo que em suas observações clínicas e sociais puderam verificar o rompimento da relação entre irmãos, que se mantém por até quatro gerações. Nestes casos observam-se os reflexos deste rompimento: primos, filhos destes irmãos, tendem a ser distantes e pouco se encontram ou se relacionam, perpetuando a dinâmica dos genitores.

Interessante notar que, embora haja muitos relatos de rompimentos fraternos, estes pouco aparecem nas produções literárias no caso das mulheres. Há relatos sobre rompimentos e até mortes entre irmãos homens, mas no caso da relação entre

irmãos parece não haver a mesma sustentação emocional/cultural para que este rompimento se mantenha.

Cicirelli (1995) coloca que a qualidade da relação entre os irmãos sofre muitas influências e pode ser definida pela posição hierárquica assumida pelos irmãos, bem como pelo *status* que cada filho adquire dentro da família. Estas diferentes posições são determinadas pelo número de irmãos, a ordem de nascimento de cada um, associada à posição, gênero, idade cronológica e diferença de idade entre eles. Ainda podemos acrescentar as possíveis variações econômicas e sociais enfrentadas pela família por ocasião do nascimento de cada um dos irmãos.

Estes pontos são reforçados por Oliveira (2000 e 2005), Bank e Kahn (1982), que puderam identificar também em seus estudos que o contexto familiar onde os irmãos estão inseridos é um fator fundamental para moldar o vínculo e a relação fraterna.

A intervenção dos pais e a atribuição de modelos são importantes variáveis para a construção da qualidade do vínculo e da relação fraterna. Pais que tendem a proteger um filho em detrimento de outro, por exemplo, podem colaborar para conflitos e ciúmes na fratria. Pais que se baseiam na igualdade hierárquica existente na relação fraterna tendem à justiça e à igualdade, colaborando positivamente para a relação entre os irmãos (SILVEIRA, 2002):

A forma como interagem pais e filhos é extremamente significativa para a construção da relação fraterna. Isto porque, os padrões de comportamento praticados nas interações entre os irmãos são, frequentemente, generalizações e/ou repetições dos padrões observados na relação pais-filhos (p. 97).

Não se pode esquecer ainda que os pais tendam a projetar na relação fraterna entre os filhos seus próprios fantasmas em relação à suas vivências fraternas. Trazendo estas memórias afetivas os pais podem ajudar ou comprometer o desenvolvimento positivo do vínculo fraterno entre seus filhos através de interferências inadequadas (GOLDSMID e FÉRES-CARNEIRO, 2007; PINQUART e SILBEREISEN, 2005).

Da mesma forma, quando os pais são ausentes ou cuja atuação de seus papéis familiares seja deficiente, o vínculo fraterno pode ser intensificado e os irmãos podem apegar-se um ao outro, como base segura durante a infância e adolescência (BANK e KAHN, 1982; OLIVEIRA, 2005). Importante frisar que este

tipo de apego, que se propõe à luz da Teoria do Apego de Bowlby¹, e que visa à segurança para o desenvolvimento pode ser um grande peso para os irmãos, em especial para aquele que passa ocupar o lugar do cuidador, trazendo consequências importantes para a relação fraterna.

Outros fatores de influência significativa na relação fraterna são: a diferença de idade, o acesso² e a diferença de sexo entre os irmãos (OLIVEIRA, 2005; BANK e KAHN, 1982; CICIPRELLI, 1995; WALKER, ALLEN e CONNIDIS, 2005). Existem, no entanto, algumas diferenças entre os pesquisadores em relação à qualidade da influência. Algumas pesquisas mostram que quanto maiores as similaridades entre idade e sexo, mais efetivos seriam os vínculos, e em oposição, as grandes diferenças etárias e de sexo contribuiriam para relações mais distantes.

As pesquisas de Brody (1998), Silveira (2002), Ripps (1994), Barnes e Austin (1995), estas últimas citadas por Oliveira (2005), apontam em outra direção: quanto maior a diferença de idade entre os irmãos mais afetuosa será a relação entre eles, pois ocorre a diminuição de rivalidades e conflitos, em função de diferentes interesses motivados pela faixa etária.

Burak (apud RIPPS, 1994) traz dados mais específicos sobre a relação fraterna feminina, coloca ainda que famílias em que o espaço de nascimento entre uma filha e outra dá aos pais mais tempo e a possibilidade de focar em cada uma, ajudando as filhas a desenvolver maior individualidade e auto-estima.

As pesquisas de Oliveira (2000) e Sandmaier (1994), no entanto, apontam para o acesso como fator de maior peso na construção do vínculo:

Mesmo possuindo idades muito diferentes e serem de sexos opostos, desde que tenham a oportunidade de interagir dentro do contexto das relações familiares, o acesso estará disponível e um forte vínculo pode ser formado (OLIVEIRA, 2005, p.112).

¹ Segundo a Teoria do Apego de Bowlby o apego é entendido como um tipo particular de vínculo afetivo, estabelecido através dos relacionamentos, e tendo como base a reciprocidade e o partilhar dos envolvidos (BOWLBY, 1985; 1990).

² Acesso é compreendido como a possibilidade de se ter acesso ao irmão, a possibilidade de contato.

1.3 A Fratria ao Longo do do Ciclo Vital

Ter irmãos mostra-se muito importante para o desenvolvimento do indivíduo. A relação fraterna tem um imenso impacto sobre os irmãos durante toda a vida. Geralmente os membros da fratria sequer têm consciência da proporção de sua influência, mas esta relação é determinante de muitas de suas outras relações afetivas ao longo da vida (BANK e KAHN, 1982; SILVEIRA, 2002).

Mais do que isso, essa relação oportuniza o aprendizado da disputa, da admiração, da negociação, da cooperação, da inveja, da imitação, do diferenciar-se, do amar, do dominar, do odiar, do ceder, entre tantas outras habilidades e sentimentos que, através destas trocas, passam a fazer parte das características de cada um de nós. Uma das principais funções disso tudo é que estas vivências servem como um laboratório para as relações sociais que serão experimentadas fora do núcleo familiar (SILVEIRA, 2002, p.95).

1.3.1. Infância

O nascimento de um irmão é sempre vivenciado como um período de grandes transformações na família: papéis são alterados e é necessário que se façam muitas adaptações à nova estrutura. Este fato demanda estratégias e recursos psicológicos dos pais e do filho mais velho, que muda para sempre de filho único para o lugar do filho mais velho. Ou seja, tornar-se irmão exige reorganizações do sistema familiar, presentes e futuras (SILVEIRA, 2002; OLIVEIRA, 2005; BANK e KAHN, 1982).

As pesquisas apontam que comportamentos agressivos e regressivos, rivalidade e ciúmes podem se fazer presentes, mas que via de regra os irmãos, quando bem preparados pelos pais, gostam e se mostram disponíveis para cuidar do novo irmão (OLIVEIRA, 2000).

No início da infância a tendência natural é o filho mais velho atuar como modelo, sendo imitado pelo mais novo, o que possibilita importante aprendizado de habilidades sociais e cognitivas (CICIRELLI, 1995; OLIVEIRA, 2000; PINQUART e SILBEREISEN, 2005).

Alguns estudos apontados por Pinquart e Silbereisen (2005), como os de Blake (1981) e Downey (1995) mostram hipóteses curiosas sobre o efeito da relação

fraterna, como no modelo de diluição de recursos, que coloca que recursos emocionais, físicos e materiais são finitos. Assim, o número de filhos e conseqüentemente de irmãos, afetaria negativamente o desenvolvimento dos filhos, pois sendo os recursos limitados, se esgotariam e poderiam diminuir a possibilidade de desenvolvimento intelectual e emocional das crianças. No entanto, estes dados parecem ser suplantados por um maior número de pesquisas que confirmam o aumento de habilidades mentais e treino sócioemocional através do ensino direto ou através da imitação de irmãos mais velhos pelos mais novos (OLIVEIRA, 2000; PINQUART e SILBEREISEN, 2005).

Mesmo os conflitos que naturalmente surgem na relação entre pares podem ser importantes ferramentas para o treino de habilidades sociais, que culminariam no estabelecimento de comportamentos antissociais, nos casos de falta de supervisão ou intervenções inadequadas (PINQUART e SILBEREISEN, 2005), ou na conquista de importantes habilidades sociais (OLIVEIRA, 2000; SILVEIRA, 2002; CICIRELLI, 1995).

Apter (2007) coloca que a proximidade e a empatia entre as irmãs, em especial, emergem do entendimento mútuo e das brincadeiras na infância, já que considera as brincadeiras e jogos de imaginação e fantasia como uma forma sofisticada de aprendizado.

Nas brincadeiras, as crianças praticam os papéis sociais e consideram seu poder de influenciar seu ambiente; elas exploram suas esperanças e medos, no presente e em suas vidas futuras. Seus primeiros e mais frequentes parceiros de brincadeira são os irmãos (APTER, 2007, p.65).

Estes jogos e brincadeiras são tão importantes na infância porque ajudam na construção e refinamento, além dos papéis sociais, da percepção e conhecimento dos sentimentos e planos dos irmãos. Enquanto ainda não conseguem fazer a leitura adequada de pessoas e mesmo de crianças desconhecidas, já o fazem com eficiência dentro da fratria, habilidade que mais tarde será transposta para outras relações (APTER, 2007). Importante colocar que há diferenças significativas nestas relações desde o início do relacionamento quando se trata de irmãos de mesmo sexo e de sexo opostos.

Goldsmid e Féres-Carneiro (2007), no entanto, acreditam que a relação entre os irmãos na primeira infância será marcada por competição, amor, atenção dos pais

e pelo desenvolvimento da própria personalidade através da diferenciação com os irmãos.

É comum à maioria dos autores, entretanto, a observação de que na infância os irmãos são intensamente envolvidos uns com os outros e que seus contatos diários são fonte de sentimentos ambivalentes, agressivos, positivos e muitas comparações. É através destas vivências e contínuas comparações em diferentes aspectos que os irmãos, durante a infância, constroem diferentes tipos de vínculos com os diferentes irmãos.

Podemos compreender que, em busca de uma estabilidade emocional mínima para o desenvolvimento, é natural que os irmãos busquem uns nos outros o apoio necessário quando há falta de cuidados por parte de seus cuidadores adultos. Rowe (2007) afirma que o termo “cuidador” hoje se expande para ambos os sexos, já que não se pode mais restringi-lo às mães e mulheres embora se pense em cuidadores como adultos.

A grande questão que acompanha este processo é que como os cuidadores são crianças também em desenvolvimento, o cuidado que oferecem não é ideal, além de que, podem desenvolver apegos do tipo ansiosoevitativo ou ansiosorresistente, em que a criança pode evitar seu cuidador, por sentir que, embora precise dele e de seus cuidados, ele não consegue fazer com que se sintam seguros. Este padrão pode causar grande sofrimento para ambos e prejudicar de forma terrível o vínculo e o relacionamento fraterno. Importante frisar que “O apego entre irmãos não tem uma história natural” (ROWE, 2007, p.31). Caberia ao adulto suprir estas necessidades.

Assim, quando Rowe (2007) fala que “O apego sempre envolve graus de amor e ódio. Nós podemos ser apegados por laços de ódio com a mesma força que podemos estar unidos por laços de amor” (p.31), podemos inferir quanto o papel de cuidador pode trazer benefícios e problemas para a fratria ao longo de toda a vida.

É ainda na infância que um fato se constitui e que deve acompanhar a fratria por toda a vida: muitos irmãos desenvolvem entre si uma linguagem única, quase que um idioma próprio, seja através de gestual, ou de palavras ou símbolos que serão conhecidos apenas entre eles, diferenciando a relação entre eles das demais relações sociais. A linguagem exerce grande poder em relação ao mundo e consolida esta relação, mais uma vez, como única e exclusiva (APTER, 2007; CICIRELLI, 1995; BANK e KAHN, 1982; SANDMAIER, 1994).

1.3.2 Adolescência

A passagem de um dos irmãos para uma nova fase da vida pode ser, por si só, um grande fator estressante da relação, que pode se refletir em toda a família. Mesmo quando o mais velho entra na escola e o mais novo ainda está em casa, dentro da infância, há importantes mudanças no acesso entre eles e em relação aos interesses. O mais velho tende a ser imitado e invejado pelo mais novo que deseja fazer parte deste novo e interessante mundo a que o irmão agora pertence (OLIVEIRA, 2000 e 2005; CICIPRELLI, 1995; BANK e KAHN, 1982).

O mesmo processo volta a acontecer na passagem de um dos irmãos, a princípio, para a adolescência. Os conflitos antes motivados pelo ciúme e disputa pelo amor dos pais, pelos brinquedos e espaços a serem divididos se alteram para tentativas cada vez mais intensas de estabelecerem relacionamentos igualitários com conflitos próprios que se estendem por toda a adolescência (Brody apud Silveira, 2002).

Bank e Kahn (1982) frisam que uma das principais dificuldades desta fase é que os irmãos, antes identificados um com o outro, precisam agora, ou pelo menos um deles, se diferenciar para construir uma identidade, o que gera grandes desencontros dentro da relação:

Com qualquer mudança perceptível no irmão, um irmão ou irmã tende a vivenciar um sentimento de perda; se o irmão se tornou “diferente”, os dois não poderão mais brincar ou conversar juntos como faziam antes (p.65).

Estas vivências de perda merecem especial atenção, pois podem se estender por toda vida, causando uma ferida que enfraquecerá o vínculo fraterno. A atenção especial por parte dos pais em explicar o que o irmão está passando, e em muitos casos, a atenção de um terapeuta pode ser necessária para que esta passagem seja superada sem seqüelas, trazendo a aprendizagem de que:

Os desapontamentos ou dores que estão presentes nas entrevistas podem coexistir com uma geralmente prazerosa e cuidadosa relação cotidiana, como acontece com qualquer vínculo estreito (MILLMANN, 2004, p.XXIII).

Oliveira (2005) e Sandmaier (1994) reforçam esta posição, explicitando que são muitos os fatores que influenciam na construção e manutenção do vínculo

fraterno, mas que a atitude dos pais frente aos conflitos e dificuldades vividas, em todas as fases da vida, pode ser um dos determinantes para a qualidade da relação entre os irmãos. “Os pais devem incentivar negociações e contribuir para a busca de soluções viáveis e igualitárias” (OLIVEIRA, 2005, p. 123).

As alianças encontradas entre os irmãos, citadas por Oliveira (2000), Bank e Kahn (1982) podem ser formadas e constituídas em pares emocionalmente significativos com relacionamentos tanto positivos quanto negativos. E é na adolescência que podem ser abaladas, transformadas ou solidificadas.

Durante a adolescência o foco maior está fora da família, nas amizades, e esta pode ser uma das causas para certo afastamento, que pode ser apenas temporário. Há ainda a possibilidade de transformações muito positivas dentro do vínculo, como no caso de um irmão mais novo que antes era muito distante de seu irmão já adolescente e que agora passa a ter os mesmos interesses e uma nova forma de relação e cumplicidade podem ser experimentadas (OLIVEIRA, 2005).

Oliveira (2005) aponta para o consenso entre os estudiosos em relação aos conflitos, que atingem seu ápice na adolescência, mas, também concordam que ao final desta fase estes mesmos conflitos e rivalidades tendem a diminuir. “A adolescência pode ser considerada uma ‘segunda chance’ de nos tornarmos ‘irmão do irmão’” (GOLDSMID e FÉRES-CARNEIRO, 2007, p.298).

1.3.3. Vida Adulta

O laço fraterno é valioso na velhice e na vida adulta, (OLIVEIRA, 2000; CICIPELLI, 1995; LEDER, 1991), embora haja algumas diferenças em relação a esta visão.

Cicirelli (1995) frisa ainda em suas pesquisas que os contatos na vida adulta e velhice foram significativamente maiores entre pares de irmãs, que em duplas de sexo oposto, e que a proximidade ou acesso entre eles também era relevante para o contato mais frequente.

Goldsmid e Féres-Carneiro (2007) colocam que geralmente há um distanciamento entre os irmãos na idade adulta, já que cada um tende a seguir seu caminho profissional e pessoal, centrando-se na construção de seu novo e próprio

núcleo familiar. Acreditam ainda, que a maior ou menor proximidade pode ser fruto de uma dinâmica familiar trazida do passado.

Constatou-se ainda que as relações entre irmãos adultos sejam construídas de forma a evitar conflitos e rivalidades (CICIRELLI, 1995):

A despeito de sentimentos de rivalidade subjacentes, a maior parte dos adultos mais velhos valoriza suas relações com seus irmãos e desenvolve formas de interação que evitam conflitos e rivalidades. Como resultado, hostilidade, agressão e violência entre irmãos na vida adulta e velhice são relativamente raras (p.56).

Na fase adulta os afetos não variam com a idade e geralmente são descritos de forma positiva, sendo os irmãos vistos como fonte de apoio quando necessário (CICIRELLI, 1995; OLIVEIRA, 2005), mas a proximidade pode ser afetada por fatores externos como casamento, nascimento dos filhos, divórcio, viuvez, doença ou morte dos pais (CONNIDIS, 1992 apud CICIRELLI, 1995; LEDER, 1991).

Funderburg (2000) em seu artigo cita a psicóloga Carol Netzer, em entrevista, que os fatores apontados acima podem desencadear a separação dos irmãos, mas apenas se houver uma tensão prévia construída ao longo dos anos. O mesmo artigo aponta, no entanto, que o dinheiro pode ser ainda um fator de crise e estranhamento entre os irmãos, ou ainda qualquer outro fator que venha a trazer a quebra do sistema de valores partilhados pela vida pelos irmãos, como: opção sexual, casamentos inter-raciais, conversão para outra religião etc. A mudança de *status* sócioeconômico parece ser um fator bastante comum no que se refere a abalar a relação entre irmãos. Há forte estranhamento do outro: perde-se a referência da familiaridade, característica básica da fratria.

Stark (2007) relata que em sua pesquisa uma das características positivas apontadas pelas irmãs entrevistadas era justamente a sensação de familiaridade que lhes permitia “regredir” a estágios de suas vidas quando podiam brincar ou fazer outras coisas que faziam juntas, levando-as a reviver a família e sua história em companhia confortável e agradável.

Uma de suas entrevistadas, Ginny, relata: “Se eu não tivesse uma irmã, eu seria muito mais séria. Eu não sei se eu ficaria tão confortável me divertindo do jeito que eu me divirto com a minha irmã com outra pessoa” (STARK, 2007, p.13).

A ligação com quem é e com a história pessoal faz do irmão um ser único. Ter o irmão por perto resgata a origem, a história e a identidade (HAWTHORNE, 2003).

O rompimento da relação fraternal pode ocorrer quando as feridas são muito profundas e o vínculo não oferece uma base segura para superação de dificuldades, ou, se uma das partes se recusa a trabalhar e vencer o problema. O rompimento, no entanto, não deixa de ser dolorido. Uma das entrevistadas de Funderburg (2000) relata “Não há um só dia que passe sem que alguma coisa me faça lembrar dela” (p.1). A irmã rompeu com a família sem grandes explicações, deixando um grande vazio na fratria, em especial, porque esta não sabe as razões da irmã para esta atitude.

Este fato retoma que o vínculo fraterno não é voluntário, pois é dado, mas a relação, em especial na vida adulta adquire um caráter maior de escolha (WALKER, ALLEN e CONNIDIS, 2005; BEDFORD, 2005; HAWTHORNE, 2003).

Allan (apud WALKER, ALLEN e CONNIDIS, 2005) explica que o vínculo fraterno pode estar “dormente”, ou seja, não está ativo no dia a dia ou está em suspenso, mas pode ser ativado durante tempos de necessidade ou de conexões familiares. E mesmo quando o vínculo está “dormente”, a influência dos irmãos uns sobre os outros em relação aos seus pensamentos, sentimentos e ações são constantes, mesmo que não estejam juntos ou presentes. Os laços fraternos podem ser ativados mesmo sem contato através de vivências diárias ou fatos que evoquem coisas que apenas o irmão poderia compreender. Este fato mantém os irmãos próximos afetivamente, mesmo que estejam longe fisicamente.

De forma geral, pode constatar que, na vida adulta, o relacionamento fraterno sofre contínuos movimentos, sendo possível, a cada irmão, de acordo com a história pessoal, valores e momento de vida, rever o relacionamento e dar novos significados ao irmão em sua vida, sendo possível inclusive alcançar novas formas de interação. Embora a possibilidade de transformação e de ressignificado do vínculo esteja presente ao longo de toda a vida adulta, sob a influência de uma série de fatores, a memória comum construída ao longo da infância e da adolescência, ou seja, a história vivida de forma compartilhada no contexto familiar de origem, constitui-se um fator fundamental para o processo de manutenção do vínculo ao longo da vida adulta (OLIVEIRA, 2005, p.131).

1.4. A Posição na Fratria

Há diferentes estudos sobre a posição na fratria e as possíveis determinações que podem ser fruto deste “lugar” na família. As pesquisas, no entanto, divergem.

Stark (2007) em seu livro “My Sister, My Self” traz todo um capítulo dedicado ao que chama de “tomb position”, ou seja, à posição na família de acordo com a ordem de nascimento. Interessante notar que embora haja uma intenção clara de extrair da pesquisa padrões da posição, Stark acaba levantando mais padrões de conduta ligados a papéis familiares que padrões de personalidade.

Como utilizou entrevistas com irmãs, estas traziam algumas respostas que permitiram categorizar padrões de papéis, como mediadora, abre caminhos, boazinha, responsável, cuidadora, para as irmãs mais velhas a divertida, rebelde, estranha, ovelha-negra, para as irmãs do meio e bebê da casa, favorita, “miss perfeição” para as mais novas (STARK, 2007).

Bank e Kahn (1982) em seu estudo sobre as relações fraternas, no entanto, não se prendem às posições diretamente ligadas à ordem de nascimento, mas reconhecem que os papéis estabelecidos dentro da família são muito variáveis e decorrem da realidade de cada família. Assim, o cuidador, por exemplo, é um papel que pode ser exercido de qualquer posição da fratria, desde que haja a necessidade de cuidado por alguma razão, seja abandono, doença etc.

O papel de cuidador é citado por grande parte dos autores estudados, como Cicirelli (1995), Millman (2004), Rowe (2007), Ripps (1994), e recebe grande atenção até mesmo pela frequência com que acontece. Ser responsável pelo cuidado e desenvolvimento de um ou mais irmãos não é tarefa adequada para outro irmão na infância, mas hoje um grande número de famílias vive esta realidade.

Fernandes, Alarcão e Raposo (2007) concluíram em sua pesquisa, no entanto, que a posição na fratria é, entre outras variáveis, estatisticamente significativa no que concerne a provocar variações na personalidade dos sujeitos.

1.4.1. O Irmão mais Velho: o Primogênito

O irmão mais velho sempre aparece nas pesquisas, pois sem ele não há fratria, que só se inaugura quando o filho único se torna o irmão mais velho (SILVEIRA, 2002; OLIVEIRA, 2006).

Rowe (2007) e Apter (2007) falam que o filho mais velho, antes filho único sofre o que chamam de trauma, por perder a identidade que tinha até o momento do

nascimento do irmão. Ele deixa de ser o único e passa a ser parte, além de lidar com a transformação ampla do espaço familiar. Sua vida nunca mais será a mesma e este espaço está perdido para sempre.

Como apontado anteriormente, a forma com que os pais preparam o filho para receber o novo membro da família pode ser um fator decisivo para a criação de um vínculo positivo (ROWE, 2007; APTER, 2007; BANK e KAHN, 1982).

O irmão mais velho geralmente recebe a tarefa de cuidar do irmão mais novo e muitas vezes, incluída nesta tarefa, quando mais ampla, está o dever de validar este irmão, ou seja, é delegada ao irmão mais velho a tarefa de fazer com que este irmão sinta que é gostado e que ocupa um lugar efetivo no mundo (ROWE, 2007). O cuidar pode ser uma tarefa pesada demais para uma criança, que ainda não tem recursos ou meios para fazê-lo, o que pode trazer consequências para o mais velho por toda a vida. É mais comum, no entanto, que estes encargos sejam delegados às filhas mulheres (PEREZ, 2002).

Stark (2007) verifica que muitas irmãs mais velhas carregam a eterna sensação de nunca fazer o suficiente por seus irmãos, ou têm muito medo de errar, o que as impede de agir de modo mais assertivo na vida, pois desde a infância tinham objetivos altos demais para serem alcançados. Não percebiam, e algumas só têm consciência deste fato na terapia, que a tarefa de criar ou cuidar dos irmãos em uma fase em que não tinham ainda condições de fazê-lo de modo eficiente, gerou e ainda gera grande angústia e frustração. Em alguns casos este papel de cuidador fica tão impregnado que é praticamente impossível descolá-lo da pessoa.

Também é comum os filhos mais velhos carregarem o legado da família, e assim desenvolverem maior autocrítica, tendência ao perfeccionismo e cobrança. As antigas leis da progenitura foram fontes de muita discórdia entre os irmãos homens, pois a eles cabia a herança familiar. Assim, apenas os homens disputavam o legado deixado pela família, o que pode explicar a existência de tantos casos, inclusive bíblicos, de rivalidade fraterna que chegam às últimas consequências. Para as mulheres, no entanto, a rivalidade fica encoberta, mas não deixa de existir. O objeto da peleja, no entanto, tende a ser o afeto e o reconhecimento (APTER, 2007; AKHTAR e KRAMER, 1999).

Perez (2002) aponta ainda que os primogênitos em geral acreditem ser aqueles que abrem o caminho na relação entre pais e filhos, além de se sentirem cobrados a serem os exemplos para seus irmãos.

Estas tarefas atribuídas em especial aos primogênitos podem ter um grande peso, o que sugerem as pesquisas citadas por Perez (2002), que apontam desde a década de setenta do século vinte até a atual que a maior solicitação por atendimento psicoterápico é dos filhos mais velhos.

1.4.2. O Irmão do Meio

Para Adler (1998) o segundo filho é aquele que vive em tensão nervosa, lutando pelo espaço e tentando superar sempre o irmão mais velho. O autor acredita que esta posição é ingrata, pois pode gerar sofrimento ao longo de uma vida toda, já que este filho pode tornar esta tarefa de superação do primogênito seu ideal de vida. Muitas vezes quando esta superação acontece o filho do meio fica perdido, sem rumo.

A pesquisa realizada por Fernandes, Alarcão e Raposo (2007) aponta ainda para o fato de que o filho do meio, com frequência, é aquele que não tem papel definido dentro da família e que tende a agir com menos altruísmo, sendo mais centrado em si mesmo. Costumam ser mais hostis e propensos a experimentar a raiva e estados semelhantes, como angústia. Parte disso pode ser explicado pelo fato de travarem inúmeras batalhas constantes para encontrar seu espaço e identidade no seio familiar.

Burak (apud Ripps, 1994) fala em especial da filha do meio e diz que geralmente sua situação é a mais difícil dentro da fratria, pois não tem papéis claros e predefinidos como normalmente acontece com a primeira filha e a mais nova. Além do que, segundo o autor, a irmã mais velha tende a se unir à mais nova, excluindo a irmã do meio, que fica ainda em posição mais delicada, ou melhor, ainda mais sem lugar.

Importante frisar que o filho do meio é diferente do segundo filho, que no caso de uma díade, pode desenvolver características do filho mais novo.

1.4.3. O Irmão mais Novo

O filho mais novo tende a ser o bebê da casa e mantido nesta posição por toda a vida, caso não se rebele em relação a isso (BRITTO, 2002). Este fato pode ser reflexo de uma necessidade dos pais em manter um filho em casa para cuidarem e protegerem, exercendo assim sua função parental por tempo indefinido, porém ao custo do desenvolvimento de um dos filhos (GOLDSMID e FÉRES-CARNEIRO, 2007).

Adler (1998) defende ainda que o mais novo nunca é destronado, ocupando sempre um lugar de grande amplitude na família. Tem muitas mães e pais, o que inclui os irmãos que podem assumir posição de cuidado por conta própria ou por orientação dos pais. Frequentemente é mimado e quer sempre mais que os outros. Faz grandes planos, mas dificilmente os leva a cabo.

A pesquisa de Fernandes, Alarcão e Raposo (2007) mostra que os filhos mais novos são mais amáveis que os filhos únicos e mais retos e complacentes que os do meio. Parte desta tranquilidade pode ser explicada pelo fato de que os mais novos, assim como os mais velhos, têm papéis mais bem definidos dentro da família, o que os permite serem mais objetivos e claros nas relações familiares que os irmãos do meio, mais propensos a jogos e a chantagens emocionais.

1.5. Papéis Atribuídos

Atribuir e assumir papéis dentro da família parece ser inevitável.

Pieri (2002), no “Dicionário Junguiano”, escreve sobre a persona: “Termo latino que indica a máscara que o ator teatral, tanto cômico como trágico, punha no próprio rosto no decorrer da apresentação” (p.377).

Segundo o mesmo autor, o termo persona pode designar um aspecto da personalidade; uma das “sub-personalidades” que gravitam em torno do eu e que mudam continuamente ao longo da vida; a imagem que o indivíduo mostra externamente; o papel ou *status* social do indivíduo nas relações com o mundo; a adaptação do eu ao mundo externo e ao coletivo. A persona teria a função de

adaptar o indivíduo ao grupo social a que pertence, garantindo seu lugar. Importante colocar ainda que embora o foco seja de adaptação, a forma de atuação ou de exteriorização da persona se dá com base no eu, ou seja, a persona é produto das necessidades de adaptação externa e interna.

Assim, ao nascer dentro de uma família, o bebê encontra prontas muitas expectativas em relação a ele, e atua constituindo ao longo de toda a vida relações para garantir o pertencimento.

Como apontado anteriormente, cada filho, em cada uma das posições na fratria, já tem atribuídos papéis e condutas esperadas pela família como um todo dentro de um contexto mais amplo da cultura. Ser irmão, por exemplo, é um papel atribuído dentro da cultura e de forma mais particular dentro de cada configuração familiar (FERNANDES, ALARCÃO e RAPOSO, 2007; OLIVEIRA, 2005; CICIRELLI, 1995).

Cada família adota modelos de conduta e papéis a serem seguidos e que mesmo quando um membro da fratria age de forma contrária ao proposto como ideal, este antimodelo pode ser entendido mais como complementaridade do que como oposição simples. Entender a ação de antimodelo é importante para analisar as verdadeiras relações presentes nas relações fraternas que podem não estar explícitas, ou seja, a sombra pode ser atuada (OLIVEIRA, 2005; APTER, 2007).

1.6. Os Opostos e a Relação Fraterna

Grande parte das pesquisas como as de Apter (2007), Oliveira (2005), Stark (2007), Rowe (2007) e os textos de Downing (2007) aponta para a mesma direção: na relação fraterna a constelação de pares de opostos dentro da fratria parece ser, além de um padrão, um recurso importante de construção e de diferenciação dos indivíduos dentro da família. Há ainda, como citado anteriormente, a função de atuação de elementos muitas vezes não explícitos na dinâmica familiar. Assim, o antimodelo poderia ser visto como “porta-voz” do grupo em questão, da família como um todo, como da fratria.

Stark (2007) diz

[...] quando uma irmã desenvolve uma reputação em particular na família, a outra irmã cresce fazendo o contraponto, porque o primeiro papel já foi ocupado. E uma vez que a reputação de alguém é formada, é muito difícil de ser mexida (p.27).

Este fato é exemplificado pelo depoimento de Pauline:

Quando eu tinha onze anos, eu disse que queria ser Miss Universo. Bem, isso grudou como uma cola, pelo amor de Deus. Eu era uma criança quando disse isso! Quero dizer, vamos lá! Mas, é assim que eles são — eles pegam pequenos fragmentos de memórias e os prendem em você, e isso é como se estivessem em você inteira e leva muito tempo para tirá-los (STARK, 2007, p. 27).

A oposição de papéis, por assim dizer, pode ser a expressão dos complementares, permitindo um maior desenvolvimento dos irmãos através do contato com diferentes possibilidades de condutas e papéis. Esta contraposição faz com que muitos irmãos pensem ser completamente diferentes de seus irmãos, o que não é real (MERRELL, 1995; SILVEIRA, 2002). Muitas vezes a própria sensação de polarização, “eu sou isso e ele é aquilo”, encobre diferenças reais, mas deve ser motor para a pergunta sobre como se chegou a este quadro. O que esta relação evidencia?

Merrell (1995) e Apter (2007) frisam que o vínculo fraterno existe e vai interferir ao longo de toda a vida dos membros da fratria. O fato de ter natureza positiva ou negativa não muda a importância desta conexão. Passa a ser tarefa da vida adulta apreender o sentido por trás desta oposição instalada na família e buscar o desenvolvimento através dela.

2. IRMÃS

A relação fraterna aplicada às irmãs apresenta algumas particularidades, dentro das características que tornam o vínculo fraterno singular. Assim, algumas colocações se fazem necessárias.

Importante lembrar que ser irmã, assim como ser irmão, não é uma opção, mas uma condição imposta, de familiaridade, vitalícia e impossível de ser rompida (DOWNING, 1998 e 1999). A relação entre irmãos, no entanto, se torna opcional com a idade, em especial na fase adulta, embora o vínculo não seja passível de rompimento (OLIVEIRA, 2005; DOWNING, 1999).

A relação entre irmãs é de maior proximidade afetiva do que entre irmãos de sexos diferentes ou irmãos homens e tende a se estreitar ainda mais na vida adulta e na velhice. O contato entre irmãs é ainda mais frequente do que entre outros pares de irmãos (CICIRELLI, 1995). Da mesma forma a agressão, rivalidade e hostilidade tendem a diminuir com a idade, embora sejam desde sempre, expressas mais raramente entre irmãs do que em outras configurações fraternas. Fundamental frisar que o afeto não varia com a idade, apenas as relações (BEDFORD, 2005; BANK e KAHN, 1882; OLIVEIRA, 2005).

Para irmãs, as qualidades positivas do relacionamento (como similaridade de valores, confiança, prazer na companhia umas das outras) submergem na adolescência, depois melhoram na vida adulta e são esperadas que se mantenham constantes na velhice (CICIRELLI, 1995, p.61).

Cicirelli (1995) fala ainda que em suas pesquisas descobriu que a percepção de se ter um relacionamento próximo com uma irmã, seja por um irmão ou irmã, foi apontado como um importante fator de bem-estar e como fator de contribuição para redução de sintomas depressivos, o que não foi percebido na relação de proximidade com um irmão, que parece ter pouca relevância para o bem-estar.

2.1. Jung e as Irmãs

Jung cita a irmã em sua obra algumas vezes, mas sempre no que concerne ao par irmão-irmã ou ao masculino-feminino, ou seja, fazendo referência ao oposto contrassexual, animus/anima. Seu foco não era nesta relação, mas na *coniunctio*.

Barcellos (2009) comenta que Jung dedica apenas quinze linhas em suas memórias para falar de sua irmã mais nova, Gertrud, e que nem mesmo cita seu nome, mas diz que ela sempre foi uma estranha para ele.

No volume IV das “Obras Completas”, Jung cita a irmã ao falar de um sonho relatado por um paciente homem. Na análise do sonho verifica ser a figura da irmã a equivalente à figura de mulher, ou seja, o amor pela irmã é o amor por uma mulher (JUNG, 1989).

Nos textos do volume IX, tomo I, Jung (2007) cita em quatro diferentes situações (§ 417, 445 e 516) a irmã, sendo que em três delas Jung refere-se também diretamente à anima, ou seja, ao aspecto contrassexual do masculino. Há ainda uma quarta citação, em que as três irmãs citadas, juntamente com seus maridos representam os aspectos animal e espiritual do inconsciente (§ 435), mais uma vez apontando a polarização masculino-feminino.

A irmã como anima ou elemento oposto ao masculino, seja na imagem do irmão ou do sol, volta a aparecer no volume XIV (1997) em quatro parágrafos (25, 83, 131 e 149) e no volume XVI (2008) no parágrafo 357 ao referir-se ao casamento incestuoso do irmão com a irmã nas figuras alquímicas, representativas da transferência.

A última citação encontrada diretamente em sua obra, no volume X, aparece na alusão da psiquiatria e neurologia como irmãs mais velhas da psicoterapia (2003).

Jung nunca modificou diretamente sua insistência no papel central da contra sexualidade na psicologia de ambos homens e mulheres. Sua própria teoria psicológica continua a focar na *coniunctio oppositorium*, nas polaridades e complementaridades (DOWNING, 2007, p. 134).

Jung, assim como Freud e outros estudiosos, não deu atenção às relações de mesmo sexo em geral. A atenção maior esteve sempre focada na relação entre pais e filhos. Adler foi um dos primeiros a se preocupar com a temática fraterna

(DOWNING, 2007; FERNANDES, ALARCÃO e RAPOSO, 2007; AKHTAR e KRAMER, 1999).

A importância da relação fraterna parece ser objeto de estudos mais recentes, mas ainda de pouca atenção por parte dos junguianos. Com exceção da grande obra de referência sobre o assunto de Bank e Kahn, que data de 1985, encontram-se livros e artigos específicos sobre o assunto a partir de 1990, e em livros e revistas junguianos dentro do mesmo período. Christine Downing, Lara Newton e Gustavo Barcellos voltaram seu olhar para esta preciosa relação, que pouco recebeu atenção de outros teóricos, o que tornou nossa pesquisa bastante árida. A teoria sistêmica oferece a maior parte dos dados sobre a relação fraterna. A relação entre irmãos de mesmo sexo é ainda menos observada.

Interessante que se reflita sobre o porquê desta desatenção, já que falamos principalmente da sombra.

Downing (1999) escreve que:

Para uma mulher, irmã é a outra pessoa mais semelhante a ela mesma dentre todas as criaturas do mundo.

[...]

Ainda assim, essa outra pessoa tão semelhante a mim mesma é, indiscutivelmente, *outra*. Mais que qualquer outra pessoa, ela serve como a pessoa em comparação com a qual eu defino a mim mesma (p.87).

[...]

Semelhança e diferença, intimidade e diversidade – nenhuma dessas coisas pode ser superada. Aquele paradoxo, aquela tensão, existem no próprio âmago do relacionamento (p.88).

2.2. A Irmã como Arquétipo

Tanto a irmã quanto o irmão podem ser considerados arquétipos, e como tal, a irmã pode aparecer na forma de projeção da transferência e tem raiz no interior. Como arquétipo, a irmã interior “aparece de modo tão significativo no processo de individuação que ela existe quer exista a irmã literal ou não” (DOWNING, 1999, p. 89).

Desta forma, assim como todos os arquétipos, a irmã exige que a torne real e particular, que seja trazida para o mundo exterior, onde as imagens e vivências são únicas e particulares. Quando não existe uma irmã real, parece que sempre existem

irmãs substitutas, sejam elas imaginárias ou realizadas por alguém que humaniza este arquétipo. (DOWNING, 1999; PEAY, 2002; BARCELLOS, 2006).

A experiência do arquétipo do irmão, e da função fraternal em nossas vidas, faz parte da atividade mitologizante da psique: mesmo sem a vivência literal de um laço de sangue, buscamos pelo irmão e construímos histórias fraternas. Ansiamos por um irmão, mais ou menos conscientemente, e, ao busca-lo, buscamos esta intimidade, própria e básica, feita de toda a segurança incondicional (ou quase) que só um vínculo não escolhido, mas da vida toda pode conferir, um vínculo de igualdade e semelhança (BARCELLOS, 2006, p. 41-42).

O laço entre irmãs ou irmãos de mesmo sexo talvez seja o mais volátil, tenso e ambivalente que podemos conhecer. Não há o elemento contrassexual, e assim o espelho está voltado para nós mesmos (DOWNING, 1999, 1998, 2007).

A relação entre irmãos de sexo oposto colabora imensamente para o desenvolvimento dos relacionamentos contra-sexuais e se mostra mais disponível nos materiais junguianos, talvez por trazer à tona a temática *animus/anima* (NEWTON, 2007).

2.3. A Irmã como Sombra

Por ser um arquétipo, buscamos sua concretização ao longo da vida, e mesmo quem não tem uma irmã real a busca em uma substituta para que possa realizar este potencial. Quando há várias irmãs é possível que o arquétipo esteja repartido entre elas, com diferentes possibilidades de um mesmo potencial (DOWNING, 1998).

A irmã pode ser vivenciada de uma forma completamente diferente daquela idealizada ou desejada pela outra irmã para satisfazer suas necessidades ou desejos. A irmã que mente, engana, trai, ou atua de modo diverso ao que se espera pode ser uma mensageira da sombra, trazendo conteúdos sombrios da outra, que é decepcionada por seus atos.

Em certo sentido, sempre temos a irmã errada — e é justamente isso que faz dela a pessoa certa, que nos faz tomar consciência da realidade do outro ser um outro, que nos faz perceber o que está implícito em vê-la como um outro ser, deixá-la ser como ela é. E pode ser também que

exatamente por isso ela me ajude a descobrir quem eu sou (DOWNING, 1998, p. 118).

Tendemos a reagir com ferocidade quando vemos algo que não gostamos expresso em uma pessoa com quem nos sentimos fortemente identificados (MILLMAN, 2004, p. XIX).

No mito de Eros e Psique (HAMILTON, 1995), quando Psique é levada pelas irmãs a verificar a identidade de seu marido, ela é lançada para a vida real. Ela vai ver o marido pela primeira vez como ele realmente é. Assim, a suposta maldade é motivada pela inveja e faz com que o relacionamento de Psique saia das sombras, tornando-se real, mesmo que através de muito sofrimento. Suas irmãs atuam como sua sombra e como ajudantes de seu processo, com ambivalência de sentimentos típica da relação durante todo o processo (DOWNING, 1998 e 2007).

Ulanov e Ulanov (2000) em seu estudo sobre as relações de inveja, apontam para a inveja nas relações em geral, inclusive na fraterna. Ao debaterem a história de Cinderela e suas irmãs invejosas, percebem que as emoções ligadas à inveja são fruto de processos inconscientes, indiferenciados e confusos. Ou seja, a inveja sobre nossas irmãs é proveniente de um fraco contato com a sombra: a irmã invejada pode servir de tela de projeção de conteúdos negados da irmã que inveja, fazendo com que esta permaneça indiferenciada e ataque o objeto de sua inveja. A inveja faria ao invejoso, então, um desserviço à individuação, drenando energia e perpetuando a estagnação e a indiferenciação do ego. Enquanto isso não for trabalhado pelo invejoso, não há crescimento possível.

Apter (2007) complementa:

A inveja cresce onde há mais similaridades que diferenças, e quando nós podemos nos imaginar facilmente no lugar ou posição que a pessoa que invejamos agora ocupa (p.51).

Este é ainda um fator de grande sofrimento, pois a irmã que inveja sente ainda a culpa de desejar aniquilar a pessoa que também ama (APTER, 2007).

A inveja seria ainda um sentimento sombrio, segundo Zweig e Wolf (2000), que surge do descontentamento, fruto de um desejo não realizado. Assim, aquele que não consegue possuir o que deseja, sente-se diminuído diante daquele que possui o objeto de seu desejo, o que leva ao ódio e à projeção de sua frustração no outro. As irmãs de Psique desejavam uma vida igual à dela, como não podiam ter, acabam destruindo a da irmã. Desta forma, todas estariam em pé de igualdade.

Assim, sejam as irmãs de Cinderela ou as irmãs de Psique, embora motivadas pela inveja, tomadas pela sua própria sombra, atuam como gatilho para iniciar as irmãs em suas próprias jornadas em direção a um amor mais consciente, individual e real.

Este processo não afeta apenas quem é levado a se transformar. A atuação da sombra traz mudanças para todos. Cada uma destas mudanças pode ser experienciada como uma vivência de morte de um determinado aspecto, seja de sua personalidade, seja de um papel, ou de um estágio de relacionamento.

Em relacionamentos longos, assim como em processos de longo-prazo, há uma larga escala de variações na experiência de morte. Um tipo de morte ocorre a cada ponto de transição.

[...]

A severidade da ferida determina como a 'morte' é experienciada e como a psique se move para o próximo estágio de desenvolvimento (NEWTON, 2007, p. 145).

Esta morte ligada à transformação muitas vezes tem início em uma atuação sombria por parte de uma ou mais irmãs em relação à outra, o que faz com que haja um forte sentimento de traição. Esta traição produz uma ferida, que ao gerar na psique o movimento de cura, traz também a possibilidade da mudança, do movimento, e, portanto de um movimento em busca de um novo equilíbrio (NEWTON, 2007).

É fundamental entender que a relação entre irmãos de sexos diferentes ou entre irmãos do sexo masculino mostra ser muito diferente da relação entre irmãs.

O relacionamento entre irmãos homens permite, inclusive culturalmente, uma maior carga de agressão e hostilidade (SILVEIRA, 2002). Parece ser bastante comum que os irmãos rompam seu relacionamento com os outros, mas não é comum que isso aconteça entre as irmãs. Nas produções culturais que podem ilustrar esta relação, não se encontram exemplos de rompimento entre irmãs, mas entre irmãos podemos encontrar muitos, até com desfechos mais trágicos, como a morte de um deles.

Judith Kranz em seu livro "New York, New York", conta a saga de uma família assolada pelo ódio do irmão mais novo pelo mais velho, de forma que toda sua vida gire em torno de prejudicá-lo e tomar seu lugar, sempre atuando de forma discreta e dissimulada:

Cutter Amberville sempre tivera tanta certeza de que Zachary tomara para si tudo o que valia a pena possuir, que se tornou reservado e emburrado, não dando aos pais a oportunidade de se interessarem pela vida dele. Cutter *sabia* que a sombra pesada e onipotente do irmão o tinha privado do amor e atenção que normalmente teriam sido seus. Ele fora posto de lado, à margem da vida dos pais, e interpretava a generosidade do irmão como ossos atirados a um cão. Quanto mais Zachary lhe dava, mais ele lhe devia, e quanto mais Cutter devia ao irmão, mais o odiava, com um ódio apaixonado e permanente, mais profundo que qualquer amor que ele jamais conheceria, o ódio que só pode inspirar a inveja precoce e indizível que um irmão sente pelo outro (KRANZ, 1976, p. 31).

Cutter *sabia* que o irmão o havia lesado. Este saber tão determinante pode ser baseado apenas em sentimentos, como ocorrido no romance de Kranz (1976), sem conexão com fatos, mas são eles que guiarão e determinarão a qualidade da relação fraterna por toda a vida, ou até que se decida revisitar este vínculo, trabalhando conjuntamente para modificar os papéis atribuídos e assumidos por cada um dentro da família e da fratria.

2.4. Papéis Familiares

Um fator que colabora muito para o crescimento da sombra e a permanência na indiferenciação é a tendência à dicotomização dos papéis familiares, como salientado no capítulo anterior. O fato de uma das filhas já ocupar uma determinada posição e a irmã ou irmãs terem que se contentar em assumir outro papel “disponível” favorece os ressentimentos e o distanciamento de si mesmas.

Millman (2004) coloca que a clareza de que cada uma das irmãs, embora tenham crescido na mesma casa com a mesma família, não tiveram as mesmas vivências, pode ajudar muito no momento de se pensar sobre a relação, assim como saber que sua irmã não é responsável pelas ações, preferências ou descuidos dos pais. As irmãs tendem a afastar-se em função da forma com que são tratadas pelos pais. Na vida adulta as irmãs passam a ter a possibilidade, menos inflamada pela interferência dos pais, de pensar sobre seus relacionamentos fraternos.

Precisamos reconhecer que, como adultos, nós temos o poder de mudar radicalmente nosso relacionamento com nossa irmã. E isso começa com ter uma visão mais clara sobre ela.

Descobri que existe uma diferença primária entre irmãs com bons relacionamentos e aquelas com relacionamentos conturbados: ver ou deixar de ver a pessoa que realmente está lá (MILLMAN, 2004, p. XV).

Millman (2004) afirma que há uma irmã real e uma irmã imaginada, sendo a segunda aquela imagem de irmã que criamos a partir de nossas necessidades e desejos, que podem nos cegar diante da pessoa real que está diante de nós. A primeira pode ser uma pessoa boa ou terrível, e não corresponder em nada às expectativas da irmã, sendo, possivelmente, diferente desta. Não se pode esperar que suas atitudes estejam de acordo com as necessidades da irmã.

A transformação desta relação, da irmã imaginada ou idealizada para a irmã real pode permitir uma importante mudança: a dos papéis familiares impostos desde a infância. Ou seja, entrar em contato com a irmã real, recolher as projeções, permite uma relação verdadeira e transformadora (MILLMAN, 2004). “Existe entre as irmãs a possibilidade de uma relação genuinamente mútua e recíproca; ambas são doadoras e receptoras” (DOWNING, 1998, p.120).

A este respeito Downing (1999 e 2007) retoma o conceito de Otto Rank (1976) do Duplo:

‘O Duplo atende à necessidade de um espelho, de uma sombra, de um reflexo’.
 [...] Rank considera que o relacionamento com um irmão inteiro do mesmo sexo, um duplo, significa o relacionamento com nosso próprio eu inconsciente, com a nossa psique, com a morte e a imortalidade.
 [...] A imagem do amor fraterno representa o nosso impulso de ir ‘além da psicologia’ (RANK APUD DOWNING, 1999, p.91).

Downing (2007, 1999) questiona se a sombra poderia encerrar apenas os aspectos negativos e negados do indivíduo. Desta forma, pode-se compreender o duplo como uma dimensão quase espiritual, mas que torna impossível ao outro encarnar estes aspectos.

A intenção de Downing é expressa no sentido de preservar o aspecto numinoso e transcendente deste arquétipo fraterno, que precisa ser encarado com a profundidade de algo inerente ao Self , seja através da sombra ou do duplo.

2.5. A Irmã que Fere

Muitas relações fraternas acabam por se desenvolver de forma negativa. Uma irmã que cuida e se ressentida de sua atribuição, ou a irmã cuidada que passa a vida aterrorizada pelo controle da irmã cuidadora, por exemplo, são casos que podem se arrastar por toda a vida, gerando uma relação disfuncional ou de agressão permanente, instaurando padrões de vitimização e agressão.

Bank e Kahn (1982) e Cicirelli (1995) em suas pesquisas verificaram que muitas destas relações disfuncionais só podem ser tratadas através de um processo terapêutico, em que possam ser discutidos os fatos e as vivências com a ajuda de um mediador, de modo que uma ou todas as irmãs possam ressignificar seu papel dentro da fratria e da família, alterando padrões e ampliando possibilidades.

Quando constantemente denegrimos a nós mesmos, nos vendo como maus ou inaceitáveis, nos causamos uma grande carga de dor. Podemos lidar com este sofrimento de diferentes formas. A primeira, e a única que recomendo, é que percebamos que este modo de ver a nós mesmos é algo que aprendemos na infância quando estávamos aprendendo a ser bons. Como algo que aprendemos, somos livres para mudar isso (ROWE, 2007, p. 316).

Millman (2004), Leder (1991) e Hawthorne (2003) acreditam ainda que é na vida adulta que estas reflexões são possíveis, já que nesta fase muitas das características externas à relação podem ter se modificado: a relação entre os pais, casamentos, separações, nascimentos de filhos, viuvez etc. O que não descarta a fixação nestes padrões que impeçam a mudança. Stark (2007), por exemplo, coloca que o padrão de cuidadora por vezes é tão reforçado durante a vida que, mesmo com muito trabalho, é quase impossível de ser “descolado” de quem o exerce.

Bank e Kahn (1982) e Cicirelli (1995) concordam em dizer que muitas vezes, quando a situação de agressão é intensa demais para o agredido, o que se deve ter em foco é sua preservação, manter o máximo possível de sua integridade emocional. Assim, deve-se evitar confrontos que podem não levar a nada que não seja o agravamento de feridas a serem trabalhadas no agredido.

Rowe (2007) traz a situação em que uma mulher tem uma irmã narcisista, incapaz de ver a outra em suas necessidades. Ela deve perceber que a irmã tem um padrão de conduta e o que isso quer dizer. A desidealização em relação a ela

mesma, e ao que a outra pode oferecer em retorno, é um caminho doloroso para estabelecer uma relação verdadeira. “Nós amamos e esperamos ser correspondidos de forma que nos permita ter a certeza de que “eu existo, eu sou eu” e não a pessoa que outros querem que eu seja” (ROWE, 2007, p.320-321).

Rowe (2007) completa ainda que, quando o amor desaparece, a paixão, que inspira com a mesma intensidade o ódio, também desaparece. Assim, a visão clara proposta por Rowe (2007) e Millman (2004) acerca de quem realmente são as irmãs e a própria pessoa, parece ser o caminho para vencer as grandes paixões, sejam elas de natureza positiva ou negativa, libertando uma grande carga de energia, que pode seguir rumo ao desenvolvimento pessoal.

É importante frisar que ao se falar de vínculo ou relação positiva ou negativa, usa-se a conceituação de Neumann (1991):

O que ajuda à integração da totalidade centrada no si-mesmo, é bom, de qualquer índole que esta ajuda seja. E, vice-versa, é mau tudo o que leva à desintegração, seja 'boa-vontade', seja o 'valor coletivamente reconhecido', seja qualquer outro 'bem em si' (p.103).

Desta forma, uma relação de natureza negativa seria aquela que afasta um ou ambos os membros envolvidos de seu processo de individuação.

Dentre as agressões possíveis, não está apenas o terror dos maus tratos físicos infligidos por cuidadoras inábeis. Ódio, traição e abuso de confiança são exemplos corriqueiros de ações que trazem grande carga de sofrimento. A indiferença como opção não é possível, já que segundo Rowe (2007) o vínculo, uma vez existente, apresenta uma carga afetiva, seja positiva ou negativa. A indiferença só é possível após um longo e doloroso processo em que se esvazia esta relação. Há, no entanto, dúvidas quanto a esta possibilidade, pois o vínculo permanece apesar do afastamento relacional.

A mentira e a traição (ROWE, 2007) estão entre as situações relatadas como de maior dor para a irmã que confia, e nem sempre esta confiança pode ser restaurada. Perceber que uma irmã pode não amá-la também pode ser vivido como traição e neste caso, da traição em particular, a dor pode desencadear o desejo de vingança por este membro da fratria causador da dor.

Ripps (1994) dedica todo um capítulo em seu livro para falar das irmãs que roubam maridos, namorados e companheiros. Burak (apud Ripps, 1994) considera

que este suposto roubo, seria a máxima rivalidade. Segundo ele, este ato cria uma ferida tão séria que é passível de jamais ser curada, já que a confiança básica, só vivida dentro da família, desaparece e deixa a vítima sentindo que jamais será capaz de confiar novamente. Uma de suas entrevistadas, Elizabeth, relata que passou muito tempo se negando a acreditar que sua própria e amada irmã a pudesse trair com seu marido. Era vil demais acreditar que era alguém de dentro da própria família que a destruía. Elizabeth diz que a irmã destruiu mais que seu casamento, mas a família como um todo, pois nada voltou a ser como antes, muito menos ela mesma. Elizabeth rompeu o relacionamento com a irmã e o ex-marido.

A grande ironia era que nossos pais sempre se esforçaram por muitos anos para afastar os intrusos de nossa família. Como uma de minhas irmãs apontou, foi alguém de dentro que nos acabou separando. Nós nunca mais poderemos ser uma grande família novamente (RIPPS, 1994, p.97).

Quando crianças, as irmãs geralmente se protegem das agressões e crueldades das suas irmãs com fantasias de vingança, raramente atuadas (ROWE, 2007; AKHTAR e KRAMER, 1999), o que nem sempre se observa entre os adultos.

Somente a compreensão dos fatos da realidade permite esta libertação: “O fato de você amar uma pessoa não significa que ela vá amá-la” (ROWE, 2007, p.298).

2.6. Superar a Dor: Curar as Feridas

O perdão não é uma ação, mas uma escolha emocional que só pode ser feita quando aquela pessoa ferida percebe que aquele que a feriu não mais pode representar um perigo. Aceitar o que aconteceu e superá-lo é o caminho para perdoar.

Perdoar, no entanto, só é possível quando há movimentação de ambas as partes, ou seja, quando aquele que feriu toma a responsabilidade por seus atos, assumindo o que fez e percebe as consequências disso.

Por isso que irmãos que querem se reconciliar, precisam ter uma conversa em que antigas feridas sejam reconhecidas e não negadas, e o perpetrador assuma a responsabilidade por seus atos. Dizer ‘Desculpe, você me

magooou' não é assumir responsabilidade pelos atos. O perpetrador deve ser bastante específico sobre o ocorrido. Um simples 'desculpe' não é suficiente (ROWE, 2007, p. 300).

Deve-se sempre estar preparado, no entanto, para que isso não aconteça. Assim, o fracasso na reconciliação pode ser também reconfortante, mediante a clareza de que o esforço foi feito e os motivos que levaram a reconciliação ao fracasso. Quando não há reciprocidade ou assumir de responsabilidades, a relação permanece truncada.

2.7. Ambivalência

Conforme citado anteriormente, Bank e Kahn (1982), Merrell (1995), Downing (2007) e Rowe (2007) afirmam que o vínculo entre irmãos, e entre as irmãs em especial, pode ainda se constituir como positivo ou negativo desde o início. As intervenções parentais são um fator importante que afeta diretamente a qualidade das relações fraternas, como confirmado por Brody (1998). Assim, algumas irmãs estabelecem desde cedo relações baseadas no ódio, que geralmente não fenecem durante a vida, e tem uma importante função:

Ter um inimigo significa que você é importante para pelo menos uma pessoa, seu inimigo, e seu inimigo adiciona excitação para uma vida que, de outra forma, seria muito monótona. Para muitas pessoas, e não apenas para irmãos, seu ódio pelos inimigos se torna a única coisa que dá à sua vida significado, e eles não podem abrir mão disso (ROWE, 2007, p. 67).

Apter (2007) frisa que, no que concerne às irmãs, o poder dos sentimentos ambivalentes em relação à outra mulher, faz com que se tenha maior consciência de experiências mais salientes nas relações femininas: medo de perder o amor e medo de ser aniquilada pela rejeição.

Estas vivências no reino do feminino permitem uma ampliação da consciência em relação à ambivalência presente em toda a relação, não só fraterna, mas feminina: "O 'nó'³ que une as irmãs revela a empatia como um recurso complexo

³ The sister knot

usado para controlar e denegrir tão frequentemente quanto é usado para cuidar e proteger” (APTER, 2007, p. 12).

2.8. Agressão na Sombra

O que se percebe, é que, atualmente, a agressão ficou relegada à sombra. Ela aparece hoje em atuações terríveis em escolas, nos casos de “Bullying” em que as meninas não apanham geralmente de suas torturadoras, mas sofrem agressões muito mais intensas que deixam marcas profundas de maldade e prazer pelo sofrimento. Pipher (1998) e Simmons (2002) trazem importantes contribuições para a compreensão deste fenômeno crescente. Interessante que, não raro em casa, a agressora pode ser a irmã.

Para se entender os perfis do agressor e da vítima, muitas vezes precisamos recorrer à dinâmica familiar a que estas meninas pertencem. Brody (1998) relata que as famílias e o modelo de relacionamento que os pais mantêm entre si ou com seus filhos afeta diretamente a forma com que a fratria se relaciona. Os padrões tendem a se manter.

Simmons (2002) quando busca compreender a dinâmica do “Bullying” traz dados que reforçam os trazidos por Brody (1998). Muitas vezes o papel de vítima ou de agressora se perpetua dentro de casa: “Assim como as filhas aprendem a amar como suas mães, elas também podem aprender a não terminar relacionamentos perigosos” (SIMMONS, 2002, p.259).

A prática do “Bullying” caracterizada por agressões recorrentes a uma mesma vítima por uma agressora, se torna mais comum à medida que a cultura incita uma imagem de perfeição e passividade que vai contra a natureza das meninas em particular. A agressão não tem espaço, se torna sombra e acaba atuada na vida de milhares de meninas ao redor do mundo. Ensinar as meninas o que é agressão, e como lidar com ela, já é parte do currículo escolar de algumas instituições que se preocupam com o assunto. Tirar a agressividade da sombra das mulheres é um importante fator para a diminuição de fenômenos como este.

Em casa, as irmãs que se ferem, ou a irmã que fere a outra, estão em descompasso. Perderam a medida da negociação entre as emoções conflitivas que permeiam a relação fraterna.

A rivalidade é a sombra da intimidade e da cooperação; fere diretamente nossa capacidade de familiaridade, lançando-nos no 'exílio'. É com o irmão que aprendemos a dividir e compartilhar, onde aprendemos horizontalidade nas relações; portanto, a sensibilidade para a igualdade começa aqui. [...] O irmão é diferente e igual ao mesmo tempo, e é por meio deste paradoxo que a alma encontra seu caminho na horizontalidade do mundo. O irmão arquetípico é com quem podemos aprender (ou não aprender) que diferenças não são traições (BARCELLOS, 2006, p. 47).

3. SOMBRA

Para chegar a desenvolver uma personalidade consciente, precisamos nos identificar com alguma coisa, e isso implica a inevitável exclusão de seu oposto (SANFORD, 1999, p. 79).

Encontramos o conceito de sombra postulado por Jung em “Aion” (JUNG, 2000) e em “Tipos Psicológicos” (JUNG, 1991), volumes IX-2 e VI respectivamente.

Em “Aion”, Jung (2000) traz o conceito de sombra como um dos arquétipos que perturbam o ego, ao lado do animus e da anima. Dos três, ele acredita ser a sombra a figura mais acessível à experiência, já que estaria mais próxima da consciência, e seu conteúdo ser mais facilmente identificável, por se constituir de aspectos moralmente inaceitáveis para o sujeito.

Assim, para Jung (2000, 1991) a sombra seria constituída de todos os elementos não aprovados pela moral do ego de cada um, conteúdo que seria então relegado a esta instância. Entrar em contato com estes conteúdos sombrios é possível e importante, mas requer um forte esforço para reconhecer o lado obscuro da própria psique. Uma das formas de defesa mais eficientes, segundo ele, para a evitação da sombra, é a projeção, ou seja, a separação entre o sujeito e a característica negada, já que esta estaria exteriorizada e colocada no outro, o que contribui para a ilusão de que não se tem nada do que foi projetado. Stein (2006) completa, dizendo que “A sombra não é experimentada diretamente pelo ego. Sendo inconsciente, é projetada em outros” (p.99).

Aqui, Jung ainda coloca animus e anima como instâncias não pertencentes à sombra, como também percebe Byington (2006):

Por ter situado o Ego como centro da consciência, e descrito a Sombra abrangendo os símbolos somente do inconsciente pessoal, Jung limitou os símbolos da Sombra ao gênero do Ego, atribuindo os símbolos contra-sexuais ao Arquétipo da Anima, no homem, e do Animus, na mulher. Posteriormente, considerou a Sombra um arquétipo (Jung, 1951, par. 19⁴), o que confundiu ainda mais o conceito, pois não o reviu para nele incluir os símbolos de ambos os gêneros (p.21).

⁴ A obra citada por Byington trata-se de: JUNG, C.G. **Aion**, CW 9 II. London: Routledge and Kegan Paul, 1959 [1951].

Stein (2006) frisa ainda que, além da sombra, contamos com o aspecto aceito e aprovado pelo ego como imagem a ser passada para o mundo. Ambos constituiriam a persona, que desempenha um papel fundamental, de adaptação social, mas que, embora esteja identificada com o ego, de certa forma, é como a sombra, alheia ao ego. Assim, a identificação completa com a persona também aprisiona. “Persona e sombra são usualmente o oposto mais ou menos exato uma da outra e, no entanto, são tão chegadas quanto podem ser dois gêmeos” (STEIN, 2006, p. 100).

O trabalho com a sombra é fundamental, embora seja bastante custoso, já que se trata de trazer à consciência justamente aquilo que não se deseja possuir como atribuição. Sua negligência pode ter um custo muito alto. Ao rechaçar a sombra a pessoa vive uma vida aparentemente correta, mas incompleta. Ao abrir-se para ela, traz-se a marca da imoralidade, mas a pessoa fica mais completa, mais próxima da totalidade. Isso em si é um grande dilema, pois se deve abrir mão da valorizada perfeição social para o risco de assumir o que se nega. Este, no entanto, é o caminho.

Quando o trabalho com a sombra é negligenciado, a alma se sente seca, árida, como um recipiente vazio. Então as pessoas sofrem de depressão em vez de embarcarem em uma descida fecunda. Quando o trabalho com a sombra é negado, a alma se sente banida, exilada de seu habitat nos grandes espaços da natureza, nas noites suaves do fazer amor, ou nos objetos sagrados da arte. E as pessoas sofrem de ansiedade e solidão, separadas do seu sentido de lugar, do mistério do Amado, e da beleza das coisas.

Mas quando se atende ao trabalho da sombra, a alma se sente completa e saciada. Quando o trabalho com a sombra é convidado a fazer parte de uma vida, a alma se sente bem-vinda, viva nos jardins, acesa nas paixões, desperta para as coisas sagradas (ZWEIG e WOLF, 2000, p.12).

3.1. Sombra na Família

Considerando que grande parte dos relacionamentos que servem de modelo e interferem diretamente na construção da personalidade dos indivíduos está dentro da família, não se pode deixar de falar sobre ela.

A criança nasce dentro de uma estrutura familiar que abarca indivíduos diferentes, que formam um sistema, sendo os irmãos um subsistema dentro da família.

Cada membro da família, no entanto, tem sua própria personalidade e o desenvolvimento da personalidade dos filhos depende muito do desenvolvimento dos próprios pais. Conforme os estudos de Brody (1998), Bank e Kahn (1982) e Sanford (1999), fica claro que a atuação dos pais interfere diretamente na formação da personalidade, bem como sobre a forma dos membros da família se relacionar entre si. Assim, os pais deveriam educar seus filhos de forma que estes pudessem entrar em contato com a sombra, efetuando a repressão necessária sobre seus instintos e afetos mais violentos, sem romper com seu lado escuro. Sabe-se que para isso é preciso que os pais estejam em contato com sua própria sombra e desenvolvam estas mesmas habilidades, ou sentirão muita dificuldade em aceitar o lado escuro dos filhos (SANFORD, 1999).

A atitude moral é fundamental para a individuação e esta só se desenvolve no relacionamento com outras pessoas com forte ligação de amor, ou seja, geralmente os pais ou cuidadores. Quando não se desenvolve a capacidade de relacionamento e de sentimentos humanos, as defesas contra a sombra não existem ou são muito frágeis, o que leva muitas vezes à identificação com a sombra e patologias (SANFORD, 1999).

A individuação e a totalidade só são possíveis quando a personalidade consciente tem uma certa atitude moral. Se as pessoas se identificam abertamente com seu lado traiçoeiro, desonesto ou violento e não têm sentimentos de culpa nem olham para dentro de si mesmas, a totalidade não consegue emergir (SANFORD, 1999, p. 79).

Assim como o que ocorre com cada indivíduo, cada família tem uma persona, a máscara usada para se obter aceitação e adequação social. Os comportamentos e características considerados negativos ou desvalorizados pelo padrão estabelecido pela família, ou que permanecem latentes, ficam ocultos, preservando a aparência social da família, compondo a sombra familiar (ZWEIG e WOLF, 2000).

A sombra e a persona familiar se constituem e se desenvolvem juntas a partir da vivência de seus membros. Todos que se relacionam com a família ajudam a influenciar e a determinar o que é aceito ou não para ser expresso. Para algumas famílias, por exemplo, a expansividade pode ser um comportamento valorizado,

entrando para a persona familiar e enviando automaticamente a lição de que a timidez e a reserva não são bem vistas, constituindo assim, parte da sombra familiar. “Desta forma, qualquer comportamento pode se tornar um conteúdo de sombra; não é a natureza do material que determina isso, mas sim a forma como os membros da família se relacionam com ele” (ZWEIG e WOLF, 2000, p.59).

Assim como acontece com todo conteúdo sombrio, a família geralmente não tem consciência do conteúdo de sua sombra familiar, que geralmente guarda segredos além do código de conduta e de valores.

A sombra familiar tende a irromper e se mostrar através de rompimento de regras familiares, atos impulsivos, comportamentos compulsivos ou desordens emocionais. Pode ainda ser percebida através da projeção de características não aceitas de um dos membros em outro.

Desta forma, a família tende a se preservar e manter sua estrutura, ainda que para isso eleja um bode expiatório, que receba o conteúdo sombrio da família e desta forma os demais membros possam seguir seu curso, preservando o todo (ZWEIG e WOLF, 2000).

A vergonha é outro importante recurso para que se possa identificar a sombra:

A vergonha, então, é o guardião do portal da sombra familiar. Ela mantém de pé a fachada familiar e reforça a negação. Encoraja a projeção, e defende contra qualquer novo conhecimento que possa estragar a imagem familiar. A vergonha nos separa de nós mesmos e daqueles que amamos. Ela exila a alma familiar. Por todas estas razões, os cenários de vergonha apontam para a cura; trazem consigo o potencial de restauração do sentimento verdadeiro (ZWEIG e WOLF, 2000, p.64).

Em seu livro sobre a vergonha, La Taille (2002) reafirma a importância deste sentimento, pois quem sente vergonha, “julga-se de forma negativa, porém mostra possuir e legitimar os valores dos quais, justamente, decorre o juízo negativo” (p. 109).

Assim, através da vergonha podem-se identificar os valores que regem a vida de cada um, pois só se envergonha quem tem moral e teme decair aos olhos dos outros, em especial de quem lhe é caro e ainda que não haja testemunhas da quebra do valor, há uma traição interna, o que permite que alguém sinta vergonha sozinho, sem testemunhas.

Os valores aprovados pela família são legitimados e lançam à sombra os demais. Além de seus próprios valores, a família como sistema tem os seus. Constituir-se como membro da família e indivíduo no mundo é um grande exercício, exige trabalho sobre a sombra familiar e individual. Os sentimentos de amor e ódio, de amizade e rivalidade, de aceitação e desprezo, ou seja, ambivalentes e mutáveis dentro da família, são superados e sentidos novamente dentro da convivência, e se constituem em importantes recursos para o autoconhecimento. Pode-se perceber o grande número de divisões internas e assim se ganha a consciência psicológica. O confronto com a sombra tem grande potencial e coloca cada um no caminho para o desenvolvimento da consciência familiar e individual.

3.2. Sombra na Fratria

Eu sou quem ela não é. Ela é o que eu mais gostaria de ser, mas acho que nunca serei, e também o que mais me orgulho de não ser, mas tenho medo de vir a ser (DOWNING, 1999, p. 88).

Ser irmão é partilhar da genética, da casa, dos mesmos pais e da mesma educação, sendo que cada um destes pontos varia de caso para caso e são nas variações que o vínculo se forma, assim como sua natureza.

As famílias estabelecem papéis que tendem a dividir a fratria em pares de opostos, assim o que não me cabe, cabe ao meu irmão e vice-versa. Estes pares são sujeitos a projeções e a ideais referentes ao papel, à persona familiar. Assim, a sombra na fratria tende a ser grande, já que reflete a família e não apenas os irmãos, embora isso ainda possa acontecer.

Merrell (1995) acha interessante e digna de nota a percepção de algumas pessoas de que não têm nada em comum com seus irmãos. Acredita que aqueles casos em particular precisam de alguma reflexão, pois podem ocultar uma dinâmica importante. Compreender as circunstâncias em que tal sensação se estabeleceu pode ser elucidativo, pois se pode atribuir ao irmão aqueles pontos obscuros em si mesmo, ou seja, projetar a sombra:

Dentro de nós existe um 'outro' escondido; uma pessoa que é tão egoísta como somos generosos, agressiva quanto somos passivos, ou segura e

autoconfiante como desejamos ser. Este self secreto é o depositário de aspectos negativos que não podemos reconhecer em nós mesmos, e é ainda a caverna onde enterramos o potencial positivo que temos medo de explorar. Um uso importante da relação fraterna na vida adulta é, inconscientemente, aprender a ver um irmão ou irmã como este self oculto. [...] Muitas vezes as características descritas existem efetivamente em nossos irmãos, mas existem em nós mesmos também (MERRELL, 1995, p. 15).

Ripps (1994), ao falar especificamente sobre a relação fraterna feminina, coloca que as irmãs são representantes de algo bem específico, como ideal e como sombra: olhar a irmã faz com que se possa ver um pouco de si mesma.

Por ser uma relação única, a sombra na fratria também tem características importantes. Como o vínculo não se rompe, a sombra dentro da fratria precisa ser vista e reconhecida para que o relacionamento fraterno aconteça de modo real e que as irmãs se relacionem como tal e não apenas através de suas projeções.

3.3. Atuar a Sombra

[...] a sombra nunca é mais perigosa do que quando a personalidade consciente perde contato com ela (SANFORD, 1999, p. 80).

Henderson (1990) lembra um velho ditado que diz que “Quando Deus está presente, o Diabo não está muito atrás” (p.65), ou seja, sempre que a perfeição da persona está em evidência, a sombra está, em mesma proporção, rondando a consciência. Quanto maior a alienação da sombra, maior a energia usada para mantê-la reprimida e a força que ela exerce para ser conhecida.

Com a identificação com o ego ideal a sombra é separada da consciência, pode se tornar autônoma, e assim irrompe, tornando-se real e se faz perceber de tal forma como se tivesse um corpo (HENDERSON, 1990; WHITMONT, 1995).

Negando a sombra, recusando seu contato, a pessoa fica com a vida limitada e corre um grande risco. A questão não é se temos uma sombra, mas onde ela está. Quanto mais adotamos a postura de fingir que ela não existe, maior a chance de ser tomada por ela. A sombra tem o direito legítimo de expressão, e ao confrontá-la, ao torná-la consciente, adquire-se a possibilidade de escolher quando, como e onde

será expressa, caso contrário, esta pode irromper de forma destrutiva e desordenada (WHITMONT, 1995).

A sombra não é patológica por si mesma, mas apresenta grande potencial para isso quando se nega sua existência. É nesta situação que se pode ser tomado pelo complexo que, autônomo, se expressa de acordo com ele mesmo.

Através da projeção as pessoas podem entrar em embates importantes com o outro e nestes confrontos podem perceber a si próprios. Abrams e Zweig (1999) colocam:

A sombra pessoal contém, portanto, todos os tipos de potencialidades não-desenvolvidas e não-expressas. Ela é aquela parte do inconsciente que complementa o ego e representa as características que a personalidade consciente recusa-se a admitir e, portanto, negligencia, esquece, enterra [...] até redescobri-las em confrontos desagradáveis com os outros (p.17).

3.4. *Animus*

Em toda a obra de Jung, como citado anteriormente, a irmã é colocada simbolicamente como elemento contrassexual, como anima em oposição ao homem. Desta forma o irmão seria também um representante simbólico do masculino na mulher.

Jung (1991) postula que o elemento contrassexual está presente em todos, homens e mulheres, e geralmente se manifesta em parte conscientemente, quando se desenvolvem características geralmente atribuídas ao sexo oposto, e muito frequentemente, de modo inconsciente, como por exemplo, na escolha do parceiro amoroso que tende a encarnar a projeção dos elementos da própria alma do sujeito. “Do mesmo modo que a anima, o animus é um amante ciumento, pronto para substituir um homem de carne e osso por uma opinião sobre ele, opinião cujos fundamentos duvidosos nunca são submetidos à crítica” (JUNG, 1991, p.84). Anima e animus trazem o princípio da complementaridade.

Anima e animus estão em contraposição à persona, ou seja, na luta para manter uma adequação à máscara social, tende-se a ocultar e reprimir os conteúdos inconscientes, entre eles o contrassexual (JUNG, 1991). É fundamental para homem e mulher o contato com os conteúdos da anima e animus, sob pena de ficarem

empobrecidos. O animus em especial seria para a mulher o aspecto ancestral de todas as vivências com os homens, além de ser criativo e engendrador.

A mulher que não entra em contato com o animus pode ser tomada por ele, que se torna autônomo, perdendo sua feminilidade e falhando totalmente em manter sua persona tipicamente feminina (JUNG, 1991).

Nos relacionamentos afetivos em geral, a presença do animus da mulher pode acontecer através da projeção, em que um homem a recebe e a humaniza. Da mesma forma, ele pode ser um interlocutor do masculino, em suas muitas facetas.

Pieri (2001) explica de modo bastante claro:

Quando a imagem da alma é transferida numa pessoa real, a relação do sujeito com esta é limitada e, ao mesmo tempo, torna-se possível por tal projeção, pela qual o sujeito ao entrar em relação com aquele objeto entra em relação com uma parte de si, e não com o objeto enquanto tal (p.38).

Assim, o encontro com o elemento contrassexual pode e deve se dar ao longo dos relacionamentos, que são ricas fontes de conhecimento sobre a própria psique. O que não é conhecido permanece na sombra, e como tal é passível de atuações autônomas e a mulher corre o risco de ter parte de sua personalidade usurpada pela atuação do animus.

Jung (2006) afirma que apenas através da retirada das projeções pode-se reconhecer que não estamos lidando com algo externo, mas com uma grandeza interior, que deve ser apreendida e percebida como tal, para então ser diferenciada da mulher e dos homens.

Quando se consegue se diferenciar do animus e se afirmar em relação a ele, em vez de se deixar devorar por ele, então ele deixará de representar apenas um perigo, tornando-se ao contrário uma energia criativa; e nós precisamos dela, pois, por mais estranho que isso possa parecer, somente incorporando esse ser masculino da alma, para que ele aí exerça a função que lhe cabe, será possível ser realmente mulher no seu sentido mais elevado e, já que ao mesmo tempo somos autênticas, também cumprir nosso destino humano (JUNG, 2006, p. 54).

3.5. Integrar a Sombra

Zweig e Wolf (2000) colocam que trabalhando com a sombra, as feridas inconscientes podem colocar o indivíduo ou mesmo a família toda no caminho para a consciência. Através da traição, e das feridas criadas dentro da família ou da fratria,

a dor, do ponto de vista da alma, abre a consciência para outro caminho, ou paralisa, caso se decida enterrar a ferida sem antes trabalhá-la.

Em vez de aprender inconscientemente a enterrar nossas feridas, podemos conscientemente aprender a carregá-las, identificando nossas projeções, e aprofundando nossa empatia pelos outros e por nós mesmos. Desta maneira, a traição e sua ferida transformam-se em veículos para a construção da alma.

[...]

Se uma pessoa na família começa a tornar conscientes essas feridas ('Sim, eu entendo que você falhou naquilo'), então este indivíduo pode provocar reconciliação com o grupo, criando o potencial para uma família maior, e para a emergência da alma familiar (ZWEIG e WOLF, 2000, p.62).

Berry (1998) confirma esta posição quando diz que a sombra para ameaçar a consciência geralmente irrompe através de algo específico e inesperado. A traição e a atuação repentina de alguém próximo, como um irmão, cumprem o papel ameaçador da ordem da consciência com grande eficiência, o que mobiliza para a mudança: "A conscientização advinda pela sombra procede por tensões e, mais uma vez, constatamos que, quanto mais específico for o nosso foco nas nuances da diferença, maior a tensão" (BERRY, 1998, p.38).

Desta forma, a atuação da sombra mobiliza uma grande carga de energia que, liberada de seu objeto anterior, pode seguir para um novo investimento, para uma nova direção afetiva, transformando a psique. A atuação da sombra pode ser um eficiente recurso para que a sombra seja vista, reconhecida e integrada, promovendo a ampliação da consciência, ou pode levar à paralisia e ao rompimento, quando o conteúdo sombrio expresso vai além da condição de ego para aceitá-lo, sob pena de colocar a segurança psíquica em risco.

Integrar os opostos e o sombrio presentes no irmão envolve a aceitação de que o outro pode ser frustrante, diferente, desapontador, sem que isso signifique que deva ser objeto de ódio. Envolve o desenvolvimento da habilidade de experimentar a gratidão e o amor por aquele ser que encontrará nossas necessidades apenas de forma imperfeita. Integrar o irmão é aceitar as limitações do outro e de si mesmo. É aceitar a imperfeição do ser (APTER, 2007).

4. OBJETIVO

O objetivo geral deste trabalho consiste em compreender a vivência sombria no vínculo fraterno feminino.

Como objetivo específico, pretende-se verificar a importância da irmã no processo de individuação feminino.

5. MÉTODO

Trata-se de pesquisa teórica, ou seja, intenciona enriquecer e preencher lacunas no conhecimento, usando como foco determinado grupo (ALVES-MAZZOTTI e GEWANSZNAJDER, 1998), no caso a fratria feminina. Desta forma, a busca da bibliografia foi feita com foco na verificação da qualidade da relação e não em sua incidência ou frequência, estudos mais apropriados ao enfoque quantitativo.

Sampieri (2006) e D'Allonnes (2004) afirmam que os estudos qualitativos oferecem grande flexibilidade ao pesquisador, pois permitem que este ultrapasse os limites da observação, ampliando-os com a análise, relacionando o que se observa com a teoria estudada. A construção da análise se dá pelo pesquisador, e muitas vezes se transforma ao longo do processo ativo, surgindo novas questões e hipóteses, exigindo dele adaptações e redirecionamentos. "Seu propósito consiste em 'reconstruir' a realidade, tal como é observada pelos atores de um sistema social predefinido" (SAMPIERI, 2006, p.5).

O levantamento bibliográfico constituiu-se pelas etapas:

A coleta do material iniciou-se com a busca sobre o tema primeiramente na obra de C. G. Jung, mas nota-se que este faz apenas referências à figura da irmã em contraposição ao irmão, ou seja, sempre como parte do par de opostos (JUNG, 1989, 1997, 2003, 2007, 2008).

Em seguida, buscando-se autores junguianos, encontraram-se poucos textos em português sobre o assunto: três de Gustavo Barcellos (2003, 2006 e 2009), um de Liliana Wahba (1993) e dois de Christine Downing (1998, 1999). Ampliando-se a pesquisa para textos internacionais, encontraram-se um livro de Christine Downing (2007) e um de Lara Newton (2007) especificamente sobre o tema.

Diante da escassez de material encontrado, buscaram-se referências em outras linhas teóricas, que puderam basear de modo mais abrangente os conceitos sobre ser e ter irmão, bem como especificar os conceitos da relação fraterna feminina, na vida adulta em pares (díades).

Há boas pesquisas na área de família no Brasil, como as de Oliveira (2000) sobre a memória compartilhada e a realizada em 2005 com foco nas dinâmicas fraternas no recasamento. Os estudos de Silveira (2002), Perez (2002), Goldsmid e Féres-Carneiro (2007) também trouxeram grandes contribuições para se

compreender teoricamente as particularidades da fratria como relação e como vínculo.

Autores estrangeiros reforçaram e embasaram em alguns casos o que as pesquisas brasileiras apontaram: Bank e Kahn (1982) e Cicirelli (1995) foram autores de referência em praticamente todas as pesquisas sobre o tema, já que realizaram muitas pesquisas com diferentes recortes e focos.

Apter (2007), Adler (1998), Brody (1998) Hawthorne (2003), Leder (1991) e Stark (2007) colaboraram de forma intensa, pois vindo de diferentes instituições e realizando tipos diferentes de pesquisa apontaram muitas vezes para a mesma direção, ainda que sem encontrarem nada de definitivo, o que realmente parece estar na base da fratria.

O retorno à bibliografia junguiana se deu para buscar base teórica para a análise das produções culturais selecionadas.

As obras culturais ilustram a natureza das relações fraternas femininas e suas transformações diante de momentos de crise, o que se mostra possível conforme Edinger (1984) afirma: “Linguagem, arte, drama e o aprendizado oferecem o espelho de Atena para a humanidade, permitindo à psique que emerja e se desenvolva” (p.40).

As obras trazidas são analisadas através de seus personagens, como estudos de caso (D’ALLONES, 2004), sendo a obra ampla usada como plano de fundo para ilustrar e ampliar raciocínios teóricos e clínicos já relatados. Sampieri (2006) aponta como vantagem dos estudos qualitativos a análise que ele chama de holística, ou seja, embora feita através de recortes, de partes, não se desprende ou se perde do todo.

Levantou-se um número relativamente pequeno de obras especificamente sobre o assunto, já que efetivamente a relação fraterna não se mostra como foco de interesse dos autores com frequência, o que dificulta a seleção.

Dentre as histórias selecionadas, excluíram-se aquelas com diferenças culturais marcantes, como o livro “Como água para chocolate” (ESQUIVEL, 1993), cuja relação na fratria é profundamente marcada pelos costumes do México no século passado. Da mesma forma as famosas histórias de Jane Austen, como “Razão e Sensibilidade” (AUSTEN, 2009), também específicas em seu retrato da sociedade inglesa do século XIX, marcam um tipo de relação atrelada à sociedade e ao momento histórico. O conto de fadas vivido no cinema de modo alternativo em

“Para Sempre Cinderella” (1998) também foi excluído por suas particularidades históricas. Sandmaier (1994) é bastante meticulosa em apontar as fortes influências do pano de fundo sociocultural na construção e manutenção dos vínculos fraternos.

Selecionaram-se os seguintes filmes: “Os Queridinhos da América” (2002), “Três Mulheres, Três Amores” (1988), “Em seu Lugar” (2005) e “Muito Bem Acompanhada” (2006). No processo de produção do trabalho, optou-se pela exclusão de “Os Queridinhos da América” (2002) em função do caráter intensamente particular e até mesmo patológico das personagens, o que poderia nublar a percepção de padrões de relação fraterna dita comum.

As obras em questão são filmes comerciais da indústria hollywoodiana, que, embora rodados em outro país, atingem diretamente a população brasileira, que vai aos cinemas ou os assiste em casa.

Izod (2001) em seus estudos verifica que a intensidade das emoções suscitadas pelas imagens do cinema já seria fator suficiente para justificar a análise de produções. O fato de filmes mobilizarem tantas emoções em seu público é indício de que estes ativam conteúdos que ultrapassam o nível de consciência em que o público está no momento da exibição. Assim, acompanhar estas emoções pode ser caminho para melhor conhecer conteúdos não expressadamente conscientes.

Beebe (2001) também considera a análise de filmes um recurso rico e eficiente para compreender os arquétipos que se manifestam na atualidade, já que, segundo ele, filmes trazem imagens arquetípicas impregnadas da cultura em que os espectadores estão mergulhados.

Kittelson (1998) ressalta que as imagens culturais são expressões da psique, e encerram informações, padrões, tendências e valores que evidenciam a alma cultural, uma vez que a psique opera não apenas na esfera individual, mas também coletiva. Desta forma, através da exploração e análise de imagens de cinema, novelas, ou outras, que se podem atingir os sentidos mais profundos da psique.

“Em seu Lugar”, lançado em 2005, obteve renda de US\$33.000.000,00, “Três Mulheres, Três Amores” (1998) US\$13.000.000,00 e “Muito Bem Acompanhada” (2006), que foi lançado no Brasil direto em DVD, US\$32.000.000,00⁵. Embora não

⁵ Fontes: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_filmes_de_maior_bilheteria. Acesso em 25/04/2010; <http://www.imdb.com>. Acesso em 25/04/2010.

se aproximem das imensas bilheterias de “Titanic”⁶ e “Avatar”⁷, tiveram boa aceitação comercial e mesmo após alguns anos de disponibilidade permanecem no mercado, o que pode indicar que ainda suscitam interesse do público. As histórias selecionadas pertencem ao mesmo momento histórico e mesma base cultural, além de que, em todas, para que as irmãs possam sair de papéis congelados desde a infância, uma das irmãs atua de forma sombria, trazendo à tona, em um primeiro momento, sentimentos negativos como a traição e a mentira. Nestas histórias percebe-se que a atuação permite às irmãs a quebra dos papéis e no meio de tanta dor caminham rumo à superação e à mudança.

Os filmes não foram transcritos, mas apenas apresentados através de resumos, por serem de fácil acesso e com foco na relação fraterna a ser analisada. Não se deram ênfase às demais relações e intrigas em função do objetivo do trabalho. Os detalhes maiores foram colocados apenas quando necessários à melhor compreensão da trama.

Os filmes foram analisados de acordo com categorias desenvolvidas no confronto da bibliografia levantada com os filmes. Ao longo de análises preliminares foi possível rever as categorias mais relevantes apontadas pela teoria e outras que puderam ser excluídas. Seguiu-se a metodologia de Sampieri (2006), ou seja, durante a observação dos filmes a serem analisados e confrontando-se com a base teórica, selecionaram-se categorias que poderiam contemplar os casos estudados e conduzir aos objetivos, bem como permitir novas questões e pontos de observação e análise.

No trabalho de análise procuraram-se verificar o ambiente familiar mais amplo em que as personagens estavam inseridas e os possíveis diferentes efeitos deste na construção e manutenção da fratria. Partiu-se deste ponto para então observar as particularidades das irmãs como indivíduos na relação fraterna.

Durante todo o processo de análise, outros dados bibliográficos específicos se fizeram necessários, sendo inseridos no texto.

As categorias usadas foram:

⁶ TITANIC (Titanic), Direção de James Cameron e Roteiro de James Cameron. Co-produtor James Cameron. Estados Unidos: Paramount, 1997. 1 DVD (194 min.), cor, legendas em português.

⁷ AVATAR (Avatar), Direção de James Cameron e Roteiro de James Cameron. Co-produtor James Cameron. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2009. 1 DVD (162 min.), cor, legendas em português.

1. Família

- Estrutura;
- Papéis familiares;
- Momento do ciclo vital;
- Ordem de nascimento;

2. Fratria

- Natureza do vínculo;
- Qualidade da relação;
- Acesso;
- Idade;

3. Sombra

- Na relação fraterna
- Individual;
- Familiar;

4. Traição

5. Outros elementos

- Animus;
- Irmã de alma;

6. Transformações

6. ILUSTRAÇÕES

6.1. TRÊS MULHERES, TRÊS AMORES

6.1.1. Sinopse

Daisy e Kat Arujo são duas irmãs criadas na pequena cidade litorânea de Mystic, onde moram na companhia da mãe. A vida delas é bastante simples, e a cidade vive melhores dias quando os turistas chegam para o verão. Enquanto isso, a cidade vive da pesca, em especial de lagostas.

A mãe, de origem portuguesa, é uma mulher calada e taciturna, que se orgulha de Kat e se preocupa com o futuro de Daisy. A família vive em uma casa simples, com o salário da mãe na separação da pesca e os ganhos das filhas.

Daisy é uma jovem bonita, que sonha em conhecer alguém rico e mudar de vida, abandonando uma vida de dificuldades. Verbaliza que só tem o corpo e as cervejas que bebe para se divertir, pois não é inteligente como a irmã e nunca irá para uma universidade. Trabalha na pizzaria chamada “Mystic Pizza” junto à irmã Kat e a melhor amiga das duas, Jojo, que reluta em se casar com o namorado.

Kat é a filha boazinha e esforçada. Tem três empregos, na pizzaria, no planetário e como babá. Foi aceita em Yale para cursar astronomia, mas com bolsa parcial, assim faz de tudo para conseguir algum dinheiro para financiar sua educação. Tímida, ajuda na casa e não se envolve com rapazes, pois seu foco é a universidade.

As duas irmãs e a amiga Jojo vão a um bar onde Daisy joga bilhar com um rapaz rico e bonito que chega acompanhado de amigos e moças, todos muito refinados, o que se torna evidente dentro da simplicidade do lugar. Ela é chamada de prostituta por uma das garotas, que se incomoda com sua postura.

No dia seguinte Daisy recebe a visita do rapaz (Charlie) que a procurou por toda a parte para levá-la para jantar. Ela fica deslumbrada por poder ir a lugares luxuosos a andar com o belo rapaz de família rica.

Kat encontra um novo trabalho de babá para um homem (Tim) recém-chegado à cidade, que está sozinho com a filha Phoebe, pois a esposa está em Londres a trabalho. Há sempre a dúvida no ar sobre uma possível separação do casal, inclusive por comentários feitos pela menina.

As duas irmãs vivem suas histórias em paralelo, com muito pouca participação entre elas. Daisy com sua conduta voltada para o sexo, sempre se refere às relações de forma agressiva e insinuante, o que incomoda sua irmã, que se pauta pelo romance.

Em uma noite, ao voltar da casa de Tim, tendo recebido emprestado o suéter que ele vestia por causa do frio, Kat observa a irmã chegar de um encontro com Charlie despedindo-se com um beijo intenso, olha com curiosidade e se encolhe. Ao entrarem em casa Daisy nota o suéter e provoca a irmã, dizendo que Tim está dando em cima dela. Kat chama-a de nojenta e a irmã atira uma caixa de preservativos para ela. As duas riem.

Daisy passa a noite com Charlie e Kat começa a se deixar seduzir por Tim.

As duas sempre que podem cutucam uma à outra em relação a Tim e a Charlie.

Kat pergunta a Tim como é sua esposa e ele responde de forma evasiva. Conheceu-a em Yale:

Nós nos conhecemos no primeiro ano. Engraçado pensar que você ainda tem tudo isso à sua frente. Vejo que você examina tudo e me lembro exatamente do que senti quando comecei em Yale. Totalmente apavorado, mas era excitante. Sentia que chegara a hora de viver (TRÊS MULHERES, TRÊS AMORES, 1988).

Ela pergunta se ele viveu. Ao que ele responde: “Claro, aqui estou. Ah, Kat, as coisas acontecem. O que posso dizer?” (TRÊS MULHERES, TRÊS AMORES, 1988). Pela primeira vez Kat esquece a responsabilidade e olha apenas para si mesma, deixando que Daisy cobrisse seu turno, na noite em que deveria jantar com os pais de Charlie, o que precisa ser remarcado.

As duas brigam e Daisy diz: “Certo, eu sou a antipática e você o anjo, sempre. Não importa o que aconteça. Deviam ter carimbado isso nas nossas certidões de nascimento” (TRÊS MULHERES, TRÊS AMORES, 1988).

Daisy questiona sobre o que Tim e Kat fazem. Diz que pais que transam com as babás não são novidade. Completa dizendo que se ela acha que o homem vai

abandonar a esposa para ficar com Kat, está vivendo um romance de livro. Kat fica furiosa e ataca a irmã dizendo que ninguém a engana. Que tudo é sobre sexo. Questiona por que Daisy não começa a cobrar pelos seus serviços, pois seria mais honesto. Ela dá um tapa no rosto de Kat e atira o esfregão com que limpava o chão da pizzaria para a irmã: “Limpe sua consciência” (TRÊS MULHERES, TRÊS AMORES, 1988).

Kat se envolve com o pai de Phoebe (Tim) e acaba passando sua primeira noite de amor com ele, acobertada pela amiga Jojo, que fica como babá da menina. Na mesma noite, ao voltarem para a casa dele, surpreendem-se com o retorno da esposa. Kat volta para casa devastada. Chove intensamente. Chora quieta em sua cama e a irmã entra no quarto para pedir de forma ríspida que Kat não use mais sua escova de cabelos. Apenas quando percebe o estado emocional da irmã, sua postura se transforma. Daisy se oferece para pegar um chá, mas Kat pede que elas apenas fiquem juntas. Ela abraça Kat e pela primeira vez percebe-se a verdadeira ligação entre elas. Uma apóia a outra.

A mãe de Daisy a aborda preocupada com seu relacionamento com Charlie. Diz que ela mesma já foi jovem um dia e que os homens também viviam atrás dela, mas que tinha juízo. Daisy agradece a mãe por sempre fazê-la sentir-se mal. “Eu falo palavrão, sou burra, vadia” (TRÊS MULHERES, TRÊS AMORES, 1988). A mãe diz que só quer que a filha seja alguém. Daisy responde: “Bom, eu não vou para Yale e vai ter que aceitar isso” (TRÊS MULHERES, TRÊS AMORES, 1988). Sua mãe diz que não espera que vá para Yale, mas que se preocupa com ela. Daisy assume que também se preocupa com o próprio futuro.

Em um jantar com a família de Charlie, Daisy percebe que sua condição social e o fato de ser portuguesa são elementos usados por ele para chocar sua família. Ela diz o quanto está decepcionada com quem ele é, pois se comportou como um idiota durante todo o jantar. Volta para casa chateada e com raiva por sentir-se enganada e usada.

Tim e Phoebe vão à pizzaria despedir-se de Kat e ele lhe dá um cheque para ajudar em Yale. Eles vão embora e ela rasga o cheque. Daisy lhe dá a mão e diz que ela não precisa tanto assim de dinheiro e que encontrará uma forma. A relação entre elas mudou.

Jojo se casa e, na festa, Kat recebe da dona da pizzeria um gordo cheque para ajudar em Yale. Charlie chega e ajuda a servir o sorvete, participando da festa. Diz que Daisy estava certa sobre ele e pede desculpas. Quer mudar.

As irmãs e Jojo conversam na varanda. Lidam com suas histórias recém-vividas com cumplicidade e sem críticas.

6.1.2. Análise

A família Arujo é uma família constituída pela mãe de origem portuguesa e duas filhas, sendo Daisy a mais velha e Kat a mais nova. Nada se sabe sobre o pai ou outros familiares. A mãe, ao longo do filme, apenas aponta a preocupação com o futuro das filhas, que deseja que seja melhor que a vida que ela mesma leva.

Carotenuto (2004) aponta o peso deste desejo para as filhas da família:

Geralmente é pedida aos filhos uma enorme tarefa: ser bem sucedidos onde os pais fracassaram. ... O filho deve resgatar o papel social, procurar o poder, ter um comportamento ético; em outras palavras deve realizar algo absolutamente extrínseco, alcançar uma meta na qual nunca pensou e a qual nunca desejou (p. 89).

Na ânsia de uma vida e um futuro melhor, a mãe projeta nas filhas suas próprias vivências, criticando ou as reforçando não em função dos avanços de cada uma, mas de acordo com sua concepção do que é melhor. Desta forma, pode desviar as filhas de seus próprios caminhos de alma.

As duas filhas se encontram na vida adulta jovem, em idade universitária, e têm como foco principal a busca de parceiros amorosos. A vida profissional ainda não é baseada na busca da satisfação, mas apenas como meio de subsistência. Moram com a mãe e se preparam para possíveis mudanças como ir para a universidade ou um casamento, como já observa com a amiga mais próxima, Jojo.

Durante o filme pode-se perceber a influência dos papéis estabelecidos dentro da família sobre a relação fraterna: há a expectativa prévia de atuação de cada uma das filhas por parte da mãe e delas mesmas. Há clara divisão de funções e de espaços.

Daisy é a filha bonita e pouco inteligente que busca em um possível relacionamento a saída para escapar da dura vida que levam. Kat é a filha dedicada, esforçada e inteligente que não perde tempo com rapazes, pois vê nos estudos o caminho para a mudança. A mãe em diversos momentos reforça estes papéis com falas como “Esta é minha filha inteligente.”, ou “Já fui como você, mas também fiquei velha. Os rapazes vão embora...”.

Cada uma das mulheres da casa já está familiarizada com seus espaços. As mudanças não são simples e afetam o sistema como um todo. Por exemplo, quando a mãe pede ajuda com o almoço para Daisy ela responde que Kat ajudará. Kat olha para a mãe e as duas andam em direção à cozinha. Daisy chama a irmã para mostrar o vestido de festa caro que comprou. Embora saiba que é um luxo fora da realidade da família o compra, diz que vai usá-lo e depois devolver à loja. Kat a chama de louca, mas ri e não a condena. A contraposição entre elas permite a observação, a contemplação e o contato com elementos desconhecidos uma da outra.

As irmãs reforçam a posição de Leder (1991) e Cicirelli (2004) sobre a vida adulta: embora sofram a pressão das expectativas maternas, nenhuma das duas parece atuar de forma a lutar pela aprovação ou atenção da mãe em especial. Esta luta é antiga e permanece como pano de fundo sombrio. O foco está no mundo.

A mãe que se apresenta é bastante seca e objetiva. A afetividade parece ser vivida na fratria e na amizade com Jojo. O materno não acolhe, exerce função de paterno, tolhe, orienta, sinaliza.

Nota-se no início do filme que, embora vivam na mesma casa, partilhem do mesmo círculo social e locais de lazer, a relação entre Daisy e Kat não parece ser de muita parceria, mas de uma certa conveniência. Divertem-se juntas, conversam com a amiga Jojo, mas sentem-se muito diferentes.

Satisfazem-se com a polarização dentro da família: eu sou o que ela não é. De certa forma as irmãs parecem atuar na vida social mais ampla os papéis polarizados dentro da família (ROWE, 2007). Observa-se esta transposição da família para a vida em diversas cenas, uma delas é a cena do bar em que as irmãs e a amiga vão ao bar local e cada uma delas age no bar de acordo com a forma de conduta adotada em casa: Daisy com muita sensualidade, foca nos rapazes, Kat se fecha no grupo de amigos e se diverte com recato.

Em um diálogo com Jojo e a irmã Kat, Daisy diz: “Não sei onde estarei em dez anos. Posso estar morta até lá. Olha, Jojo, você tem o Bill, e você – aponta para Kat – tem cérebro. Eu só tenho isso, e isso” – aponta para seu rosto e para o pacote com duas latas de cerveja. Aqui Daisy deixa claro qual é seu papel e seu autoconceito. Ela acredita ter apenas aparência e o corpo como atrativos. Não consegue se ver de outra forma ou de reconhecer outros valores que não aqueles estabelecidos pela família e já cumpridos pela irmã. Fica fixada no outro pólo e não consegue se soltar dele (STARK, 2007).

Estar presa a este papel de moça vazia, pouco inteligente, faz de Daisy alguém que busca se libertar das profecias da mãe. Quer vencer na vida, dar certo usando as únicas armas que acredita que tem. A mãe a critica, mas não a ajuda a encontrar outro caminho. Daisy a questiona e diz que não irá para a universidade. A mãe diz que não quer isso, mas também não ajuda a encontrar outra forma sair do círculo vicioso: interdita, mas não acolhe.

Não se sabe exatamente a diferença de idade entre elas, mas pode-se notar que não deve ser muito grande, pois se encontram em proximidade física e emocional. Há um vínculo fraterno preservado, mas que apenas ao longo do filme vai ganhando em qualidade de relação.

Lembrando-se a definição de qualidade positiva de Neumann (1991) que acredita que o relacionamento positivo é aquele que permite o crescimento, o movimento rumo à individuação, nota-se que as irmãs se ajudam neste processo, por vezes conscientemente, através do apoio mútuo, do afeto; e inconscientemente, atuando a sombra, espelhando a outra.

Kat ri das loucuras e aventuras da irmã e se percebe que a inveja de alguma forma, ao espionar a irmã beijando Charlie, ao voltar de um encontro. A conduta da irmã a faz despertar para um lado seu que ela descuida e que se fará presente. Daisy age de acordo com o contraponto da irmã: já que Kat é inteligente, ela é aquela que só tem sua beleza e fará uso dela. Ela verbaliza acreditar que o ideal da família é a universidade, e já que não se vê desta forma, passa a ocupar o espaço familiar que ela acredita estar disponível e que ela exerce (MILLMANN, 2004).

Há uma intensa sombra familiar, que por ser esta casa constituída apenas por mãe e filhas, confunde-se com a sombra materna. Esta mãe relata já ter sido jovem e deixa a entender que já foi desejada e abandonada pelos homens que nada mais

queriam dela senão sua beleza e juventude. Mostra o amargor do abandono e não quer que as filhas percorram o mesmo caminho.

Apenas o confronto claro e direto com a mãe permite que estas condutas motivadas por um código invisível sejam questionadas e reavaliadas. Ou seja, apenas quando a sombra familiar é explicitada é possível o confronto com seu conteúdo e a integração.

Dentro desta família de pai desconhecido encontramos três homens que convivem com as irmãs, trazendo o masculino, o animus para suas vidas:

O dono da pizzeria em que trabalham é o representante mais velho e frágil diante da expressividade pungente da esposa, dona do segredo do tempero da pizza. A relação não é fértil, o casal não tem filhos. O poder está polarizado na mulher que castra a função do masculino fecundadora e criativa.

Charlie, por quem Daisy se apaixona, é um rapaz assombrado diante da expressividade do pai e de seus inúmeros fracassos em se igualar a ele. Busca uma namorada portuguesa e pobre, como forma de afronta aos supostos valores de sua família rica.

Tim é um homem insatisfeito com seu casamento que busca na juventude de Kat o resgate de uma parcela de sua própria vida, esquecida na época da faculdade. Tim busca na paixão e determinação de Kat o contato com estes aspectos dele mesmo, perdidos em um casamento morno. Quer a paixão que a juventude emana.

As irmãs são levadas a se confrontarem com o masculino através de seus parceiros, ressignificando a imagem de homem vendida pela mãe.

Daisy percebe que projeta em Charlie o desejo de uma vida melhor e de provar que a mãe estava errada, que ela seria capaz de ser amada e não apenas explorada. Ela precisa viver a frustração de realizar a profecia da mãe, executada por um parceiro que também projetava em Daisy a oportunidade de expor a sombra de sua própria família. Ambos acabam confrontados com suas próprias hipocrisias projetadas nos pais. Daisy aceita que a mãe tem razão e volta de carona com a empregada da casa que é sua vizinha. Ela entra em contato consigo mesma, com suas origens de que tanto se envergonha. Agora pode ser quem é de verdade, assumindo-se para Charlie.

Ele se comporta de forma grosseira e imatura no jantar, usando a namorada para confrontar os valores da família, sem perceber que eram os valores dele

mesmo, e não dos pais. Precisa que Daisy se assuma, para que ele possa também se assumir.

Daisy precisa usar sua razão para apontar a Charlie a verdadeira natureza de sua relação. O uso desta função antes sombria faz com que ela se fortaleça e possa levar este relacionamento e um patamar verdadeiro, pois Charlie volta a procurá-la ao final do filme, desta vez dentro do ambiente de Daisy, na festa de casamento de Jojo, ajudando na cozinha a servir os sorvetes. Não apenas ela tenta viver o ideal, mas agora Charlie também desce ao mundo real. Esta é a vida dela, e se vão se relacionar, precisam se conhecer como são: dentro da cultura, da condição social de cada um.

A relação dos dois é particularmente interessante, já que ambos carregam a sombra familiar de suas casas. Ele assume o lugar de tudo o que o pai não valoriza e ela também.

Confirmando o que apontam La Taille (2002) e Zweig e Wolf (2000) pode-se ver que Charlie e Daisy espelham a sombra familiar através da vergonha. Charlie se envergonha por não ser como o pai, e Daisy por ser pobre. Ambos revelam os valores ocultos pela couraça da persona.

Daisy, no entanto, com a ajuda da irmã e da relação de apoio entre elas, rompe com este padrão e se liberta. Charlie é motivado então, a ele mesmo recolher suas projeções, pois ele também via nela o que valorizava, mas também desprezava, preso a um sistema de valores arraigado e até mesmo distorcido. Quando ela pode assumir a própria vida, dá a ele a possibilidade para fazer o mesmo.

Daisy enfrenta o afastamento de Charlie quando ela assume quem é. Sanford (1987) explica que esta é uma conduta comum nos homens que tendem a se ressentir quando a mulher faz qualquer tentativa para desenvolver sua personalidade, de forma que esta nova imagem supere a da anima antes projetada. Quando ele não pode mais ver na mulher o que ele colocou sobre ela, mas quem ela realmente é, há uma perda, uma dor que nem sempre pode ser processada de imediato. Charlie leva um tempo para conseguir ver Daisy livre da projeção da anima. Ao fazê-lo, opta por estar com ela.

Kat que sempre atuou com sua função pensamento como dominante, precisou ver emergir da sombra o sentimento: Eros a tirou do eixo e fez com que perdesse o controle. Esta emersão da sombra permitiu a ela viver o sentimento, a

apaixonar-se e a flexibilizar seu papel de moça concentrada, focada na vida acadêmica futura. Ela que sempre viu o comportamento afetivo-sexual da irmã com desprezo, atua da mesma forma, e se transforma. Kat vive a experiência de amar, de ser traída e abandonada. Amadurece, pois vive o que não conhecia e que desejava secretamente da vida da irmã. Não sabia, no entanto, o que poderia acontecer. Estava enfeitiçada por sua primeira paixão, tomada por Eros.

Tim possibilitou a Kat esta vivência por ele mesmo projetar nela a sua juventude. Ele se identifica com a moça sonhadora que deve cursar a mesma universidade que ele cursou, e ainda tem toda a vida pela frente, além de todas as descobertas que ele já fez e que para ela são futuras possibilidades. Ela lhe empresta sua juventude e seus sonhos e no tempo em que estão juntos, esquece-se de suas frustrações e conflitos. Para Kat ele é o homem experiente, que como Zeus seduz as jovens belas e inexperientes e que as abandona frente à fúria ou presença da esposa Hera Tim abandona Kat assim que a esposa retorna. Não ousa enfrentar seus próprios demônios. Dá um cheque para financiar parte de seus estudos, talvez como uma forma de participar desta vida que está por vir. Ela rasga. A vida dela começa independentemente dele.

Ambas as irmãs foram traídas e abandonadas por seus parceiros. Precisaram repetir a história familiar para então superá-la. Uma esteve ao lado da outra afetivamente para que pudessem vencer a sombra da família.

A traição não é entre elas, mas vem através do masculino, do animus, tão pouco trabalhado nesta casa. As duas irmãs se encontram com suas projeções de um masculino mau e traidor, arraigado nos valores familiares. A traição vem mesmo do masculino, do animus projetado em seus parceiros, de forma que pudessem aprender sobre si mesmas e sobre a relação com os homens, que não precisa ser de traição, mas sim verdadeira, sem projeções.

A identificação de Daisy com a mãe custou caro para esta filha. Daisy era a filha que deveria repetir sua história e sua sorte, embora não fosse esse seu desejo, parecia quase que inevitável. O ideal da mãe frustrada e sofrida foi inteiramente depositado na filha diferente, Kat, que também passou a carregar um grande peso: Kat não vivia Eros e Daisy não acreditava poder viver o Logos.

Ao final do filme, no casamento de Jojo — a irmã de alma, emprestada pelas duas em diferentes momentos —, sempre mergulhada em seu imenso conflito entre viver livre sua paixão ou se casar com seu grande amor, que as duas forjam o início

de uma nova etapa. Olhando para Jojo como membro honorário da irmandade pode-se ver também o retrato mais amplo da fratria: ela não consegue aceitar o masculino como parceiro, como cônjuge. Fica presa também a um masculino pouco desenvolvido. Apenas quando confrontada com o limite imposto pelo noivo, ela assume sua escolha. As três caminham juntas e se apóiam mutuamente na superação de um padrão.

Nota-se que o elemento da conjugalidade estava na sombra. O feminino ressentido e traído não conseguia operar a parceria, o encontro, lado positivo de Hera, deusa grega guardiã dos casamentos. Spessoto (2007) afirma que é Hera quem favorece o encontro, a parceria e o vínculo. É a deusa casada com o irmão, com a horizontalidade conjugal. Protege os heróis e vive intensos encontros, desencontros e traições com o marido e parceiro conjugal. É ela quem “[...] promove o desenvolvimento da consciência na integração do masculino inconsciente” (p.72). Hera move sua fúria na direção daqueles que desrespeitam ou desdenham do casamento, do encontro conjugal. O lado sombrio da deusa se manifesta na mãe ferida e amarga. As filhas encontram a conjugalidade e resgatam o masculino na traição.

Byington (2008) escreve que o amor tende a diminuir quando está a serviço de apenas uma das polaridades, o dever ou a sensualidade. Quando não há confronto e integração da sombra, o amor (que é ilimitado) definha preso à unilateralidade.

Jojo pode refletir a mudança que se opera na fratria como um todo: agora elas conseguem olhar para si mesmas de uma forma diferente e aceitar novas perspectivas: Kat vai para a universidade, Jojo se torna esposa e Daisy reinicia seu relacionamento com Charlie, mas agora às claras, sem mentiras ou joguetes de nenhum dos dois.

Kat e Daisy estão no início da vida adulta jovem e começam a buscar seus lugares no mundo. O foco de suas vidas, como se pode ver na teoria de Leder (1991), é a busca do parceiro amoroso, de um lugar efetivo no mundo como seres independentes. Os papéis familiares as aprisionavam a uma vida em que o masculino que traz a ordem, o criativo e a determinação estava perdido. A integração do animus permitiu a recuperação de parte do ser mulher, sem serem tomadas pela sexualidade desregrada ou pela ausência desta.

A ausência de uma figura masculina atuante pode ter colaborado para esta situação inicial de pouca intimidade com o masculino, pois as irmãs estavam cercadas de mulheres fortes e devoradoras, privadas e afastadas do feminino sensual ou maternal.

A humanização do animus aparenta ter sido um importante catalisador para a emergência da sombra, que elas viveram, entraram em conflito internamente e entre elas, recolheram suas projeções e voltaram a unir-se, descobrindo um novo lugar no mundo, independentes e mais completas.

O vínculo entre elas se mostrou fundamental para que pudessem dar-se apoio mútuo. Sem isso, é provável que não tivessem tido força suficiente para enfrentar seus próprios preconceitos e o abandono vivido dentro de casa. As duas sustentaram-se afetivamente, e juntas tiveram forças para enfrentar a pesada sombra familiar. Caminharam em paralelo, cada uma a sua maneira, mas em tempos semelhantes. O apoio mútuo foi a base afetiva que permitiu a transformação.

6.2. MUITO BEM ACOMPANHADA

6.2.1. Sinopse

Kat é uma jovem inglesa que vive atualmente nos Estados Unidos, depois que seu ex-noivo a abandonou sem explicações, após sete anos de namoro e pouco antes do casamento. Não aguentando a pressão Kat vai embora para recuperar sua auto-estima e reconstruir sua vida.

Sua irmã (na verdade meiairmã), filha do segundo casamento de sua mãe com o padrasto a quem Kat adotou como pai, vai se casar, e Kat deve voltar à Inglaterra para ser sua dama de honra. Ela se desespera por saber que o padrinho do noivo será Jeffrey, seu ex-noivo.

Kat se desestrutura diante da perspectiva de voltar. Não conseguiu seguir adiante com sua vida e ainda está presa à sua triste história, mas não quer

demonstrar. Assim, contrata um acompanhante profissional, charmoso e convincente, para se passar por seu namorado.

Kat mostra preocupação constante em parecer adequada, e leva grande quantidade de malas para a viagem, nada pode faltar, ela deve estar perfeita, bonita e sexy, sempre lembrando ao ex-noivo o que ele perdeu.

Ao encontrar Nick, o acompanhante, no avião, ela se choca com a perfeição de seus modos e aparência. A fala dele é sempre tranquilizadora e adequada.

Eles chegam a Londres após viajar durante a noite. Kat olha por cima do banco para Nick, perfeitamente arrumado, enquanto ela está borrada e descabelada, depois da noite incômoda no avião. Chegam ao local onde é feita a primeira recepção. Kat parou em um bar para trocar de vestido, já que a gravata de Nick era da mesma cor da roupa que usava e ela não queria parecer que estivessem combinando demais. Ao se depararem com a primeira pessoa a quem Kat precisa apresentar Nick, ela o arrasta para dentro da chapelaria, onde faz o pagamento e combina os fatos sobre eles, sobre profissão e como se conheceram caso perguntem.

A irmã de Kat, Amy, a encontra e cumprimenta de forma esfuziante, mas de modo rápido e superficial e vai embora. Apenas comenta casualmente quem era o sortudo.

A mãe começa a recepcionar os convidados ao microfone, fala sobre a decepção do casamento de Kat e precisa ser interrompida para que volte a falar sobre os noivos.

Kat se encontra com Jeffrey na frente no banheiro e começa uma conversa sem graça quando a prima chega e a leva, dizendo que a está salvando não dele, mas dela mesma. “Seu problema Kat, é que você é boa demais!” (MUITO BEM ACOMPANHADA, 2005).

Nick traz um drinque para Kat, que a irmã pede para si:

[Amy:] “Me dá isso aí?” [E aponta para o copo de Kat.] (MUITO BEM ACOMPANHADA, 2005).

Kat lhe empurra o copo no balcão e Amy coloca um canudo na boca esperando que Kat lhe coloque o copo na exata posição para que tome o conteúdo.

[Amy:] Quer saber o que eu mais adoro nisso, Kat?

[Kat:] Que finalmente há uma razão para o mundo todo girar ao seu redor?

[Amy:] Exatamente! (MUITO BEM ACOMPANHADA, 2005).

Nick conhece Jeffrey, que aparenta estar muito infeliz, e diz que ama uma moça que está na festa com outra pessoa.

Ao retornarem para a casa dos pais de Kat, ela e Nick são acomodados no antigo quarto dela. Ele vai para o banho e tira a roupa com tranquilidade, dizendo que olhar faz parte do pacote. Eles conversam sobre a profissão de Nick e Kat se mostra muito curiosa. Diz que leu um artigo sobre ele em que fala que toda mulher tem a vida amorosa que deseja. Kat questiona se ele acha que ela quer ser solteira e infeliz. Ele diz que sim, que apenas quando ela não quiser mais se sentir assim, ela mudará sua vida. Ela pergunta a Nick o que ele achou de Jeffrey, ao que ele responde que o achou um ser egoísta e inofensivo, mas atormentado.

Kat vai à despedida de solteira de Amy, onde as meninas bebem muito e Nick leva a bolsa que ela havia esquecido no carro. Amy se mostra enciumada pela atenção que Nick recebe das moças e pelos comentários que a prima T. J. faz a respeito dele. Kat deixa de ser o centro das atenções e não lida bem com isso, passando a agir de forma disfarçada, porém enciumada.

Amy expõe a irmã quando comenta com um amigo, Woody, que Kat havia terminado com ele na adolescência, pois ele tinha mau-hálito. Woody percebe o desconforto de Kat e se apressa em dizer que entende, já que ela era a menina mais bonita da escola. Amy diz que a irmã foi sempre eleita a mais bonita, a que tem os olhos mais bonitos, a que envelheceria melhor etc. Kat se sente desconfortável.

Amy diz: “Você é minha meia-irmã, mas eu a amo por inteiro!” (MUITO BEM ACOMPANHADA, 2005).

Na saída da despedida de solteira, Amy e a irmã cantam juntas pelas ruas através do teto solar do carro. Kat passa no caixa eletrônico e saca uma boa quantia em dinheiro.

Ao chegar à casa, Kat seduz Nick e passa a noite com ele no barco do pai, na lateral da casa. Na manhã seguinte diz não se lembrar de nada. Eles começam então uma discussão sobre a noite e sobre dinheiro. Saem da casa e vão para o interior, onde o casamento acontecerá na manhã seguinte. Estão em um churrasco, quando o noivo procura Amy, mas não a encontra. O pai de Kat sugere a Nick que vá buscá-la. Nick presencia Amy e Jeffrey de mãos dadas e ele pedindo que ela diga o que quer. Jeffrey sai, Amy e Nick conversam. Jeffrey procura Kat e tenta falar algo, mas são interrompidos.

Mais tarde, todos estão sentados ao redor da mesa, a mãe fala que acredita que a razão das filhas não se darem bem é um menino, Toni, o primeiro namorado de Kat. Bunny diz que sabe que as filhas hoje mal se toleram e que antes de Toni eram inseparáveis:

[Bunny (mãe):] Eu culpo o Toni pelas minhas duas filhas não se darem bem. Não, não neguem, vocês mal se toleram. Começou logo que a gente se mudou para cá. Minhas duas meninas brigaram por causa do Toni “Mijão” e nunca mais fizeram as pazes.

[Amy:] Dizem que Kat e eu éramos inseparáveis.

[Bunny:] Se Kat comesse uma banana era Amy quem a vomitava.

[Kat:] É, estávamos comendo e vomitando em perfeita harmonia até que o Toni me acompanhou da escola até em casa um dia. Ele foi meu primeiro namorado.

[Amy:] Toni começou a ignorar Kat porque queria brincar comigo [ela diz com orgulho.] Deixa pra lá, o ponto é que Toni acabou levando uma cadeirada na cara.

[Bunny:] Era de plástico e de tamanho infantil, mas houve alguns pontos envolvidos.

[T.J.:] Conta, Bunny, foram mais de quinze pontos! (MUITO BEM ACOMPANHADA, 2005).

Kat vai à adega buscar mais vinho e é seguida por Jeffrey que, mesmo com Kat dizendo que não quer mais saber deles dois, conta que terminou com ela porque dormiu com Amy. Ela se choca e sai correndo sendo amparada por Nick, até que Amy o acusa de ter contado à Kat. Kat se revolta com ele. Nick vai embora.

À noite Amy agradece a Kat por não ter falado nada na frente do noivo (Ed). Kat lhe diz que não se preocupe, não vai falar nada para que a irmã tenha o tempo certo para contar a Ed o que fez, e que no dia do casamento irá sorrir e fazer as coisas certas, mas que nesta noite não vai fingir que está tudo bem.

No dia do casamento, Kat e seu pai conversam e ela vai à procura de Nick, que já saiu a caminho do aeroporto.

Amy decide contar tudo a Ed, que sai da sacristia após a conversa e persegue Jeffrey até que este suma.

Kat consola Amy, mas o casamento acontece, Nick traz o noivo de volta e na festa as duas irmãs estão felizes. Amy diz a Kat que a ama.

6.2.2. Análise

As irmãs retratadas no filme, Amy e Kat, são filhas de uma família reconstituída, com uma filha do primeiro casamento da mãe, Kat, que além de receber um novo pai — nada se sabe sobre o verdadeiro pai de Kat no filme — em breve ganhará também uma irmã. Ela precisa então conquistar um espaço dentro da nova família, e em pouco tempo perde sua posição para assumir o lugar de irmã mais velha, deixando o espaço anterior para sempre. A fratria se inaugura com o nascimento de Amy, mas não se conhecem os fatos sobre a preparação de Kat para o nascimento da irmã ou a conduta dos pais, o que pode ter influenciado na relação dela com a irmã (SILVEIRA, 2002; OLIVEIRA, 2006).

Sabe-se que Kat, embora seja enteada, é tida pelo padrasto como filha, o que é recíproco. A ligação entre eles é mais forte do que a ligação dela com a própria mãe ou da irmã com o pai. Ele é sua grande estrutura, enquanto Amy não parece ter nenhuma ligação especial na família, a não ser com a irmã, e ainda assim pauta esta relação no ciúme e na inveja.

A figura da mãe parece cumprir pouco seu papel cuidador. Aparentemente o afeto provém mais do pai do que da mãe. Pode-se perceber que há uma importante carência afetiva nas jovens. Kat espera a aprovação do masculino e Amy, que sempre se percebe como segunda escolha, atua como aquela que rouba da irmã aquilo que sozinha não dá conta de conseguir.

Embora não se saiba exatamente qual a diferença de idade entre as duas filhas, pode-se verificar que não aparenta ser superior a cinco anos, o que é considerado por alguns autores como um intervalo de tempo que favorece a convivência da fratria, mas não a qualidade da relação, mais fortemente influenciada pela forma com que os pais interferem e cuidam dos filhos (FISCHEL, 1997). Elas mantiveram durante a vida um vínculo estreito, com grande acesso uma à outra, partilhando da mesma casa, regras e círculo social. Aparentam ter mantido um vínculo positivo durante a infância, o que se sugere ter mudado apenas na adolescência, por ocasião do primeiro namoro de Kat, quando, segundo o relato da família, as duas passaram a não se suportar mais, pois Amy tenta roubar a atenção do rapaz, o que enfurece a irmã, que dirige sua raiva para o namorado, mas não à irmã.

Agredir o masculino que expõe a sombra familiar parece ser um recurso eficiente por bastante tempo na vida das irmãs, até que esta forma de funcionamento a serviço da manutenção da persona da família não se sustente mais.

Kat fica muito tempo presa a um jogo inconsciente cujas razões autênticas ignora. Acaba projetando em fatos externos, como o abandono pelo noivo, um incômodo que vai além dos acontecimentos em si. O desmascaramento da realidade a obrigaria a entrar em contato e a questionar verdades afetivas que sempre considerou como certas. Assim, ao projetar sobre o noivo o abandono, mantém um mecanismo familiar eficiente, que preserva as regras familiares e a persona (CAROTENUTO, 2004).

O distanciamento físico acontece já na fase adulta jovem, em que estão no filme, quando Kat deixa a Inglaterra e vai para os Estados Unidos. As irmãs já têm uma vida profissional constituída, que não está em foco, mas sim a busca de um parceiro amoroso e a descoberta de seus papéis sociais mais amplos. Kat sai em busca de seu lugar no mundo, pois não conseguiu superar o aprisionamento em que ela mesma se colocou. Ali na Inglaterra era a noiva abandonada, nos Estados Unidos seria quem quisesse ser.

Carotenuto (2004) chamaria o distanciamento, a fuga, de traição positiva da família, ou seja, Kat precisou de um afastamento físico para estar verdadeiramente só redescobrir-se em uma situação nova, particular, individual, sem referências externas antigas, o que permitirá uma atitude crítica em relação a ações e valores usados como referências até então. Kat tenta fundar um espaço para criar uma nova postura de vida, correndo o risco de não corresponder às expectativas familiares.

Mas a distância ainda não foi suficiente. Embora tenha tido alívio e podido criar uma nova persona, ela permaneceu enraizada nos papéis antigos que foram imediatamente ativados com a perspectiva de voltar para casa. Ao contrário do que propõe Carotenuto (2004), Kat não conseguiu fazer mudanças na essência, precisou de um confronto com a sombra e a verdade para superar a família.

Com efeito, ao nos retirarmos do mundo, reduzimos a intensidade e redefinimos a qualidade da intervenção dos outros em nós. O nosso incômodo e o nosso bem-estar adquirem novo centro de gravidade; isso significa que já não representamos uma ramificação da psique de quem está ao nosso lado, mas podemos, por exemplo, aceitar ou rejeitar um

pedido, reconhecer suas modalidades e restituir seu sentido profundo (CAROTENUTO, 2004, p.87).

Pode-se refletir ainda que Kat talvez não tenha sido tão bem sucedida nesta empreitada em função de não ter acesso à verdade. Nunca entendeu o abandono, mas não sabia ser uma traição e que esta abrangia toda a família. Havia uma persona familiar a ser mantida e ela pagava o preço. Assim, Kat tentava se construir sobre uma mentira. Não havia possibilidade de real integração da sombra, pois esta continuava guardada e era sinalizada pelo incômodo que sentia. A superação não era possível, pois não conhecia os fatos reais.

Os relatos feitos pela família ao longo do filme e as condutas de Kat e Amy apontam para uma clara vivência de papéis também definidos pela ordem de nascimento em que Amy sempre espera ser cuidada e mimada pela irmã, que a serve e supre as vontades dela, sem nunca a deixar satisfeita. A irmã mais nova enciumada e a irmã mais velha que cuida, tolera e mima estão presentes durante todo o filme. Kat cede espaço para receber a irmã, e esta vai lhe tirando várias coisas ao longo da vida, e Kat cede sempre, ainda que inconsciente de alguns destes “roubos”, como o de seu próprio noivo.

Burak (apud RIPPS, 1994) defende que o “roubo” do parceiro da irmã é a expressão da máxima forma de rivalidade e pode trazer feridas de uma profundidade incurável. O noivo foi o último grande roubo de Amy, mas o que mais ela tirava de Kat?

Pode-se questionar se Kat havia tirado de Amy seu pai, que demonstra muito mais afeto pela enteada. Poderia Amy passar a vida tentando reaver o masculino roubado? “[...] a luta por alguma coisa passa a ser luta *contra* alguma coisa” (CAROTENUTO, 2004, p. 90, grifo do autor). Amy pode ter escolhido a luta contra a irmã, brigando na verdade por afeto.

As irmãs estavam ligadas pelo ciúme e pela rivalidade, o que fez com que passassem a adolescência e a vida adulta até então em uma proximidade superficial e falsa. O vínculo firmado na infância persistiu, mas a relação foi empobrecida em qualidade.

Oliveira (2000 e 2005), Cicirelli (1995), Bank e Kahn (1982) e Millmann (2004) convergem em suas pesquisas no que se refere à diferença de idade das irmãs que, ao entrar uma delas na adolescência, pode gerar na mais nova uma profunda admiração e desejo de ter o que a outra experencia. O momento de descompasso

de desenvolvimento pode ser uma oportunidade para estreitamento e resgate de uma relação ou outro ponto de perda. No caso de Kat e Amy, a adolescência deflagra um conflito latente que se arrasta para a vida adulta.

Embora estivessem muito próximas física e socialmente, houve um importante distanciamento emocional. Uma nunca viu a outra verdadeiramente, o que apenas aumentou o estranhamento entre elas, pois passaram a conviver com suas projeções a respeito uma da outra.

Kat via na irmã aquela pessoa de quem tinha de suportar os excessos e cuidar. Era cutucada e provocada, mas nunca reagia, mostrando-se passiva. Tinha que dar amor, cuidar, mas com o preparo que uma criança tem para cuidar de outra. Não sabia disciplinar ou dar limites. Aceitava o papel de cuidadora estabelecido há muito tempo, e jamais tentava se desvencilhar dele, pois assim correria o risco de desagradar aos pais (BANK e KAHN, 1982; STARK, 2007).

Amy parecia ainda presa à adolescência, quando invejava a irmã popular e se dedicava a mostrar ao mundo que esta não era perfeita, porém de forma velada, mantendo a persona familiar. Amy dizia, sempre que tinha a oportunidade, que a irmã era a mais bonita, a mais popular, a que envelheceria melhor etc. Não perdia jamais a oportunidade de deixar Kat envergonhada com algum relato feito em confiança que deixava escapar.

Sandmaier (1994) diz que um dos elos poderosos entre os irmãos é a história partilhada. O fato de um irmão dominar a história e segredos do outro pode fortalecer este elo ou fazer dele uma arma poderosa. Amy usa a história e os segredos como arma, expondo a vulnerabilidade da irmã de uma forma que só irmãos podem fazer.

Funderburg (2000) lembra que uma das características básicas da fratria é a familiaridade. Desta forma, quando Amy e Kat passam a viver através de projeções uma da outra, perde-se a referência de fratria. A relação é de afastamento, de estranhamento.

Kat escondia uma forte insegurança sob a máscara da perfeição, de garota popular, bonita e disputada. Não foi preparada para perder e perdeu seu noivo. Não conseguiu se levantar sozinha da queda e precisou ir embora.

A faixa etária em que as duas se encontram, da vida adulta jovem, é a mais propícia para o recolhimento das projeções e do contato efetivo com a irmã, pois já não é mais o foco da vida da jovem a aceitação ou a luta pela preferência dos pais,

mas sim a conquista de um lugar no mundo e busca por um parceiro (SANDMAIER, 1994; HAWTHORNE, 2003). Este fato parece ser um pouco contraditório caso não se entenda a diferença entre os momentos das duas: Amy ainda presa à luta pelo amor ao pai, transfere a disputa para os outros homens da vida da irmã e Kat quer apenas se libertar de uma grande dor que não entende.

Há dois pontos fundamentais para a compreensão de Kat: primeiro o aprisionamento no papel de boa filha, o que sempre a impediu de agir de acordo com suas verdadeiras emoções; segundo, ficou presa ainda à vivência com o ex-noivo, não conseguiu processar o abandono, e paralisou sua vida afetiva. Ou seja, Kat estava fixada em um complexo, o que não permitia que seguisse sua vida com a desenvoltura necessária.

Amy, por sua vez, parece nunca ter visto a irmã como realmente era, apenas invejava a persona exibida por Kat e seu sucesso social que desejava para si mesma.

A relação de inveja de Amy em relação a Kat confirma o que Ulanov e Ulanov (2000) falam a este respeito: não importava o que Kat fizesse, a inveja jamais diminuía. Caso Kat se rebelasse seria invejada por isso, ficando passiva seria invejada por conseguiu-lo. Aprisionada no lugar de invejada, Kat pagava o alto preço de ser sempre atacada por princípio. A inveja a afastava da irmã, que a feria o tempo todo e a fazia refletir se seria merecedora disso. Kat se mostra desconfortável com o papel que exercia na comunidade durante a infância e a adolescência. Demonstrava sentir-se embaraçada por ser boa, admirada e bonita. Mesmo tendo sido abandonada pelo noivo, a irmã que vai se casar ainda a inveja.

Kat carrega um grande fardo que é manter a alto custo a persona de perfeição pessoal e familiar. Amy depositou ainda sobre a irmã suas projeções e frustrações. Ao tomar da irmã o que esta possuía, ela se sentia mais poderosa. Eros e poder em contraponto. Ao lutar por um espaço de poder, Amy afastou-se afetivamente da irmã e jamais se permitiu vê-la como ser humano, com falhas e limitações.

Barcellos (2006) nos lembra que a rivalidade é a sombra da intimidade e da cooperação. Lança a fratria ao exílio e impede que se desenvolvam as habilidades inerentes da horizontalidade. As irmãs que se ferem estão em descompasso e se pode ver o reflexo desta falha na horizontalidade nas relações amorosas das irmãs.

Há ainda o espaço da sombra familiar. Pouco se sabe sobre a qualidade da relação entre os pais, mas há uma família que se une para um casamento e que fala abertamente sobre as mazelas e problemas, sempre regados a muito vinho. A família sabe dos fatos ocorridos entre as irmãs e esconde de Kat o que pode ser a chave para sua libertação, já que a falta de resposta e de entendimento a impediu de seguir adiante. Ao mesmo tempo, o distanciamento desta família e da própria história deu a Kat a possibilidade de descobrir novas facetas de si mesma. É difícil imaginar que a jovem tensa e insegura que volta dos EUA seja a mesma moça popular que Amy cita sempre. A família está a serviço de si mesma e esconde sua verdade. Há a traição entre eles, mas esta fica selada em um acordo de silêncio.

La Taille (2002), Zwei e Wolf (2000) mais uma vez comprovam suas afirmações em relação à vergonha quando se observa Kat: a vergonha do abandono e da traição revela a sombra da família. Ela encarna o bode expiatório da família, que mantém a custo pessoal a persona familiar.

Interessante que quando Kat descobre sobre a dupla traição, ela já havia superado seu fantasma: foi como ser arrastada novamente para o drama. Aparentemente o sistema fraterno e seus companheiros estavam presos nesta rede. Kat não podia sair sozinha, mas deu a todos a possibilidade de encontrar novas alternativas.

Jeffrey serviu, a esse respeito, como objeto de atuação da sombra, foi preso na rede da fratria e serviu como instrumento de transformação das relações. Foi através dele que as irmãs entraram em contato com a verdadeira natureza uma da outra. Foi o masculino imaturo de Jeffrey que trouxe o caos, e o masculino ponderado de Nick e do pai que restabeleceu o equilíbrio.

Em um primeiro momento Kat culpou Nick: os homens são sempre culpados para ela. Ela não confia neles. E precisou de outro homem, do pai, para rever esta desconfiança. Ele cita a entrevista dada por Nick à revista e repete sua fala sobre a mulher ter a vida amorosa que deseja, mas se recusa a acreditar que aquela seja a vida desejada por ela. Nick e o pai são dois espelhos voltados para ela e refletem a mesma imagem, não dá mais para fugir da responsabilidade dela mesma.

Chachere (2004) diz que “Apenas uma mulher que ama a verdade por si só será capaz de integrar o animus (p. 43)”. As irmãs precisam recolher as projeções feitas sobre os homens de sua vida a reconhecer o que pertence a cada uma delas e às suas almas. Kat não confia e acredita que homens traem, embora sempre

espere o grande amor e busque o perdão. Amy quer o amor dos homens, mas antes precisa amar a si mesma.

Quando as irmãs recolhem suas projeções, confrontadas com a verdade interna e familiar, resgatam a própria criatividade e inspiração, lançando-se a relações honestas.

Ed, o noivo, também foi vítima da dinâmica fraterna, pois Amy o escolheu por permitir que sua imagem de boa moça e de adequação fosse preservada. O casal jamais se relacionou verdadeiramente, mas com suas projeções. Quando Amy conta a verdade, e Ed pode aceitar a verdade, casa-se com a verdadeira Amy, imperfeita, mas autêntica e completa.

O animus atua como catalisador para a mudança. Humanizado na figura do pai, traz o princípio da ordem ao apontar o caminho para Kat e Nick. Nick mobiliza Kat, Jeffrey desestrutura as irmãs e Ed assume uma postura mais firme e máscula ao se confrontar com a traição de Jeff. O animus atua muitas vezes, seja como Hermes, traidor, mas mensageiro, seja como o velho sábio que traz a verdade e o caminho em suas palavras.

Amy traiu a irmã e o noivo traiu Kat. Kat foi duplamente traída, mas a fúria que a tirou de sua letargia foi a segunda traição, a da irmã. Amy ter sido o pivô de seu abandono foi demais para ela, e permitiu que Kat pudesse sair de sua máscara de adequação, o que se vê no diálogo entre as duas no quarto do hotel:

[Amy:] Eu só queria te agradecer por não me expor na frente do Ed. Eu quero contar, mas não na véspera do casamento. Você sabe que o momento tem que ser perfeito.

[Kat sorri e se vira de frente para a irmã.]

[Kat:] Você tem razão. Tem que ser na hora certa. Para quando ele ouvir que você transou repetidamente com o melhor amigo dele ele não achar que o mundo inteiro está desabando e que não há saída, já que você o convenceu a se casar com ele.

[Amy:] Kat...

[Kat:] Não se preocupe, seu casamento será perfeito. Amanhã eu vou sorrir e dizer as coisas certas e você vai lidar com Ed quando estiver pronta. Mas agora, esta noite, eu não vou fingir que está tudo bem. (MUITO BEM ACOMPANHADA, 2005).

Kat, pela primeira vez em muito tempo diz à irmã exatamente o que pensa. Ela está liberta da persona, em contato consigo mesma e com seus sentimentos. Ama a irmã, mas está ferida por ela e pela primeira vez reage a isso. Ao lidar com a irmã verdadeira, real, Kat pode vencer as paixões antes fixadas e libera grande

carga de energia, que agora usa para o desenvolvimento pessoal (ROWE, 2007; MILLMANN, 2004). Embora se mantenha adequada no dia seguinte, agindo de acordo com as normas sociais e ocultando seus verdadeiros sentimentos, Kat abriu uma porta entre ela e a irmã que nunca existiu: a da honestidade a qualquer preço. Ela deixou de se preocupar tanto com os outros em relação a ela, pois sua imagem foi destruída diante de todos e ela foi a última a saber. Seu grande medo, ficar despida de sua persona, se realizou e ela fez um esforço muito grande durante tempo demais para descobrir que foi tudo em vão.

Kat passou muito tempo buscando respostas, mas nunca quis ver a verdade. Prendeu-se a falsas esperanças. A irmã foi o emissário da sombra: a traição lhe permitiu sentir a verdadeira dor, com causa real, e não em suas fantasias. Ao ver Jeffrey e a irmã verdadeiramente, ela se liberta e permite-se sair de um papel antigo, o da moça invejada e perfeita que lhe acompanhou por toda a adolescência. Ela abandona a persona social e familiar cristalizada para poder adaptar-se de forma mais criativa e flexível às exigências do meio, ou seja, adequando sua persona de forma saudável (MILLMANN, 2004; DOWNING, 1998).

Amy precisava derrotar Kat, pois sua inveja assim ordenava. Quando o fez, no entanto, percebeu que nada havia mudado em sua vida. Não vencera, apenas se enganara também. Eram duas vidas pela metade. Ela havia dedicado a vida a vencer a irmã, e não tinha outros objetivos próprios. Agora, rivalidade vencida, Amy está de volta à própria vida.

Rowe (2007) lembra que há relações construídas sobre o afeto negativo, sobre o ódio, por exemplo. Nestas relações ter um inimigo, alguém a quem vencer ou destruir dá sentido à vida de quem odeia, pois sente que é importante para pelo menos uma pessoa, o inimigo, pois faz diferença na vida dele. Amy, embora não odiasse verdadeiramente a irmã, odiava o ideal que ela representava e dedicou a vida a destruir esta imagem. Quase destruiu a irmã.

O que se percebe ao final do filme é que havia um vínculo positivo verdadeiro no início, que se desvirtuou ao longo da vida, mas a sombra, trazida pela traição, permitiu que ele fosse recuperado e as mazelas perdoadas. Uma estava ligada à outra, não importa de que forma.

T. J., a prima, exerce também um papel interessante, já que dá voz ativa aos pensamentos de todas as mulheres, com sua forma debochada. Ela auxilia no caminho, funcionando como irmã postiça, cuidando de Kat, preservando-a,

ocupando o lugar que Amy deixou vazio. Talvez sem sua interferência, muitos pontos não fossem escancarados. T.J. Atua como irmã de alma (PEAY, 2002; BARCELLOS, 2003), a mensageira que traz a verdade, que permite a ligação verdadeira. É também um importante elemento externo catalisador, pois com seu deboche e jeito divertido coloca sobre a mesa muitas das cartas que não eram vistas.

A bebida também ajuda, na maioria das situações, a revelar conteúdos sombrios. A cultura inglesa, cheia de formalidades e censuras, precisa de algo que autorize o não dito a surgir. A bebida atua desta forma: Kat bebe e se permite passar a noite com Nick. Amy bebe e fala de sua inveja e quase confessa sua traição. Kat e Amy, bêbadas após a despedida de solteira, se abraçam carinhosamente na limusine pelo teto solar. No almoço todos bebem vinho e a história de Toni emerge. Nick, o único americano, não bebe, mas conta seu segredo a Ed, pois este está bêbado. A bebida é instrumento de Dioniso e atua como libertador do reprimido. Sem ela, a alma inglesa centrada no forte controle do ego permaneceria enterrada com seus segredos.

6.3. EM SEU LUGAR

6.3.1. Sinopse

Maggie está bêbada na festa de dez anos da formatura do Ensino Médio. Sem emprego ou formação, largou os estudos sem concluí-los, pois tinha muita dificuldade na escola. Era disléxica e foi encaminhada para a classe especial, que chamava de classe dos retardados.

Rose, a filha mais velha, trabalha em um escritório de advocacia bastante conceituado. Acima do peso, compra muitos sapatos de grife, pois não importa o que aconteça com seu corpo, eles sempre servirão. O fato é que raramente os usa, a não ser para sentir-se bela em casa, quando os experimenta.

Rose diz:

Existem mulheres mais magras, que usam sutiã de renda, tangas de seda e outras coisas criadas para excitar os homens. Uma tanga ficaria ridícula em mim. Uso calcinhas de algodão. A minha vida se resume a trabalhar até tarde, planejar viagens que nunca faço e curtir o amor nas páginas dos romances, porque coisas deste tipo nunca acontecem comigo. (EM SEU LUGAR, 2005).

Rose acabou de passar a noite com Jim, um colega do escritório bastante bonito. Ela mal acredita em sua sorte. O telefone toca e é o rapaz que estava com Maggie na festa. Pede que Rose vá buscá-la, pois está completamente bêbada. Rose diz: “Coisas assim, por outro lado, acontecem o tempo todo!” (EM SEU LUGAR, 2005).

Rose tenta deixar a irmã na casa do pai, mas sua entrada é barrada por Sydelle, a madrasta. Ela impede até mesmo que Rose fale com o pai, que está dormindo. Diz que sua filha virá no dia seguinte e que o pai deve estar descansado. Rose a enfrenta, mas acaba levando Maggie para sua casa, pois Sydelle bate a porta. As duas vão embora e comentam sobre a madrasta e sua filha a quem chama “minha Márcia”, sempre tão perfeita!

Maggie dorme no sofá de Rose e se surpreende com um homem na casa. Brinca com a irmã e antes de dormir fala de Pão de Mel, um cachorro que tiveram na infância por um único dia.

Maggie encontra Jim pela manhã ao sair do banheiro e faz certo charme para ele, enquanto Rose se mostra pouco à vontade pela situação e com o fato de ter um homem em sua casa. Ao saírem, Jim não encontra seu dinheiro, Maggie o pegou escondido.

Enquanto Rose trabalha, Maggie mexe em suas coisas. Ignora os pedidos da irmã para que não o faça e experimenta tudo, em especial seus sapatos, que sempre pega e usa sem permissão.

Rose deixa algumas vagas de emprego selecionadas no jornal, mas Maggie opta por um teste de “V.J.” na MTV. Não é aprovada por não conseguir ler o “teleprompter”. A dislexia a impede.

Rose almoça com uma amiga a quem conta sobre Jim, e ela lhe diz que romances de escritório podem acabar muito mal. Rose comenta que Maggie está novamente em sua casa até que encontre um emprego:

[Amy:] Você fala isso como se fosse algo remotamente possível de acontecer! Por que você permite que ela faça isso com você?
 [Rose:] Porque ela é minha irmã. (EM SEU LUGAR, 2005)

Em reunião do escritório, Rose é chamada por Jim para acompanhá-lo em uma viagem de negócios a Chicago. Rose fica animada, pois acredita que seja uma oportunidade para que os dois passem o final de semana juntos.

No dia seguinte, Maggie chega em silêncio depois de ser reprovada no teste. Rose tenta fazer novamente o currículo da irmã, ao que ela resiste. Ela foi mandada embora de seu último emprego em uma loja por causa de um desconto que não havia conseguido calcular. Riem juntas das irresponsabilidades de Maggie, mas Rose não perde o foco:

[Maggie:] Ora, vamos, você realmente não quer fazer isso agora, quer?
 [Rose:] Não, mas eu também não quero você no meu sofá pelos próximos três meses.
 [Maggie:] Eu deixo você fazer meu currículo e você me deixa fazer sua maquiagem (EM SEU LUGAR, 2005).

Após alguns protestos, Rose acaba cedendo e Maggie pega sapatos para inspirá-las. Rose diz que quando se sente mal gosta de se agradar. Comida a engorda, roupas nunca ficam boas, sapatos sempre servem.

As duas saem juntas e Rose usa a maquiagem feita por Maggie. São paqueradas e Rose se diverte. As duas sentam em uma lanchonete, riem muito falando da madrasta Sydelle e de “sua Márcia”, tão perfeita, enquanto elas não são. Fazem o pedido da refeição e Rose estraga o clima perguntando se estariam contratando na lanchonete. Maggie pergunta por que Rose não consegue apenas se divertir.

[Rose:] Você precisa de um emprego, Maggie. E tem um mundo todo de comércio lá fora que não tem nada a ver com sexo. Onde pessoas realmente ganham dinheiro sem seduzir ninguém.
 [Maggie:] Obviamente, ou você morreria de fome.
 [Rose:] Você não vai ter esta aparência para sempre, sabe? Eventualmente você será mais velha e todos os homens que te bancam agora estarão comprando drinques para meninas com metade de sua idade, e o que você fará então? É melhor pensar em alguma coisa, pois vagabundas de meia idade não são bonitas. São patéticas.
 [Maggie:] Ótimo. [Levanta-se e vai embora.]
 [Rose:] O que está fazendo? Sente-se Mag. Mag? [Mas ela vai embora] (EM SEU LUGAR, 2005).

Rose vai à empresa para a viagem a Chicago, mas Jim não aparece e manda outro rapaz, Simon, em seu lugar. Ela fica furiosa e é uma companhia desagradável por toda a viagem, a despeito dos esforços de Simon em ser simpático.

Maggie pega outro sapato de Rose emprestado para procurar emprego e acaba com o salto quebrado. Maggie, usando suas próprias botas consegue emprego em um “pet shop”, como lavadora de cães.

Sydelle liga para Maggie e pede que ela tire suas coisas da casa do pai, pois quer fazer um quarto de berçário para “minha Márcia”, que ainda não tem filhos, tampouco está grávida, mas “um dia estará”. O pai não se coloca, apenas abraça a filha e vai se trocar para não se atrasar para o jantar. Enquanto o pai e a madrasta saem, Maggie fuça pela casa e encontra muitos envelopes endereçados a ela escondidos em uma gaveta. São cartões de natal e aniversário, enviados pela avó que ela não sabia ter, com dinheiro dentro.

Saindo de seu trabalho Maggie percebe que o carro de Rose fora guinchado e segue dois homens que se oferecem para levá-la ao pátio. Apenas no caminho percebe sua ingenuidade e quase é estuprada. Foge com o carro da irmã ainda com a presilha na roda.

Rose chega de viagem e encontra a casa absolutamente bagunçada e a irmã deitada em sua cama com um cachorro que pegou emprestado do “pet shop”, pois não queria ficar sozinha após a noite terrível que teve. Rose nem a ouve, diz que está cansada, o avião atrasou, tem que estar no tribunal em vinte minutos e não tem espaço em sua cabeça para os problemas de Maggie. “Deixe apenas os lençóis limpos e que o cão já tenha ido embora quando eu chegar” (EM SEU LUGAR, 2005). Rose descobre que seu carro está com a roda bloqueada e se destempera. Cancela sua presença no tribunal e diz à irmã que ela sempre estraga tudo.

[Rose:] Não está dando mais, Maggie. Eu não aguento. Quero que vá embora. Agora. Hoje. Antes que eu volte do trabalho.

[Maggie:] Para onde vou?

[Rose:] Não é problema meu! Você é problema seu! Trate de se virar! (EM SEU LUGAR, 2005).

Rose encontra Jim e é incisiva sobre sua decepção e pela primeira vez é vista de forma diferente, com valor, por ele.

Maggie caminha pela casa arrastando um saco de lixo com suas coisas, vestindo apenas uma camisa e os sapatos da irmã, a quem chamou de vadia; abre a

porta para um surpreso Jim que veio se desculpar com Rose. Ela chega a casa e flagra Jim com Maggie na cama. Maggie sai do quarto correndo para falar com Rose.

[Rose para Jim:] Eu gostava de você. Eu realmente gostava. Ela nem vai se lembrar do seu nome. Na verdade, ela nem sequer consegue soletrá-lo. Não é, Mag?

[Maggie começa a recolher suas coisas e o saco de lixo.]

[Rose:] Quer tentar? Vamos lá! J I M. Bonita, mas uma burra!

[Maggie:] Cale a boca sua porca gorda!

[Rose:] Você realmente me chamou de porca gorda? Você é minha irmã e o melhor que pode fazer é me chamar de porca gorda? Saia da minha vida! (EM SEU LUGAR, 2005)

Jim dá carona a Maggie até a estação de trem. Ela cobra duzentos dólares pela transa. Decide ir para Miami e conhecer a avó.

Maggie chega a Miami e liga para Ella, a avó, que a vai buscar feliz pela visita da neta, que é fria e não faz nenhum esforço para conhecê-la de verdade, agradá-la ou seguir as regras. Apenas usufrui sua hospitalidade como uma parasita. Quer saber por que os avós nunca estiveram presentes e se surpreende pelo pai ter ocultado das filhas a verdade.

Enquanto isso Rose chora na cama com sua amiga que diz que pelo menos Maggie foi embora e pergunta por quem ela está chorando, já que nenhum dos dois merece suas lágrimas.

“[Rose:] Sabe Amy, sei que você está certa, mas queria que às vezes você apenas pudesse dizer ‘Que droga! Que pena que isso aconteceu com você’” (EM SEU LUGAR, 2005)

Rose vai devolver o cachorro no “pet shop” e se oferece como “passeadora de cães” (*dog walker*) “*free lancer*”. Abandona o trabalho no escritório e passa a viver uma nova vida.

O pai se choca com a mudança e pergunta por Maggie. Rose descobre que ela não está com ele e tenta falar com ela, mas seu celular não existe mais.

Encontra Simon que a leva para almoçar após muita insistência, o que logo se torna um hábito.

Maggie diz à avó que está de férias, mas esta começa a se incomodar com a postura da neta, que a cobra sobre sua distância da vida delas. A avó fala da doença da filha, Caroline que era esquizofrênica e que o genro não a queria por

perto. Ele culpava a sogra por tudo e depois da morte da esposa não a quis perto de suas filhas. Caroline matou-se com o carro, deixando um bilhete para a mãe pedindo que cuidasse de suas filhas. Ela se sente culpada por não tê-lo feito. A amiga de Ella, senhora Lefkowitz, diz que sua neta parece uma menina manipuladora e egoísta, e que agora é um bom momento para ajudá-la. A relação das duas começa a mudar quando a avó a surpreende procurando por dinheiro. Ela quer três mil dólares para ir para Nova York. A avó diz que não tem, mas oferece um trabalho e diz que a ajudará a guardar seu dinheiro.

Em uma conversa com Simon, Rose fala que não quer mais seu emprego, que não gostava realmente do que fazia, mas tinha medo de não ter todas aquelas pessoas para agradar e tarefas para fazer. Era como se tudo aquilo desse sentido a sua vida e que sem isso, ela se desmancharia. Agora está bem sem isso.

Rose e Simon passam a sair, além de jantar, para ir a jogos de basquete. Ele lê para Rose os romances que ela costumava ler. Os dois passam sua primeira noite juntos. Ela apaga a luz e ele acende. Ela apaga e ele acende. Ele confessa que sempre gostou dela e que ficou feliz quando foram designados para ir a Chicago, pois achou que seria correspondido.

Rose está feliz, saudável, em forma e tem um namorado, o que a enche de orgulho.

Maggie começa a ajudar na casa de repouso. Um senhor pede que ela leia para ele, mas ela foge.

A avó, Ella, segue o conselho dos amigos e instala TV a cabo, o que abre uma porta para conversar com a neta. Elas falam sobre a primeira transa.

“[Ella:] Talvez eu tivesse conversado sobre isso se eu tivesse uma irmã. Desde pequenas eram tão ligadas como eu nunca fui com ninguém. Ainda são unidas assim?” (EM SEU LUGAR, 2005).

Maggie diz que sim. A avó pergunta por que nunca fala sobre Rose. Maggie não tem coragem de contar à avó sobre a briga ou sobre o rompimento. Finge saber tudo sobre Rose, e que ela não viria visitá-las por estar ocupada demais.

Na casa de repouso, o senhor cego pede novamente que Maggie leia para ele: [Maggie] “Sou uma leitora lenta”. [Senhor cego] “Também sou um ouvinte lento” (EM SEU LUGAR, 2005). Ele percebe a dificuldade, identifica a dislexia, passa a ajudá-la a vencer suas dificuldades e Maggie ganha fluência e confiança. Ele

trabalha com ela a interpretação e compreensão dos textos. Ela gosta, descobre-se inteligente e muda de conduta.

Rose começa a usar seus sapatos. É pedida em casamento.

Sydelle é ácida como sempre e fala muito de sua filha durante o jantar de noivado de Rose, que conta ao pai que ela e Maggie tiveram uma discussão.

Simon pergunta sobre ela, mas Rose ainda não lhe conta o motivo da briga.

Ella pergunta a Maggie sobre Rose. “Eu não sou suficiente para você?” (EM SEU LUGAR, 2005). Maggie fica brava quando a avó pergunta sobre Rose ou sobre a mãe.

Maggie conta sobre a mãe com grande carinho e tem a ilusão de que ela era mais especial do que realmente foi. Seu destempero e descontrole foram percebidos por Maggie como alegria e espontaneidade.

Ella revela para a neta que Caroline não tinha condições de ser mãe, que deveria tomar medicação todos os dias e que o relacionamento com o pai dela era passionais demais.

Sydelle organiza um terrível chá de cozinha para Rose, com um vídeo que a humilhou na frente de todos.

Maggie passa a atuar como “personal shopper” para as senhoras do centro de repouso. A avó ajuda a administrar a agenda e o novo negócio.

Rose vai a um casamento e descobre que seu sapato está com o salto quebrado. Maggie o colou com goma de mascar. Na festa Jim aparece e pede desculpas a Rose por tudo.

[Rose:] Por sua causa, não faço idéia de onde minha irmã está. O telefone dela está desligado, ela não sabe que fiquei noiva. Minha própria irmã, minha melhor amiga. O pior é que não posso falar com ninguém sobre isso. Se contar ao meu pai ele vai ficar furioso por eu não cuidar dela. E se contar ao Simon... Eu não posso contar ao Simon, porque ele vai odiá-la e isso eu não suportaria (EM SEU LUGAR, 2005).

Simon os vê juntos e fica muito bravo, pois cobra confiança de Rose e diz estar cansado da situação. Ele a quer por inteiro.

“[Simon:] Isso não tem nada a ver com ele. É entre eu e você. Você não fala comigo, não me conta o que se passa dentro de você. Conte-me. Assim, não vou me casar com você” (EM SEU LUGAR, 2005).

Ella mexe nas coisas de Maggie e manda uma carta a Rose, que vai ao encontro do pai para entender o que houve: como tem uma avó e nunca soube?

O pai conta a Rose que a avó sempre foi controladora, queria que Caroline ficasse sob medicação, e assim fugiram dela. Rose vai até a avó e encontra Maggie.

Rose é irônica e dura com Maggie e a ignora sempre que possível. Maggie não tolera a atenção da avó com a irmã.

Maggie se choca que a irmã vá se casar com alguém que ela não conhece. Pede desculpas a Rose.

A avó resgata fotos de Caroline e das meninas quando pequenas. Maggie relata a história de Pão de Mel e Rose a reconta com a realidade de uma mãe esquizofrênica em surto. Maggie se choca, pois suas lembranças são muito romanceadas e Rose sabe de tudo como realmente aconteceu. Ela colocava música para que Maggie não ouvisse as discussões dos pais sobre as ações da mãe. Ela nunca soube da realidade. Rose se criou sozinha e criou a irmã, que era pequena demais para ver a realidade.

Rose conta que Simon desmanchou o noivado.

Maggie discute a situação com as senhoras do condomínio. Elas sugerem que diga a Simon que Rose está grávida. Dizem ainda que ela não parece chocada, pois sabem tudo sobre ela.

Maggie conhece o neto do senhor para quem lia. Ele morreu pela manhã e ela fica muito triste. Ele falava de Maggie para o neto, o que a deixa feliz.

Simon aparece na festa do condomínio.

Rose: O que eu tinha deixado de falar a você tinha a ver com a Maggie. Eu a estava protegendo como sempre faço. Você precisa saber disso, porque se por acaso decidir se casar comigo, ela vai transformar sua vida num inferno. Vai implorar para que eu a expulse, interne ou mate, e eu vou querer também, mas nunca o farei. Pois sem ela, não faço sentido.
Simon: Você está bem, agora se parece com você (EM SEU LUGAR, 2005).

Maggie pede que a irmã não compre o vestido de noiva. Será seu presente.

Rose vai se casar em um dos restaurantes a que ia com Simon.

Maggie conta a Simon muitas coisas sobre Rose. Simon a interrompe e diz que também a conhece.

Ella e o pai das meninas se desculpam um com o outro.

Rose e Simon se casam. Maggie é a madrinha e antes que a cerimônia comece Maggie recita um poema de E.E. Cummings para a irmã:

Carrego seu coração comigo
 Eu o carrego no meu coração
 Nunca estou sem ele
 Onde quer que vá, você vai comigo
 E o que quer que faça
 Eu faço por você
 Não temo meu destino.

Você é meu destino, meu doce
 Eu não quero o mundo por mais belo que seja
 Você é meu mundo, minha verdade
 Eis o grande segredo que ninguém sabe.

Aqui está a raiz da raiz
 O broto do broto
 E o céu do céu
 De uma árvore chamada vida
 Que cresce mais que a alma pode esperar
 Ou a mente pode esconder
 E esse é o prodígio
 Que mantém as estrelas à distância
 Eu carrego seu coração comigo
 Eu o carrego no meu coração. (CUMMINGS APUD EM SEU LUGAR,
 2005).

Rose se casa.

Rose tira o sapato de Ella e pede a Maggie que o devolva à avó. Elas brincam sobre Simon ser sexy. Rose vai embora e se despede da irmã que volta para a festa.

6.3.2. Análise

Rose e Maggie são, respectivamente, a filha mais velha e a mais nova. A família era originalmente formada por elas, o pai e a mãe, sendo esta esquizofrênica.

Embora não se tenha muitos dados da história da família, o filme se passa na atualidade, com as duas filhas na idade adulta jovem, Rose em crise com sua vida como um todo, inclusive a profissional e Maggie, que não tem exatamente uma carreira, mas apenas uma sequência de empregos que lhe permite o sustento básico. As duas estão em busca de um parceiro amoroso e transformar suas vidas, buscando sair dos papéis atribuídos que aprisionam a ambas.

Rose é a cuidadora e Maggie a cuidada. Mantiveram um vínculo e uma relação de muita proximidade, mas conforme se verifica ao longo do filme, nem sempre de verdadeira intimidade.

Para que se possa entender como estes papéis foram instituídos nesta família, faz-se aqui o resgate da história oferecida.

Caroline havia sido diagnosticada com quadro de esquizofrenia e tinha crises constantes. Sua mãe, Ella, acreditava que a filha não tinha estrutura mínima emocional ou estabilidade para constituir uma família e em especial ser mãe. Desta forma Caroline se casa, mas foge do convívio mais frequente com a mãe, pois esta insistia na necessidade do remédio.

Caroline e o marido acreditavam que se perderiam um do outro, que a relação entre eles não seria a mesma, caso ela estivesse sob medicação. Optam então em tolerar e lidar com as crises, que se tornam cada vez mais frequentes. Caroline tem duas filhas, e estas acabam perdendo a mãe de forma trágica, já que ela se suicida, deixando uma grande dor na família. Perdem também o pai, pois este nunca mais se refez da perda. As filhas nunca tiveram este dado, assim como nunca mais viram os avós maternos, colocando-as em isolamento familiar.

Recusando a medicação, Caroline, a mãe, com a anuência do marido vivia dentro de suas limitações, apresentando condutas vexatórias e fora da realidade. Não conseguia realizar suas tarefas domésticas diárias, deixando por vezes de cumpri-las ou as fazia de forma alterada. Assim, Rose ajudava, em especial no cuidado de Maggie, garantindo a sobrevivência de ambas.

Rose sempre teve clareza da inadequação dos comportamentos da mãe, o que não acontecia com Maggie, por conta da idade e das interferências da irmã, que sempre a poupou de enxergar a verdade em relação à mãe.

Maggie compreendia a mãe de forma romanceada e sentia as condutas da mãe como espontâneas e divertidas, referência que carregou por toda a vida. A mãe em suas crises não cuidava delas, pelo contrário, tendia a expor as filhas e as colocava em situações de risco.

A consciência de Rose acerca do quadro da mãe se reflete na construção de sua persona de mulher executiva, que apenas faz, esvaziada de alma. Jamais questiona, sob pena de então entrar em contato com seu vazio interior.

Após a morte de Caroline, o pai rapidamente se casa com Sydelle, viúva, mãe de uma filha idealizada, “minha Márcia”. As enteadas são estorvos em sua vida e ela

reforça em Rose o papel de quem cuida de Maggie. Sem Rose, Maggie não teria quem olhasse por ela.

Sydelle é a personificação da mãe sombria, encarnada na figura popular da madrasta, que como a de Cinderela veio para a casa do novo esposo com as filhas despejando-a de seus aposentos e jogando-a no borralho. Sydelle faz o mesmo a cada dia, e mesmo depois de adulta, Maggie é expulsa da casa do pai por várias vezes, seja por inadequação ou por rejeição. Sydelle é a bruxa devoradora, que destrói, que aniquila. O materno vivenciado por Rose é omissivo ou sombrio. O de Maggie é ilusório, tanto quanto à mãe esquizofrênica ou quanto a Sydelle, a promessa de uma mãe que jamais teve.

Sydelle pede o quarto de Maggie para a própria filha, ou melhor, ordena-lhe que saia, e mais uma vez, o pai nada faz.

O pai, omissivo e culpado, nada faz em prol das filhas. Deixa a Sydelle o cuidado das meninas, pois ambos não querem assistir. A madrasta despeja sobre as enteadas todo seu rancor por jamais ter conseguido superar o amor do marido por Caroline. Assim, ela pune as meninas. Projeta na filha Márcia o ideal e a perfeição que aquela família jamais terá.

Maggie se apresenta ao mundo através de sua sexualidade e de seu corpo. Sente-se pouco capaz cognitivamente, o que compensa com a exploração da aparência e do sexo, garantindo assim seu lugar no mundo. Na família o espaço do cognitivo já estava ocupado por Rose.

Rose, a irmã mais velha, é a cuidadora. Cuida de Maggie, dos dramas da família e passa todo o tempo tentando encobrir os deslizes da irmã. Verbaliza até mesmo que o pai vai ficar furioso por ela não ter cuidado direito da irmã. Sente-se responsável e fixada a este lugar.

Profissionalmente Rose atua da mesma maneira: cumpridora de suas tarefas, jamais questiona sua própria satisfação. Diz que apenas fazia o que era pedido, sem nunca se perguntar sobre a validade disso, pois temia que sem tarefas sua vida não tivesse sentido.

Desde muito pequena Rose se constituiu através de sua utilidade. Caso a perdesse, deixaria de ser desejável. Não percebia o próprio valor desvinculado do fazer.

Verena Kast (1997) quando fala de mulheres com complexo materno originalmente negativo, ilustra este conceito com dois casos em que irmãs assumem

em parte o papel de cuidadoras e gerentes das vidas de suas irmãs por sentirem-se desprovidas de valor, uma vez que foram fruto de relação negativa com a mãe. Entende-se o negativo neste conceito como aquilo que afasta o indivíduo de um melhor desenvolvimento. A assertividade, a eficiência para o controle e o cuidado são estratégias de sobrevivência para pessoas desprovidas do sentimento de valor interno. Elas acreditam mesmo que são as próprias culpadas por sua infelicidade. É apenas através de um trabalho de conscientização que se permitem livrar-se da culpa e conquistar seu direito à existência.

Como cuidadora precoce, Rose não deu conta de preparar sua irmã para o mundo, assim como a si mesma. Fez o melhor que pode, mas não conseguiria suprir cuidados que apenas um adulto poderia oferecer.

O pai impõe a Rose a eterna tarefa do cuidado de Maggie e assim isenta-se de toda a responsabilidade. Maggie não é problema dele. Aparentemente este pai se encontra alheio a tudo, anestesiado por uma perda, por um luto que não se encerra.

Hollis (1999) diz que “O pássaro negro da culpa não apenas corrói a qualidade do presente, como também nos amarra sempre ao passado” (p.33). O pai representado no filme está preso ao passado, amarrado a uma imensa culpa por não ter internado a esposa ou não ter feito o tratamento corretamente. Ele se condena a uma eterna prisão com uma torturadora que tudo faz, tira seu brio, suas vontades, sua decisão. Ele apenas segue em sua culpa, em sua dor, sem poder absolver-se por seus crimes de alma.

Esta redenção só se observa ao final do filme quando o pai e Ela se encontram e podem perdoar-se mutuamente por seus erros e consequências. De acordo com este processo, Hollis (1999) diz: “quando o arrependimento é genuíno, quando a recompensa efetiva ou simbolicamente transpirou, podemos vivenciar a graça da remissão” (p.35).

Rose nunca se permitiu sair de seus papéis familiares. A persona instalada e mantida a alto custo começa a lhe pesar. Já não está mais feliz, mas ainda não encontra forças suficientes para sair da paralisia e da cristalização. O montante de energia deve ser muito grande para produzir esta mudança. Jung (1997) diz que:

Os conflitos mais penosos, quando superados, deixam na sua esteira uma segurança e uma paz ou um abatimento que será difícil perturbar ou difícil curar, e inversamente: serão necessários precisamente opostos fortíssimos e sua conflagração, para que se produzam resultados valiosos e duradouros (p.25).

Ela quer ser outra mulher. Aquela dona dos sapatos definida por Maggie:

Sapatos como estes não deveriam estar trancados em um armário. Deveriam viver uma vida de escândalo e paixão, transando com um milionário em um beco, enquanto a esposa frígida espera na limusine, achando que ele foi ao bar pegar o celular (EM SEU LUGAR, 2005).

Rose precisa de sapatos, instrumentos de fantasia, mas que ainda mantenham seus pés firmes ao chão. Rose jamais usa estes sapatos, pois ainda não se sente dona dos atributos a eles associados.

Maggie, por sua vez, encarna os atributos que vê projetados nos sapatos da irmã. Sempre quebra os saltos e os devolve com remendos malfeitos com goma de mascar. Tenta, como se vestisse a pele de um leão, emprestar-lhes a força, mas isso não acontece. Não são seus sapatos, não são suas habilidades. Note-se que ela apenas consegue um emprego quando quebra o salto do sapato de Rose e usa as próprias botas. Apenas quando usa seus atributos passa a encontrar um lugar real no mundo.

Talvez esta seja a história de Maggie: uma grande mentira, uma grande ilusão. Vive uma vida pouco real, sem história, sem casa, sem identidade. Sua existência está apoiada integralmente em Rose, a única com quem pode contar.

Maggie, com raiva da irmã que a empurra para a própria vida, a fere mortalmente em seu ponto mais frágil: a sexualidade, o desejo, o afeto. Maggie não pode permitir que Rose saia do lugar que sempre ocupou e a sabotagem. No entanto é esta mesma atitude sombria, motivada pela raiva e pela vingança, que rompe com os padrões. É o que mobiliza em Rose o montante gigantesco de energia acumulada no complexo para que se pudesse lançar à mudança. Rose e Jim a lançam nesta jornada de autoconhecimento e libertação.

Jim serve como meio, é o representante fraco do sexo masculino, manipulado pelos poderes de sereia de Maggie, que o seduz pelo sexo. Ele se arrepende e só depois percebe o que fez, mas não há movimentos efetivos de reparação. Ele sempre trata Rose com pouco cuidado e a engana quanto à viagem para Chicago. Ele a manipula, dando a falsa ilusão de haver um relacionamento. Jim somente começa a vê-la de modo diverso quando Rose se coloca e o enfrenta no escritório, mostrando seu desagrado pela forma com que ele atuou. Jim é fraco como seu pai: um homem manipulável, seduzido pelo poder do sexo e da beleza, mas também

vazio de afeto. No casamento em que voltam a se encontrar, Rose não lamenta o fim do relacionamento entre eles, mas o fato de ter resultado na separação dela com a irmã.

Importante colocar que Rose já estava muito próxima de seu limite. Maggie estava brava por ter sido expulsa de casa, mas Rose já não podia mais suportar. A carga estava pesada demais. Não conseguia mais ouvir a irmã, recebê-la verdadeiramente dentro de si. A conexão já estava frágil demais e Maggie se segurava o quanto podia. O movimento era de Rose, não dela.

Maggie estava acostumada a sofás. Esta era sua vida: viver de passagem puxando seu saco de lixo. Ela se coloca como uma ambulante, uma sem-teto que leva o pouco que tem em um saco que arrasta pela vida. Que outras coisas estariam dentro do saco? Bly (1999) usa esta imagem para falar da sombra: a comprida sacola que carregamos atrás de nós. “Quando colocamos muita coisa na nossa sacola particular, o resultado é nos sobrar pouca energia. Quanto maior a sacola, menor a energia” (p.35). Maggie carrega seu mundo, e sua sombra. Rose tem sua sexualidade na sombra e Maggie seu cognitivo. Maggie atua a sombra de Rose, “roubando” Jim pelo sexo e ativando na irmã seu complexo já em ebulição.

Rose não suporta mais a própria vida e lamenta sua sorte. O amor por Maggie é grande demais para que se permita ficar aliviada pela perda. A dor é maior. A traição foi na verdade um empurrão para a mudança que iria, em algum momento, acontecer.

Ela larga o emprego e abre as portas para outra vida, sem planos, sem tarefas, com uma liberdade que jamais se permitiu ter. Não tem ninguém para cuidar, pela primeira vez, que não dela mesma. Ela se permite ainda, embora com resistência, deixar que Simon visite sua vida, um tipo diferente de masculino, que nutre, cuida e alimenta. O masculino que atua o materno que ela nunca teve.

Já Maggie encontra na avó Ella a aceitação que jamais viveu. Mostra-se como é: arrogante, folgada e auto-indulgente. Não se interessa por ninguém que não ela mesma e não faz esforço nenhum para nada. Todos têm o dever de cuidar dela. É Ella que a confronta pela primeira vez, que assume o papel de mãe, que acolhe, mas ensina o caminho e não apenas empurra o problema. Ella encara Maggie de verdade e a assume. Uma vez aceita como é, Maggie pode mudar.

É nas mãos da sabedoria expressa de dois anciãos, dois sábios, que Maggie pode se transformar: a avó Ella e o paciente cego do hospital, o antigo professor que

lhe ensina vencer a crença do não saber. Os dois apostam nela e fazem com que encontre dentro de si forças para se encontrar. Pela primeira vez ela é o que é, sem sexo, como pessoa e como atuação.

Interessante que durante todo o tempo, nem Maggie nem Rose conseguem assumir o rompimento. A ferida está aberta e há muita dor. Mas não querem que a ferida seja extirpada, mas curada. Elas precisam uma da outra, ainda que a distância tenha sido fundamental.

O afastamento pode ser muitas vezes um recurso de fundamental importância para que o círculo vicioso seja quebrado e se possa tratar o indivíduo. Bank e Kahn (1982) afirmam que em alguns casos, para se salvar os indivíduos é necessário que a fratria se afaste, assim podem-se descolar os papéis cristalizados e permitir a cada um dos indivíduos a transformação.

Com o afastamento, Maggie vivencia o ser filha única com a avó, um lugar que nunca conheceu. Assim como Cohen (apud RIPPS, 1994) aponta, a irmã mais velha sempre deseja voltar a ser filha única. Maggie, que experimenta o lugar de primogênita na relação com Ella, chega a verbalizar a questão “Eu não sou suficiente?” (EM SEU LUGAR, 2005), diante do desejo da avó de conhecer Rose. Este tipo de questionamento surge diante de relações de ciúme e rivalidade, que era o momento da relação entre Rose e Maggie.

A chegada de Rose é um grande transtorno para Maggie, que perde sua posição e passa a ter alguém para desmascará-la. Ela teme que Rose quebre a lealdade entre elas e mostre quem ela realmente é em público, poder este inerente aos irmãos que partilham uma história (BANK e KAHN, 1982). Mas Rose nunca o faz. Na realidade, Maggie já havia sido desmascarada há muito tempo pelas demais idosas do lugar. A senhora Lefkowitz chega a mesmo a dizer que não fizesse cara de chocada, pois todas já sabem como ela é de verdade. A queda da persona a liberta, pois, não tendo mais que esconder quem é, pode assumir-se e buscar a superação. Como Hollis (1999) coloca, é preciso perceber que somos assim e somos aceitos desta forma. A aceitação do ser nos liberta para sermos perdoados e para seguirmos adiante.

A conversa das duas com a avó sobre a mãe e suas lembranças explicita a sombra familiar. Pela primeira vez se apropriam de sua história verdadeiramente. Rose partilha o peso, Maggie entra em contato com a verdade e Ella pode se perdoar por suas escolhas em relação à filha. O confronto com o grande segredo,

com o tabu da família as liberta para uma relação verdadeira e para a compreensão de suas histórias e caminhos. Agora todas podem seguir em frente.

O último perdão é de Rose em relação a Maggie. A traição permitiu que toda a história se transformasse. Ela é enganada mais uma vez pelas mulheres do condomínio e por Maggie. Simon chega atraído pela suposta gravidez de Rose, sem que esta nada saiba, e fazem as pazes.

Rose pode ser verdadeira e falar abertamente sobre Maggie. Ela era mesmo metade, pois grande parte de quem ela é estava distante dela. Agora, com a irmã, está completa e pode realmente estar com Simon.

Maggie, por sua vez, perde seu mestre quando o professor falece, mas este lhe garante o lugar no mundo ao falar dela para o neto com carinho. Ela não mais ocupa o lugar de assunto desagradável, de problema, mas agora é lembrada com valor. Maggie mudou sua história.

Maggie compra o vestido de noiva da irmã, ou seja, valida a transformação que tanto tentou impedir. Todos estão mais felizes, impelidos também à revisão: pai, avó, madrasta. Sydelle perde seu poder e passa a ser a sombra do pai delas: pouco atuante, nada consegue encontrar para comer de seu agrado no casamento. Não tem nada mais para ela nesta relação.

O poema lido no casamento ilustra a relação das irmãs: são uma unidade, mas agora diferenciadas. Embora uma carregue a outra, são duas, e juntas nunca estarão sozinhas.

7. DISCUSSÃO

Três histórias diferentes foram usadas para ilustrar a relação fraterna feminina na fase adulta jovem. Nos diferentes processos e trajetórias de vida pode-se perceber a importância da estrutura familiar como base para o vínculo fraterno e para a construção e manutenção da relação entre as irmãs.

A família de Rose e Maggie (EM SEU LUGAR, 2005) é a que oferece mais dados da história e da construção da relação entre as duas. É esta mesma riqueza de detalhes que nos permite entender com mais propriedade como se construíram os papéis e a base que sustentava a relação das duas. Já Kat e Amy (MUITO BEM ACOMPANHADA, 2006) tinham poucos dados antigos, apenas foi sinalizado que no início da adolescência, por ocasião do primeiro namoro de Kat, a relação antes percebida como harmônica vem abaixo, expondo a sombra reprimida. Kat e Daisy (TRÊS MULHERES, TRÊS AMORES, 1988) oferecem ainda menos história pregressa, mas vê-se com clareza o quanto elas retornam uma à outra como modelo de apego e de segurança. É no colo uma da outra que buscam aconchego nos momentos de dor, compensando uma mãe que se mostra pouco afetuosa.

A posição de nascimento não é sinalizada nas histórias como dados relevantes, mas sim os papéis determinados na família. Estes são vividos até a vida adulta, momento em que as fratrias das histórias estão. Embora não seja dado foco a esse fato, Maggie e Amy, irmãs mais novas, confirmam a visão de Britto (2002) e Adler (1998) de que os filhos mais novos tendem a ficar presos ao papel de eternos bebês da família, ocupando sempre um grande espaço e mobilizando inclusive os irmãos a assumirem o papel de cuidadores.

Stark (2007) lembra ainda que em alguns casos o papel de cuidador em especial fica tão impregnado que é praticamente impossível descolá-lo da pessoa e que esta função parece ser mais comumente atribuída à irmã mais velha, embora se encontre constelada em qualquer que seja a posição de nascimento, diante da necessidade.

Todas têm como foco comum a busca pelo parceiro amoroso e por seu lugar no mundo, independentes da família. As disputas pelo amor e atenção familiares parecem reduzidas e permitem, como Oliveira (2005) e Cicirelli (1995) escrevem,

rever o relacionamento entre os irmãos e dar novos significados às vivências, alcançando novas formas de interação.

No caso de Maggie, em especial, como a vivência materna é tardia, a competição e o ciúme pela atenção da avó Ella só se mostram no momento em que as irmãs constelam um novo espaço familiar, em que os papéis estão em construção. Vivem tardiamente o que se vive na infância para então fazer o processo de superação e transformação adequado ao momento em que se encontram. Stark (2007) afirma que a possibilidade de retorno às fases anteriores da vida é uma das características da fratria, que fornece a familiaridade necessária para reviver a família e sua história. Este retorno acontece ainda em um momento quando a fratria enfrenta um processo de perda em que a familiaridade está abalada pelo ruir dos papéis anteriores, mas ainda assim, o vínculo sustenta a transformação.

Todas as irmãs tinham acesso fácil umas às outras e o intervalo de idade não se mostra relevante, o que vem confirmar as posições de Oliveira (2005), Bank e Kahn (1982), Cicirelli (1995), Sandmaier (1994) e Walker, Allen e Connidis (2005) de que o acesso e a menor diferença entre idades se mostram como fatores facilitadores na construção do vínculo e na manutenção da relação.

Embora todas as configurações familiares sejam diversas, as três fratrias se organizam em díades (OLIVEIRA, 2005; BANK e KAHN, 1982), mesmo aquelas em que há irmãs de alma por perto. As amigas e primas entram e saem, mas o vínculo fraterno é central e o mais importante afetivamente nas três histórias apresentadas.

Amy e Kat, assim como Maggie e Rose, fazem parte de famílias reconstituídas por novo casamento: a primeira pelo casamento da mãe de Kat e a segunda pelo pai de ambas. A família de Kat e Daisy é matriarcal, não havendo dados sobre o pai ou outros membros da família extensa.

A qualidade do vínculo nas fratrias varia, por exemplo, quanto ao processo histórico de construção deste relacionamento, revelado pelas narrativas. A relação cujo vínculo dá mostras de ser mais intenso é o das irmãs Rose e Maggie, já que a intensidade de seus conflitos, e de seu sofrimento, não é só proporcional à traição, mas à carga afetiva investida na relação.

A história de Amy e Kat em particular tinha uma grande sombra que acompanhava não só a fratria, mas a família. Tinham um bom vínculo, herdado da infância, mas a relação vinha sofrendo com o afastamento emocional crescente entre as irmãs, o que culmina no distanciamento físico de Kat, que se muda para a

América. A relação fraterna está mergulhada e não pode ser entendida afastada desta constituição e funcionamento familiares.

Kat e Daisy formam a díade mais jovem das três. Estão mais próximas fisicamente, pois ainda moram na mesma casa, partilham do cotidiano do lar e da mãe. As duas mostram bom vínculo e uma relação constante, mas que ainda assim guardava, sob um espesso código familiar, valores e condutas que se interpunham entre elas, marcando a relação fraterna e se estendendo para as relações amorosas e sociais, afetando a persona de cada uma. A família começa a se confrontar com seus valores e sua sombra, que precisa ser vista e integrada. O esfregão entregue por Daisy à irmã mostra que não podem mais se esconder em papéis antigos: cada uma deve assumir seu lugar no mundo, suas ações e desejos, mesmo que entrem em choque com os antigos padrões estabelecidos. A relação parece ser mais estável que as outras duas, sendo também o conteúdo sombrio menos intenso.

A interferência das estruturas familiares na construção do vínculo e das relações fica sempre muito evidente, pois além de fatores como acesso, diferença de idade e ordem de nascimento, a influência da intervenção parental e da estrutura da família com seus papéis atribuídos se fazem determinantes de muitos aspectos na relação e vínculo fraternos (CICIRELLI, 1995; BANK e KAHN, 1985; OLIVEIRA, 2000 e 2005).

A maternagem é um ponto frágil nas três vivências. Kat e Amy têm uma mãe presente, porém a figura afetiva é o pai. Kat e Daisy têm uma mãe preocupada com a sobrevivência, mas que pouco demonstra ou dá afeto. Maggie e Rose tinham uma mãe doente, que não exercia a maternagem, e uma madrasta que também não exercitou esse papel. A figura materna só é resgatada pela avó Ella, com as netas já adultas. O que se nota é que, no caso específico de Maggie e Rose, como podemos analisar por termos acesso a esta história, pode-se deduzir que esta falta da maternagem, aliada às cobranças do pai, pode ter levado Rose a assumir a função de cuidadora de Maggie, o que se arrastou por toda a vida.

Verena Kast (1997) ajuda a compreender estas mulheres ao falar dos efeitos de uma vivência originalmente negativa com o materno. Elas carregam o peso de sentir que são responsáveis por sua infelicidade e que não têm direito à existência. Cuidar, executar tarefas ou se assumir como um peso para os outros parecem ser caminhos comuns para este complexo, que precisa ser trabalhado, libertando-as de um lugar de culpa e infelicidade.

A vivência do materno negativo marca a vida de cada uma delas à sua maneira, mas permeia o dia a dia, já que buscam no mundo o direito a existir, o reconhecimento ou a confirmação de sua culpa pela infelicidade.

Os papéis familiares em geral se mostram perpetuados nas histórias. Cuidadoras, cuidadas, a irmã inteligente, a irmã limitada, a certinha e a que dá trabalho, entre outros. Os papéis estão sempre dicotomizados e as polaridades ativas. As irmãs atuam como espelho sombrio uma da outra: ela é o que eu não sou. Downing (1999) aponta que esta dicotomização é muito rica, desde que não seja cristalizada e estanque. O espelho oferecido por aquela mais parecida e ao mesmo tempo tão diferente é a forma mais intensa, rica e também possivelmente sofrida de autoconhecimento, que só a fratria pode oferecer dessa forma.

Importante frisar que os vínculos nas três fratrias tinham caráter positivo, ou seja, não apoiados em sentimentos destrutivos como o ódio, por exemplo. Este sentimento existia sim como polaridade do amor e como tal poderia ser constelado em qualquer momento.

O paradoxo de ser igual e diferente ao mesmo tempo é vivido pelas irmãs das fratrias apresentadas o tempo todo: seja como fato ou como desejo e admiração. Como aponta Barcellos (2006), é numa vivência ambivalente e paradoxal que a alma pode encontrar seu caminho, pois na horizontalidade podemos aprender que diferenças não são traições. O ferir o diferente evidencia a patologia, a *hybris*, ou seja, a perda da justa medida.

Nas relações observadas verificou-se ainda que todas as irmãs ocupavam papéis opostos ou complementares dentro da família, o que sustenta as observações feitas por Apter (2007), Oliveira (2005), Stark (2007), Rowe (2007) e Downing (2007).

Os autores apontam que este pode ser um importante recurso para a diferenciação da personalidade e permitir que cada uma encontre seu verdadeiro espaço. O que se viu, no entanto, foi que os pares se mantiveram aprisionados nestes papéis mesmo na vida adulta, precisando de uma imensa mobilização energética para modificar esta posição. Ou seja, a dicotomização de papéis é um recurso importante que pode se tornar limitador e aprisionante caso não seja superado. Estas oposições são apenas uma etapa do processo, em que depois se deve verificar as identificações, as similaridades na diferença, completando o círculo de desenvolvimento e chegando à autonomia, à tolerância. As irmãs dos filmes

permaneceram neste primeiro papel, negando-se a integrar as similaridades e a evoluírem.

Além disso, aparentemente, sempre uma delas era a portadora da sombra familiar, atuando na vida pessoal e familiar estes conteúdos sombrios, gerando prejuízos para o sistema familiar, fraterno e para elas mesmas. Veja-se o caso de Daisy, que se condenava a uma vida de superficialidade e acreditava só poder ter relacionamentos baseados na atração sexual. Foi através da libertação dela e da irmã que as duas puderam se movimentar, Daisy em busca de uma relação verdadeira em que pudesse realmente se colocar e mostrar; Kat a entrar em contato com sua sexualidade adormecida, integrando-a a um intelecto já desenvolvido. A oposição congelada se quebra, elas podem dividir experiências comuns e serem mais inteiras.

O mesmo acontece com Maggie e Rose, já que Rose estabelece uma relação afetiva verdadeira com Simon e faz as pazes consigo mesma, realizando suas tarefas e seguindo uma vida de qual se orgulha, com sentido. Maggie vence a imagem de menina burra e consegue encontrar seu lugar no mundo, deixando de arrastar seu saco de lixo. Agora tem um lugar, uma identidade, funções e valor para as pessoas com quem convive e que a conhecem como é. Maggie era a sombra da família: carregava em suas costas o fracasso intelectual, a dependência, a evidência de que havia faltado estrutura para sua formação. Ela atuava os medos e os fracassos de todo o sistema familiar.

Interessante que em determinado ponto do filme “Em seu Lugar” a “minha Márcia” idolatrada pela madrastra Sydelle também pode assumir sua sombra, envolvendo-se com um homem de outra religião e adotando condutas que antes teriam sido atribuídas apenas a Rose ou Maggie. A mudança dentro da fratria afeta todo o sistema familiar, que se altera irremediavelmente.

Kat e Amy no filme “Muito Bem Acompanhada” também precisaram entrar em contato com a sombra familiar, oculta por uma persona de adequação mantida a alto custo por Kat e uma persona de amor incondicional que ocultava a inveja da irmã e os conflitos latentes atuada por Amy. Kat e Amy não demonstram com tanta clareza a questão dos opostos em um primeiro momento, mas sim uma relação de complementaridade e de ambivalência, de papéis já vividos que deixavam a outra sem a opção de ter a mesma vivência: uma é bonita e a outra não poderia ser da mesma forma. Kat era sempre a primeira e Amy sempre vinha atrás. A perpetuação

da ordem de nascimento enfurecia Amy, que fez a traição máxima da confiança, de acordo com o que coloca Cohen (apud RIPPS, 1994) dormindo com o noivo da irmã.

Os fatos apresentados nos levam a confirmar o que colocam Zweig e Wolf (2000) sobre a sombra familiar, que, junto com a persona familiar, gera um sistema de autopreservação, em que todos os seus membros são regidos por códigos nem sempre expressos de moral e conduta que visam salvaguardar os segredos e conteúdos familiares. Quando alguém expõe a sombra, a família como um todo sai de sua automatização e se reorganiza, permitindo ainda a transformação de seus membros e criando uma nova sistemática. Enfrentar a sombra, nestes casos, parece ser o único caminho para a libertação, que pode transformar o sistema, ou fazê-lo cindir, permanecendo a mudança localizada nos membros que não mais se encaixam.

A traição sexual também é motor para a mudança entre Rose e Maggie. Quando há sexualidade na sombra, esta pode ser atuada e seus efeitos são sempre devastadores. Hollis (1999) nos lembra que “a sexualidade e a raiva são os mais problemáticos dos encontros com a sombra, pois elas são vivenciadas pelo mundo do ego, e pelo coletivo, como anárquicas, perturbadoras da ordem social, fora de controle” (p.128). Desta forma a traição encontra caminho na sexualidade para trazer a sombra à tona da relação, causando ainda a raiva que mobiliza outros conteúdos sombrios. Como a base das relações fraternas relatadas nos dois filmes era de boa qualidade, sobrevivem a este fato e permitem a transformação.

Carotenuto (2005) completa dizendo que aquele que trai está implicado na integração de certos elementos de sua própria personalidade e deste modo a traição se torna um instrumento de conhecimento. O traído é chamado para dentro deste movimento, que pode se tornar, para além da dor, uma via de desenvolvimento.

Burak (apud RIPPS, 1994) considera o “roubo” do parceiro da irmã como símbolo supremo da rivalidade latente entre as irmãs e completa dizendo que a ferida causada por este ato pode ser imensa, profunda e destruir por completo uma família, já que abala a confiança básica construída na relação fraterna e familiar. Aquele que deveria ser parceiro e proteger rouba e destrói. Uma das entrevistadas de Ripps (1994) chega a dizer que sabe que a irmã roubou seu marido por inveja, por ser uma pessoa com muitas dificuldades, quis a vida dela e levou seu parceiro, destruindo toda a família. Esta mulher, Elizabeth, rompeu com sua irmã, e até o momento da entrevista, nunca mais havia falado com ela novamente. Elizabeth,

como a personagem Rose, não culpa o marido, mas a irmã, pois era ela a pessoa mais importante e em quem a maior confiança estava depositada.

Por que Rose não rompeu com Maggie ou Kat com Amy e Elizabeth o fez? Elizabeth relata que após o rompimento verificou que, na verdade, sua relação com a irmã nunca havia sido de confiança, mas uma relação de mão única:

[...] a verdade é que não confiava na minha irmã. Nossa proximidade foi o resultado da necessidade dela, não minha. Eu preenchia suas necessidades, mas ela não fazia o mesmo em relação às minhas. Eu tirei muito pouco de nosso relacionamento e nunca confiei nela desde que se tornou adulta. Ela era uma semente podre e meus instintos me diziam para não confiar nela. Ela foi atrás do meu marido porque queria a minha vida (RIPPS, p. 94-95).

Nota-se que a relação era disfuncional desde o princípio. Já havia desconfiança e vínculo frágil entre elas. A sombra sempre habitara fortemente esta relação e veio à tona de forma devastadora, causando o rompimento. Rose e Maggie, Kat e Amy tinham na base de sua relação um vínculo forte de afeto e amor, que foi sufocado por papéis familiares e uma crescente inveja e rivalidade entre elas. A traição trouxe a sombra à tona e elas se libertaram, regatando o vínculo positivo de antes, embora não sem muito sofrimento e dor. Ripps (1994) traz também o caso de Sheila, que após ter o marido roubado pela irmã, levou muito tempo para começar a se curar desta ferida, e que hoje se ressentir por ter perdido a irmã.

Hollis (1999) traz uma importante contribuição para que se entenda a dor da perda relatada por Rose e por Sheila.

A experiência da perda só pode ser aguda quando algo de valor esteve na nossa vida. Se não existe a experiência da perda, não houve nada de valor. Para sofrer a dor, nos é exigido que reconheçamos o valor do que nos foi conferido (HOLLIS, 1999, p.58).

A dor da perda existe porque havia algo de valioso. Depois da cura, a energia investida naquele papel estará agora disponível para um novo caminho.

É importante compreender ainda que a traição seja uma forma de perda, em que o que se perde é a inocência, a confiança (HOLLIS, 1999).

Uma criança pode ser traída pelos pais através da negligência ou do abuso e tende a levar para toda a vida um padrão de relacionamento em que a traição se repetirá, pois esta é a sua verdade, o legado de uma vivência do passado que domina e define as escolhas do futuro. Rose viveu este padrão na relação com os

pais. Desta forma, a traição de Maggie era esperada, pois sempre foi abandonada. Jim também não tinha motivos que o levassem a não traí-la. Quando Maggie o faz, no entanto, mobiliza energias mais profundas e esta verdade pode ser questionada. A traição pode ser um chamado ao crescimento e o perdão é a única medida capaz de nos libertar do passado (HOLLIS, 1999).

Em todas as histórias o vínculo fraterno é posto à prova pelas irmãs. Sabe-se que a traição surge sempre da relação e vem a serviço da vida, da individuação. Carotenuto (2005) sustenta esta posição dizendo:

Podemos também dizer que quem trai pode ser considerado fiel à vida, porque a traição visa inconscientemente a transformar o vínculo inicial: não tenho a coragem ou a força de transformar a relação existente e então, com o impacto violento de um terceiro, posso revolucionar aquela situação e portanto ver o que acontecerá. É como se através do engano eu quisesse romper limites (p.123-124).

Ser traído, trair, tirar a mão que dá sustentação e permitir a queda são estratégias inconscientes de mudar a ordem corrente e restabelecer a ligação com o verdadeiro caminho de desenvolvimento, da individuação.

Importante lembrar o que Neumann (1991) em seu livro “Psicologia Profunda e Nova Ética” chama de ética da individuação, em que a psique busca a individuação, e para isso precisa abster-se de julgamentos morais no sentido de valorar os caminhos que a psique encontra para conduzir o indivíduo à sua trajetória de alma. A totalidade abrange as polaridades, e entre elas o bem e o mal, o racional e o irracional, entre outras. Superar a unilateralidade de uma realidade condicionada por valores culturais pode ser uma forma de se retomar o caminho para o acolhimento da realidade do mundo, integrando-a em uma unidade mais alta. Desta forma, a traição do ponto de vista moral pode servir a um propósito que vai além da moralidade, mas integra suas polaridades visando a individuação.

A relação fraterna parece abranger diferentes aspectos, que vão muito além daqueles vivenciados dentro de um relacionamento comum ou mesmo conjugal, pois remete às origens, à construção de ser, à história e ao sentimento primal de pertencimento e confiança. Ser traída pela irmã coloca a mulher em seu mais profundo abismo, pois aquela que é sua igual, que complementa o papel na família a abandona, a deixa cair. Sobreviver à queda parece ser o mais eficiente modo de se crescer. Hollis (1999) chega a defender que a elaboração da traição é o caminho

para se tornar adulto, pois amar apenas com segurança faz com que se permaneça criança, na imaturidade da idealização.

A sombra na fratria parece ir mais fundo e também mobilizar as mais arraigadas estruturas e verdades da mulher.

Cada uma das irmãs das díades teve a oportunidade de confrontarem-se umas com as outras, recolhendo projeções e reconstruindo seus caminhos.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo compreender a vivência da sombra na relação fraterna feminina, usando para isso a análise de três filmes cujas protagonistas eram irmãs.

Cada uma das personagens pôde se confrontar com elementos sombrios pessoais e familiares, o que criou a oportunidade para a ressignificação de papéis estabelecidos dentro da família e da fratria.

Pode-se observar ainda como as mulheres tendem a atuar seus papéis familiares na vida social mais ampla, perpetuando padrões de atuação e relação.

A fase de vida escolhida para esta observação foi a vida adulta jovem que compreende dos vinte a meados dos quarenta anos, sendo que cada década tem suas características particulares. Ver as personagens mais jovens, como Kat e Daisy (Três Mulheres, Três Amores, 1988), que estão mais próximas da adolescência, permite verificar o quanto a mãe e suas expectativas têm um peso maior sobre as duas do que nas outras duas histórias, em que as irmãs já estão entre os vinte ou trinta e poucos anos. Assim, a visão de Leder (1991) de que esta idade seria a mais propícia para se rever e transformar o relacionamento fraterno e estender estas mudanças para outros relacionamentos importantes parece ser confirmada.

A vivência sombria dentro da fratria mostra ter um forte impacto sobre seus membros, em especial pela relação e vínculos únicos que compreende. As irmãs falam de uma dor mais intensa e se percebe uma mobilização de sentimentos profunda quando se vive a sombra na fratria. As amizades e mesmo as traições familiares e conjugais parecem menos dolorosas quando vêm de fora. A dor de ser ferido por alguém de “dentro”, que deveria ser seu aliado e guardião de sua história e segredos, mostra ser particularmente impactante (DOWNING, 1999; RIPPS, 1994; ROWE, 2007).

Deduz-se assim, que a vivência sombria na fratria feminina, mais emocional e com menos carga de agressão consciente (CICIRELLI, 1995) pela intensidade de emoções que suscita pode ser um importante catalisador para a individuação.

A irmã, segundo Downing (1999), é igual e indiscutivelmente outra. É de certo modo a irmã “errada”, pois sempre aponta para o diverso na igualdade. Barcellos

(2006), Downing (1999) e Peay (2002) lembram que esta vivência é arquetípica, fundamental e será realizada com alguém ao longo da vida, seja na fratria ou fora dela, com uma irmã de alma. A vivência da diferença na igualdade, da horizontalidade funda as outras relações de paridade.

Viver a irmandade pode ser um rico caminho para o encontro com o Self, pois permite a integração das polaridades. Ser igual e diferente, singular e semelhante é função do fraterno (DOWNING, 1999; BARCELLOS, 2006).

Para a mulher que vive ainda mergulhada em uma cultura que tende a reprimir a agressividade e a rivalidade, a fratria traz estas vivências sem pedir permissão a valores culturais. Segue a ética da individuação (NEUMANN, 1991), empurrando cada uma das irmãs para o contato com o inconsciente.

A fratria dá maior sustentação que os outros vínculos para vivenciar o sombrio? As histórias analisadas mostram que sim, pois a irmã é um elemento importante demais para ser descartado. Abrir mão da irmã é desistir de parte de sua própria história, de um lugar na família.

Faz-se importantíssimo nos trabalhos terapêuticos que se explore mais não apenas a história individual, mas ainda a constituição e dinâmica familiares e a fratria, pois muito se pode compreender a partir daí. Uma mulher descolada da família e da fratria é apenas uma parte. Não se pode ignorar a história, papéis e relações que a formaram e que ainda vivem dentro dela.

O analista deve ainda ter cuidado na exploração, pois assim como os pais tendem a projetar na fratria dos filhos suas próprias vivências fraternas, o terapeuta pode incidir no mesmo caminho, o que pode nublificar a percepção da vivência fraterna do paciente.

A teoria junguiana traz à luz os conceitos de sombra, arquétipos e individuação, sem os quais não se poderia compreender os fenômenos observados da mesma forma. O arquétipo fraterno como tal é uma necessidade.

A teoria sistêmica ajudou imensamente a compreender estes fenômenos dentro de um sistema familiar mais amplo e dentro de um subsistema interligado, o fraterno.

A conexão entre as duas teorias permitiu o compreender da fratria de modo mais amplo e completo. O fraterno, além de ser uma vivência arquetípica, é ligado e interdependente de um sistema maior, o familiar. As vivências dos complexos

paterno e materno estão em pontos fundantes do fraterno. Sem esta observação, têm-se uma visão parcial e limitante de uma função muito mais abrangente.

Estudar a fratria feminina, que é permeada por conteúdos sombrios familiares e pessoais, ajudou a ter uma visão muito mais rica de como se constitui a psique feminina e seus papéis sociais. Não há ninguém que não traga em si parte de sua família e seus irmãos. A irmã mulher, suscita em sua igual o que só esta pessoa pode trazer. A vivência fraterna feminina é única e insubstituível.

O fato de irmãos homens poderem atuar mais abertamente a agressão e a se desfazerem de suas relações fraternas com mais frequência aponta para mais um estudo interessante, pois a sustentação pode não ser apenas cultural, como se aponta anteriormente. Como se constrói a psique masculina na vivência fraterna com suas especificidades merece futura atenção.

REFERÊNCIAS

ABRAMS, Jeremiah; ZWEIG, Connie. Introdução: o lado da sombra na vida cotidiana. In: ZWEIG, Connie; ABRAMS, Jeremiah (org). **Ao encontro da sombra**: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana. São Paulo: Cultrix, 1999, p. 15-24.

ADLER, Alfred. **Understanding life**. Minnesota: Hazelden Foundation, 1998.

AKHTAR, Salman; KRAMER, Selma. **Brothers and sisters**: developmental, dynamic, and technical aspects of the sibling relationship. Maryland: Rowman e Littlefield Publishers, Inc., 1999.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método das ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Editora Pioneira, 1998.

APTER, Terri. **The sister knot**: why we fight, why we're jealous, and why we'll love each other no matter what. New York: Norton e Company, Inc., 2007.

AUSTEN, Jane. **Razão e sensibilidade**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

BANK, Stephen P.; KAHN, Michael. **The sibling bond**. New York, USA: Basic Books, Inc. Publishers, 1982.

BARCELLOS, Gustavo. Psicopatologia das relações simétricas. **Psicopatología, Psicoterapia & Neurociencia**. Anais do IV Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana, Punta Del Leste, Uruguai: Editora Maria Pia Ciasullo, 2006, p. 41-48.

BARCELLOS, Gustavo. Individuação e função fraternal. **Desafios da prática: O paciente e o continente**. Anais do III Congresso Latino-Americano de Psicologia Analítica. Salvador: Lector Editora, 2003, p.159-166.

BARCELLOS, Gustavo. **O Irmão**: psicologia do arquétipo fraterno. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

BEEBE, John. The Anima in Film. In: HAUCKE, Christopher; ALISTER, Ian (Eds.). **Jung e film**. Londres: Brunner - Routledge, 2001.

BEDFORD, Victoria Hilkevitch. Theorizing about sibling relationships when parents become frail. In: BENGTON et. Al. (Eds.). **Sourcebook of Family Theory and Research**. Thousand Oaks: Sage, 2005, p.173-174.

BENGHOZI, Pierre; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Laço fraterno e continente fraterno como sustentação do laço genealógico. In: FÉRES- CARNEIRO, Terezinha. **Casamento e família: do social à clínica**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001, p.112-118.

BERRY, Patrícia. A Sombra: agente provocador. In: DOWNING, Christine (org.). **Espelhos do Self: as imagens arquetípicas que moldam a sua vida**. São Paulo: Cultrix, 1998, p. 37-38.

BLY, Robert. A comprida sacola que arrastamos atrás de nós. In: ZWEIG, Connie; ABRAMS, Jeremiah (org). **Ao encontro da sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana**. São Paulo: Cultrix, 1999, p. 15-24.

BOWBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos: Apego**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BOWBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos: Perda, Tristeza e Depressão**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

BRITTO, Nise. **Rivalidade fraterna: o ódio e o ciúme entre irmãos**. São Paulo: Ágora, 2002.

BRODY, Gene H. Sibling Relationship Quality: its causes and consequences. **Annual Review of Psychology**. n. 49; vol 07, p. 01-19, 1998.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. **Psicopatologia Simbólica Junguiana**. São Paulo: Linear B Gráfica e Editora, 2006.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. **Psicologia Simbólica Junguiana**. São Paulo: Linear B Gráfica e Editora, 2008.

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CAROTENUTO, Aldo. **Eros e Pathos**: amor e sofrimento. São Paulo: Paulus, 2005.

CAROTENUTO, Aldo. **Amar Trair**: quase uma apologia da traição. São Paulo: Paulus, 2004.

CHACHERE, Richard. **Jungian Reflexions on Literary and Film Classics**: Opus 2 – Legends of the Fall. Lafayette, Louisiana: Cypremort Point Press, 2004.

CICIRELLI, Victor. **Sibling Relationships Across Life Span**. New York: Plenum Press, 1995.

D'ALLONES, Claude Revault. O Estudo de Caso: da ilustração à convicção. In: D'ALLONNES Claude Revault; ASSOULY- PIQUET, Colette; SLAMA, Fethi Bem. **Os procedimentos clínicos nas ciências humanas**: documentos, métodos e problemas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

DOWNING, Christine. Irmãs e Irmãos. In: DOWNING, Christine (org.). **Espelhos do Self**: as imagens arquetípicas que moldam a sua vida. São Paulo: Cultrix, 1998, p. 114-120.

DOWNING, Christine. **Psyche's sisters**: re-imagining the meaning of sisterhood. New Orleans, Louisiana, Spring Journal, Inc., 2007.

DOWNING, Christine. Irmãs e Irmãos lançando sombras. In: ZWEIG, Connie; ABRAMS, Jeremiah (org.). **Ao encontro da sombra**: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana. São Paulo: Cultrix, 1999, p. 87-91.

EDINGER, Edward F. **The creation of consciousness**: Jung's myth for modern man. Canadá: Kromar Printing – Inner City Books, 1984.

ESQUIVEL, Laura. **Como água para chocolate**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Contos dos irmãos Grimm**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FERNANDES, Otília Monteiro; ALARCÃO, Madalena; RAPOSO, José Vasconcelos. Posição na fratria e personalidade. **Estudos de Psicologia**. Campinas, vol.24, n. 3, p. 297-304, jul.-set., 2007.

FERREIRA, Eleonora Arnaud Pereira; METTEL, Thereza Pontual de Lemos. Siblings interaction in formal care situation. **Psicol. Reflex. Crit.: online**. 1999, vol. 12, no. 1 [cited 2008-06-15], pp. 133-146. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttextepid=S0102-79721999000100009&lng=en&rm=iso>. ISSN 0102-7972. doi: 10.1590/S0102-79721999000100009>. Acesso em: 30/07/2009.

FUNDERBURG, Lise. Why We Break Up With Our Siblings. **Time: in partnership with CNN: online**. 18 de dezembro, 2000. Disponível em: <<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,998786,00.html>>. Acesso em: 30/07/2009.

GOLDSMID, Rebeca; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, vol.13, n. 2, p. 293-308, dez. 2007.

HAWTHORNE, Lílian S. **Sisters and brothers all these years**. Massachusetts: VanderWyk e Burnham, 2003.

HENDERSON, Joseph, L. **Shadow and Self**: selected papers in analytical psychology. Illinois: Chiron Publications, 1990.

HOCK, Roger R. **Forty studies that changed psychology**: explorations into the history of psychological research. Prentice Hall: New Jersey, 1999.

HOLLIS, James. **Os Pantanaís da Alma**: nova vida em lugares sombrios. São Paulo: Paulus, 1999.

HUDSON, Frederic M. **The adult years**: mastering the art of self-renewal. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1999.

IZOD, Jonh. **Myth, mind and screen**: understanding the heroes of our time. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

JUNG, Carl Gustav. **Aion**: estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo. In: Obras Completas, Vol. IX/2. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

_____. **A Energia Psíquica**. In: Obras Completas, Vol. VIII/1. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

_____. **Freud e a Psicanálise**. In: Obras Completas, Vol. IV. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1989.

_____. **Tipos Psicológicos**. In: Obras Completas, Vol. VI. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1991.

_____. **O Eu e o Inconsciente**. In: Obras Completas, Vol. VII-II. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1991.

_____. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. In: Obras Completas, Vol. IX-I. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

_____. **Mysterium Coniunctionis**. In: Obras Completas, Vol. XIV-I. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

_____. **Ab-reação, Análise dos Sonhos, Transferência**. In: Obras Completas, Vol. XVI-II. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

_____. **Escritos Diversos**. In: Obras Completas, Vol. X e XI. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2003.

JUNG, Emma. **Animus e Anima**. São Paulo: Cultrix, 2006.

KITTELSON, Mary-Lynn (Ed.). **The soul of the popular culture**: looking at contemporary heroes, myths and monsters. Illinois: Open Court, 1998.

KRANZ, Judith. **New York, New York**. RJ: Editora Record, 1976.

LA TAILLE, Yves de. **Vergonha**: a ferida moral. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

LEDER, Jane Mersky. **Brothers e sisters: how they shape our lives.** New York: Ballantine Books, 1991.

MERREL, Susan Scarf. **The Accidental Bond: how sibling connections influence adult relationships.** New York: Ballantine Books, 1995.

MILLMAN, Marcia. **The perfect sister: what draw us together, what drives us apart.** USA: Harcourt, Inc, 2004.

NEUMANN, Erich. **Psicologia profunda e nova ética.** São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

NEWTON, Lara. **Brothers and Sisters: discovering the psychology of companionship.** New Orleans, Louisiana: Spring Journal Books, 2007.

OLIVEIRA, Adriana Leônidas de. **Irmãos, meio-irmãos e co-irmãos: a dinâmica das relações fraternas no recasamento.** 2005. Tese (Doutorado em psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo

_____. Família e Irmãos. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira (org.). **Família e...: narrativas, gênero, parentalidade, irmãos, filhos nos divórcios, genealogia, história, estrutura, violência, intervenção sistêmica, rede social.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, Capítulo 4, p. 63-82.

_____. **Irmãos ao longo da vida: construindo uma memória compartilhada, compartilhando uma memória construída.** 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). - Departamento Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

PEAY, Phythia. **Soul sisters: the five sacred qualities of a woman's soul.** New York: Jeremy Tarcher/Putnam, 2002.

PEREZ, Adriana Fork. O filho primogênito: suas características e seus relacionamentos no contexto familiar. In: WAGNER, Adriana (coord.). **Família em cena: tramas, dramas e transformações.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002, p.113-131.

PIERI, Paolo Francesco. **Dicionário junguiano.** Tradução São Paulo: Editora Paulus, 2002.

PINQUART, Martin; SILBEREISEN, Rainer K. Influences of parents and siblings on the development of children and adolescents. In: BENGTSON, Vern L. et al. (Eds.) **Sourcebook of family theory and research**. Thousand Oaks: Sage, 2005, p.367-391.

PIPHER, Mary. **O resgate de Ofélia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

RIPPS, Susan. **Sisters: devoted or divided**. New York: Kensington Books, 1994.

ROWE, Dorothy. **My dearest enemy, my dangerous friend: making and breaking sibling bonds**. New York, Routledge, 2007.

SAMPIERI, Roberto Hernandez. **Metodologia de Pesquisa**. São Paulo: Mc Graw-Hill, 2006.

SANDMAIER, Marian. **Original kin: the search for connection among adult sisters and brothers**. New York: Penguin Books/ Plume, 1994.

SANFORD, John A. Os pais e a sombra dos filhos, In: ZWEIG, Connie; ABRAMS, Jeremiah (org). **Ao encontro da sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana**. São Paulo: Cultrix, 1999, p. 79-81.

SHARP, Darryl. Meu irmão e eu. In: ZWEIG, Connie; ABRAMS, Jeremiah (org). **Ao Encontro da Sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana**. São Paulo: Cultrix, 1991, p. 92-94.

SILVEIRA, Luiza Maria de O. Braga. O relacionamento fraterno e suas características ao longo do ciclo vital da família. In: WAGNER, Adriana (Coord.). **Família em cena: tramas, dramas e transformações**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002, p.93-112.

SIMMONS, Rachel. **Garota fora do jogo: a cultura oculta da agressão nas meninas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SPESSOTO, Rosana. Hera. In: ALVARENGA, Maria Zélia (org). **Mitologia simbólica: estruturas da psique e regências míticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

STARK, Vikki. **My sister, my Self**. New York: McGraw Hill, 2007.

STEIN, Murray. **Jung: o mapa da alma**. São Paulo: Cultrix, 2006.

ULANOV, Ann; ULANOV, Barry. **Cinderella and her sisters: the envied and the envying**. Canada: Daimon, 2000.

WAHBA, Liliana Liviano. Mano: um ensaio sobre o amor fraterno. **Junguiana**. São Paulo, n. 11, p. 10-19, 1993.

WALKER, Aléxis J.; ALLEN, Katherine R.; CONNIDIS, Ingrid Arnet. Theorizing and Studying Sibling Ties in Adulthood, In: BENGTON, Vern L. et al. (Eds.). **Sourcebook of family theory and research**. Thousand Oaks: Sage, 2005, p.167-181.

WHITMONT, Edward C. **Em Busca do símbolo: conceitos básicos de psicologia analítica**. São Paulo: Cultrix, 1995.

ZWEIG, Connie; WOLF, Steve. **O jogo das sombras: iluminando o lado escuro da alma**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

Referências Filmográficas

EM SEU LUGAR (In her Shoes), Direção de Curtis Hanson. Roteiro de Susannah Grant. Produtor Ridley Scott. Estados Unidos: Twentieth Century Fox Film Corporation, 2005. 1 DVD (130 min.) son., color, legendas em português.

MUITO BEM ACOMPANHADA (The Wedding Date), Direção de Clare Kilner. Roteiro de Dana Fox. Co- produtor Jeff Levine. Estados Unidos: Universal Studios, 2006. 1 DVD (90 min.) son., cor, legendas em português.

OS QUERIDINHOS DA AMÉRICA (America's Sweethearts), Direção de Joe Roth. Roteiro de Billy Crystal & Peter Tolan, Produtores Susan Arnold, Donna Arkoff Roth & Billy Crystal. Estados Unidos, Columbia Pictures Industries Inc, 2001. 1 DVD (103 min.) son. cor, legendas em português.

TRÊS MULHERES, TRÊS AMORES (Mystic Pizza), Direção de Donald Petrie. Roteiro de Amy Jones, Perry Howze, Randy Howze & Alfred Uhry. Produtor. Mark

Levinson & Scott Rosenfelt. Estados Unidos: The Samuel Goldwyn Company, 1988. 1 DVD (105 min.) son., cor, legendas em português.

PARA SEMPRE CINDERELLA (Ever After), Direção de Andy Tenant. Roteiro de Susannah Grant, Andy Tenant & Rick Parks. Produtor Mireille Soria & Tracey Trench. Estados Unidos: Twentieth Century Fox Film Corporation, 1998. 1 DVD (121 min.), son., cor, legendas em português.

TITANIC (Titanic), Direção de James Cameron. Roteiro de James Cameron. Co-produtor James Cameron. Estados Unidos: Paramount, 1997. 1 DVD (194 min.), son., cor, legendas em português.

AVATAR (Avatar), Direção de James Cameron e Roteiro de James Cameron. Co-produtor James Cameron. Estados Unidos: Twentieth Century Fox Film Corporation, 2009. 1 DVD (162 min.), son., cor, legendas em português.